

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Mestrado em Comunicação

Mariana Argoud Dias

Corpos televisuais:
percepções e exigências sobre a aparência das telejornalistas brasileiras

Porto Alegre
2022

Mariana Argoud Dias

Corpos televisuais:

percepções e exigências sobre a aparência das telejornalistas brasileiras

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof^a Dr^a Nísia Martins do Rosário Nísia Martins do Rosário

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Dias, Mariana Argoud

Corpos televisuais: percepções e exigências sobre a aparência das telejornalistas brasileiras / Mariana Argoud Dias. -- 2022.

190 f.

Orientadora: Nísia Martins do Rosário.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. mulher. 2. telejornalismo. 3. campo. 4. corpo. 5. padrão estético. I. Rosário, Nísia Martins do, orient. II. Título.

Mariana Argoud Dias

Corpos televisuais:

percepções e exigências sobre a aparência das telejornalistas brasileiras

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof^a Dr^a Nísia Martins do Rosário

Aprovada em: Porto Alegre, 22 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Nísia Martins do Rosário
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a Dr^a Marislei da Silveira Ribeiro
Universidade Federal de Pelotas

Prof^a Dr^a Laura Hastenpflug Wottrich Cougo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dr^a Adriana Pierre Coca

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi entregue por um ato de coragem – a coragem de não desistir, apesar das dificuldades e desafios. Esta dissertação foi planejada em 2019, quando nem se pensava em viver uma pandemia. Mas os planos para o meu mestrado foram completamente diferentes da realidade. Em 8 de março de 2020, dia simbólico, fiz a minha mudança para Porto Alegre. Tive duas aulas na Fabico: segunda e quarta-feira. Almocei no RU, conversei com colegas, visitei a biblioteca, planejei ir de bicicleta na semana seguinte. No dia 12 de março, voltei para Pelotas, minha cidade natal, para passar o final de semana. Não voltei para a Fabico desde então. Entre as incertezas do futuro, retornam as aulas, as leituras, os planejamentos. Minha sala de aula coube dentro de uma mochila, que eu conseguia levar nas viagens que fazia para visitar o meu namorado, que morou durante um ano a cinco horas de distância. Essa mesma sala de aula que dividia espaço com a minha cama dentro do meu quarto. Dei conta de disciplinas, créditos, seminários, congressos, tudo de dentro de casa, enquanto buscava, acima de tudo, proteção e saúde para mim e para os meus.

Em 2021, iniciei um trabalho em turno integral e me dividi entre trabalhar 8 horas do dia, fazer dois estágios docência, uma disciplina, escrever para a qualificação e cuidar da casa. A escrita ficou mais lenta, a cobrança interna maior. Fiquei semanas sem conseguir trabalhar no meu texto, com ansiedade e cansaço pela rotina. Eu e Nísia, minha orientadora – que eu vi ao vivo apenas uma vez na vida, no dia da entrevista do mestrado – conseguimos pedir prorrogação. Documento pronto, qualificado, enviado ao comitê de ética. Dissertação que segue – ainda em marcha lenta, com mais afinco aos fins de semana. Semanas de trabalho, sábados e domingos de leituras e construção de texto, sem descanso; nas férias do trabalho, trabalho na dissertação.

Foi dessa forma que este texto foi construído. Em casa, nos intervalos de um trabalho em turno integral, aos finais de semana, nas férias. Sem acesso a biblioteca, sem acesso físico aos professores, sem acesso físico aos colegas, sem acesso físico ao campus. Não tive a oportunidade de trocar ideia sobre teorias no café do intervalo, não pude debater leituras em um grupo de pesquisa ao vivo. Uma experiência atípica de mestrado, diferente da que eu imaginei. Não foi fácil. Por isso, acredito que defender essa dissertação faz parte de um ato de coragem que tomei.

Essa coragem que não é só minha. Aos que me ajudaram a construí-la, trago meus agradecimentos.

Primeiramente, agradeço a Deus, pela vida e pela força de continuar.

Agradeço à minha família: mãe, pai, Filipe, Dudu e Natália, por acreditarem nos meus sonhos, no meu potencial e pelo incentivo incondicional. Por segurarem a minha mão quando ficou difícil e por terem orgulho de cada passo da minha caminhada. Um especial “muito obrigada” à minha irmã, por ter sido uma grande parceira, por me ouvir, sempre me impulsionar e pela revisão desse trabalho.

Agradeço ao meu companheiro e grande amor, Estevan. Sem ti, não teria dissertação. Foi tu quem acreditou na minha capacidade quando eu não conseguia ver possibilidade de fazer este trabalho – e me reforçou que “não ser capaz” era a única justificativa que eu não poderia usar para desistir. Foi tu quem me abraçou quando eu chorava – de cansaço, de ansiedade e de medo de não conseguir. Foi tu quem fez café, janta, chimarrão, tudo para que eu não precisasse me preocupar e pudesse só seguir escrevendo. Foi tu quem ajudou nas transcrições, nas ideias e no referencial teórico. Obrigada pelo apoio, pela paciência e pelo amor.

Agradeço aos meus amigos – Laura, Emili, Violetta, Júlia, Luiza, Mari Nunes, Arthur, Gabriel, Nelli, Mari, Carol, Marlon, Rafa, Vitória e Gota: pela paciência para me ouvir, pelo eterno incentivo e pelo afeto compartilhado sempre.

Agradeço aos grandes amigos que o mestrado me presenteou: Sérgio e Kelly. Foram vocês que tornaram a caminhada mais leve. Sérgio, que dividiu comigo tantos momentos durante as disciplinas que fizemos juntos – nos falávamos tanto que parecia que a aula era presencial. Obrigada pela leitura atenta e carinhosa aos meus artigos das disciplinas, pelo afeto nas conversas, por me ouvir e se deixar ser ouvido por mim. Obrigada por ser esse amigo que trouxe graça para os dias mais difíceis durante a pós-graduação. Kelly, que não foi só colega de mestrado, mas colega de trabalho – justamente por indicação dela. Não é possível pensar em arrependimento em relação a ter entrado no mestrado quando penso que foi por esse motivo que eu conheci a Kelly. Com ela aprendi (e sigo aprendendo) tanto sobre todas as coisas. Foi com ela que eu pude dividir as dificuldades de tentar dar conta de tudo (e falhar), sabendo que ela sabia exatamente o que eu estava falando. Obrigada pela amizade e pelo acolhimento.

Agradeço à professora Nísia. O abraço que recebi na entrevista de mestrado já me dizia como seriam os anos de orientação – com acolhimento. Obrigada pela

generosidade de dividir teus conhecimentos – tantos teóricos quanto práticos –, por ser tão parceira na hora de revisar tudo em prazos apertados, por ser compreensiva comigo e por nunca me deixar perder a “força na peruca”, mesmo nos momentos mais difíceis da construção desse trabalho. Mesmo que de fato o encontro físico só tenha se dado uma vez, tenho grande afeto pela nossa caminhada juntas nos meus anos de mestrado. Foi uma honra ter sido tua orientanda.

Agradeço aos colegas de Corporalidades, por dividirem seus conhecimentos comigo ao longo dos nossos debates, por compartilharem leituras, anseios, e por terem sido “os rostos conhecidos” ao longo do meu primeiro ano de mestrado, mesmo que pelos quadradinhos do Zoom.

Agradeço à minha equipe de trabalho, em especial ao Jean e a Amanda, pela força e pela compreensão. Esse trabalho foi possível também porque vocês flexibilizaram horários, compreenderam folgas e organizaram as minhas demandas para que eu pudesse ter a liberdade de escrever. Obrigada pela gentileza, pelo incentivo ao longo dessa caminhada, pela amizade e pela parceria que vai além do trabalho.

Agradeço às pesquisadoras Adriana Coca e Laura Wottrich, pelas gentis considerações e pelos importantes apontamentos ao meu trabalho na banca de qualificação. A observação de vocês trouxe novas reflexões e direcionamentos para este trabalho. Agradeço também à professora Marislei Ribeiro, que aceitou contribuir com esta dissertação na banca final e, conseqüentemente, com o meu desenvolvimento enquanto pesquisadora.

Por fim, agradeço às minhas entrevistadas, por dedicarem um momento das suas rotinas corridas e atarefadas para compartilharem comigo um pedaço de suas trajetórias profissionais, seus anseios, suas questões e problemáticas sobre o trabalho no telejornalismo. Ouvir o relato de vocês quatro foi a tomada de fôlego que eu precisava para lembrar o porquê comecei essa pesquisa.

“Há uma história que não está na história
e que só pode ser resgatada aguçando os ouvidos
e escutando o sussurro das mulheres.”
(ROSA MONTERO, 1995)

RESUMO

Este trabalho aborda as configurações dos corpos das mulheres telejornalistas de TV aberta no Brasil. O estudo procura compreender de que forma o subcampo telejornalístico interfere nas características desses corpos, seja pela definição de quais mulheres estão na tela, seja por exigências feitas às profissionais em relação a sua aparência. Para essa compreensão, a pesquisa apresenta os conceitos de campo e *habitus*, de Pierre Bourdieu (1989, 1997, 2007, 2011), aplicando-os ao jornalismo e ao telejornalismo, observando suas características enquanto campo e subcampo – as regras específicas e os capitais simbólicos valorizados. Além disso, traz a contextualização das realidades das mulheres na sociedade, tendo em vista, entre outras problemáticas, as diferenças na relação com o trabalho e as cobranças sobre suas aparências. Para isto, utiliza-se as contribuições de autoras como Beauvoir (1970a, 1970b), Saffioti (2015), Louro (1997), Tiburi (2018), Scott (2019) e hooks (2019). São observados, também, os padrões de beleza no Brasil ao longo dos anos, com contribuições de Le Breton (2007), Sant’anna (2014) e Laus (2012). Para perceber questões relativas a uma padronização no corpo das mulheres telejornalistas, apresenta-se um panorama de pesquisas na área, além de uma análise quantitativa da aparência física dessas mulheres nos principais telejornais das emissoras de canal aberto da TV brasileira, analisando 64 mulheres. Essa observação constata um padrão estético: a maioria das telejornalistas é branca, magra, de cabelos lisos, médios e castanhos, não tem rugas, utiliza maquiagem buscando uniformizar a pele e usa figurino com roupas de alfaiataria e acessórios pequenos. Apresenta-se também as percepções de profissionais telejornalistas que trabalham/trabalharam em emissoras de TV aberta no Brasil, a partir de entrevistas semiestruturadas com quatro profissionais. Esse procedimento metodológico teve como objetivo conhecer as vivências e experiências dessas mulheres na correlação profissão e corpo; que tipo de incentivos e solicitações receberam no que diz respeito a cabelo, figurino, maquiagem e forma do corpo; se sofrem/sofreram discriminação pela sua aparência física; entre outros. As entrevistadas trazem percepções que narram perspectivas similares acerca da estética física: as telejornalistas são padronizadas esteticamente ao longo da sua vida profissional, em maior ou menor grau. Dessa forma, o estudo problematiza o subcampo telejornalístico e o modo como configura os corpos de mulheres apresentadoras e repórteres, de forma direta e indireta, buscando padronizá-los a partir de diretrizes relacionadas a cor de pele, formato de corpo, textura de cabelo, figurino e maquiagem.

Palavras-chave: mulher; telejornalismo; campo; corpo; padrão estético.

ABSTRACT

This work approaches the body configuration of broadcast-journalist women of free-to-air Brazilian televisions. The study sought to understand in which form the broadcasting subfield interfere in the bodies characteristics, either by the definition of which women are in the screen, by demands placed to these professionals in relation to their physical appearance. Owing to this comprehension, the research displays Pierre Bourdieu's (1989, 1997, 2007, 2011) concepts of *field* and *habitus*, applied to journalism and to broadcast journalism, regarding the characteristics as field and subfield — the specific rules and the symbolic capital valued. Furthermore, it bears the contextualization of these women's realities in society, considering, among other issues, the differences of their relation with their job and the demands placed on their physical appearance. In order to do so, it was employed Beauvoir's (1970a, 1970b), Saffioti's (2015), Louro's (1997), Tiburi's (2018), Scott's (2019), and hooks' (2019) contributions. It was also observed the beauty patterns in Brazil throughout the years, based on Le Breton (2007), Sant'anna (2014), and Laus (2012). In pursuance of answering the matter on the broadcast-journalist women's body standardization, it was presented an outlook of the field researches, in addition to a quantitative research on the physical appearance of this womenfolk in the main television-news programs of the free-to-air broadcasting channels in Brazilian television, analysing 64 women. This observation found an aesthetic pattern: most of the women broadcast journalists are white, thin, have smooth and average-size hair, without wrinkles, use makeup, in attempt to standardize the hair, uses tailoring apparel and small accessories. It was also remarked the perceptions of professional television journalists who work/worked in free-to-air broadcasting channels in Brazil, from semi-structured interviews with four pros, that had as objective know the background and experience of these women in correlation to their job and body; what type of incentive and solicitations they were demanded in relation to their hair, clothing, makeup, and body shape; if they have suffered or had suffered discrimination due to their physical appearance; etc. The interviewees brought perceptions that tell similar perspectives on physical aesthetic: the broadcast journalists are standardized aesthetically throughout their professional lives, to a greater or lesser extent. Therefore, the study had as result the broadcasting journalism subfield sets the women presenter's and women reporters' bodies up, in a direct or indirect way, trying to standardize them based on skin colour, body shape, hair texture, clothing, and makeup guidelines.

Keywords: woman; broadcast journalism; field; body; aesthetic pattern.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentadores do Jornal Nacional em Plano Americano e Primeiro Plano, respectivamente	37
Figura 2 – Comparação da imagem de Fátima Bernardes no Jornal Nacional e no programa Encontro	68
Figura 3 – Capturas de tela de William Bonner apresentando o Jornal Nacional e Elói Zorzetto apresentando o RBS Notícias, ambos em 2022	71
Figura 4 – Escala de Silhueta de Kakeshita et al. (2009)	76
Figura 5 – Exemplos de lábios finos, médios e grossos	76
Figura 6 – Exemplos de nariz fino, médio e largo	77
Figuras 7 e 8 – Capturas de tela de Ana Paula Araújo	78
Figura 9 – Captura de tela de Ana Zimmerman	78
Figura 10 – Captura de tela de Geiza Duarte	78
Figura 11 – Captura de tela de Patrícia Falcoski	79
Figura 12 – Captura de tela de Luísa Doyle	79
Figuras 13 e 14 – Captura de tela de Thais Andrioli e imagem coletada no perfil do Instagram	80
Figura 15 – Captura de tela de Cecília Malan	80
Figura 16 – Captura de tela de Bianca Rothier	81
Figura 17 – Captura de tela de Raquel Krahenbuhl	81
Figura 18 – Captura de tela de Sandra Coutinho	81
Figura 19 – Captura de tela de Andréia Sadi	82
Figura 20 – Captura de tela de Elaine Blast	82
Figuras 21 e 22 – Captura de tela de Vanessa Rumor e imagem coletada no perfil do Instagram	82
Figuras 23 e 24 – Captura de tela de Gioconda Brasil e imagem coletada no perfil do Instagram	83
Figuras 25 e 26 – Captura de tela de Ana Paula Rehbein e imagem coletada no perfil do Instagram	83
Figura 27 – Captura de tela de Manoela Messias	84
Figuras 28 e 29 – Captura de tela de Dulcinéia Novaes e imagem coletada no perfil do Instagram	84
Figuras 30 e 31 – Capturas de tela de Renata Vasconcellos	85
Figura 32 – Captura de tela de Michelle Barros	85
Figuras 33 e 34 – Captura de tela de Renata Ribeiro e imagem coletada no perfil do Instagram	86
Figuras 35 e 36 – Captura de tela de Bette Lucchese e imagem coletada no	86

perfil do Instagram	
Figuras 37 e 38 – Captura de tela de Camila Oliveira e imagem coletada no perfil do Instagram	87
Figuras 39 e 40 – Captura de tela de Renata Lo Prete	88
Figura 41 – Captura de tela de Ilze Scamparini	88
Figuras 42 e 43 – Captura de tela de Malu Mazza e imagem coletada no perfil do LinkedIn	89
Figuras 44 e 45 - Captura de tela de Giuliana Morrone e imagem coletada no perfil do Instagram	89
Figura 46 – Captura de tela de Fernanda Graell	90
Figuras 47 e 48 – Captura de tela de Ana Paula Campos e imagem coletada no perfil do Instagram	90
Figuras 49 e 50 – Capturas de tela de Thais Dias	91
Figuras 51 e 52 – Captura de tela de Maiara Bastianello e imagem coletada no perfil do Instagram	91
Figura 53 – Captura de tela de Iva Soares	92
Figura 54 – Captura de tela de Joana Treptow	92
Figura 55 – Captura de tela de Lana Canepa	93
Figura 56 – Captura de tela de Paloma Tocci	93
Figuras 57 e 58 – Captura de tela de Mariana Procópio e imagem coletada no perfil do Instagram	94
Figuras 59 e 60 – Captura de tela de Milene Rios e imagem coletada no perfil do Instagram:	94
Figuras 61 e 62 – Captura de tela de Laura França e imagem coletada no perfil do Instagram	95
Figuras 63 e 64 – Captura de tela de Carolina Villela e imagem coletada no perfil do Instagram	95
Figuras 65 e 66 – Captura de tela de Sonia Blota e imagem coletada no perfil do Instagram	96
Figura 67 – Captura de tela de Márcia Dantas	97
Figura 68 – Captura de tela de Flávia Travassos	97
Figura 69 – Captura de tela de Soane Guerreiro	97
Figura 70 – Captura de tela de Simone Queiroz	98
Figura 71 – Captura de tela de Yula Rocha	98
Figura 72 – Captura de tela de Patrícia Vasconcellos	99
Figura 73 – Captura de tela de Liane Borges	99
Figura 74 – Captura de tela de Débora Bergamasco	99
Figuras 75 e 76 – Captura de tela de Nara Bandeira e imagem coletada no perfil do Instagram	100

Figura 77 – Captura de tela de Mariana Godoy	101
Figura 78 – Captura de tela de Micheli Rosa	101
Figuras 79 e 80 – Captura de tela de Fabíola Correa e imagem coletada no perfil do Instagram	101
Figura 81 e 82 – Captura de tela de Cleisla Garcia e imagem coletada no perfil do Instagram	102
Figura 83 – Captura de tela de Ana Paula Gomes	102
Figura 84 – Captura de tela de Maria Carolina Paz	103
Figura 85 – Captura de tela de Daysa Belini	103
Figuras 86 e 87 – Captura de tela de Silvia Kikuchi e imagem coletada no perfil do Twitter	104
Figura 88 – Captura de tela de Marceli Dutra	104
Figuras 89 e 90 – Capturas de tela de Christina Lemos	105
Figura 91 – Captura de tela de Thais Furlan	105
Figura 92 – Captura de tela de Fernanda Sanches	106
Figuras 93 e 94 – Captura de tela de Adriana Perroni e imagem coletada no perfil do Instagram	106
Figura 95 – Captura de tela de Renata Loures	106
Figura 96 - Captura de tela de Patricia Nielsen	107
Figuras 97 e 98 – Captura de tela de Catarina Hong	107
Figura 99 – Mulher branca, de cabelos lisos, castanhos e médios, magra, sem rugas aparentes, com pele uniforme, acessórios pequenos e roupas de alfaiataria	114

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Cor da pele	108
Gráfico 2 – Formato do corpo	108
Gráfico 3 – Textura do cabelo	109
Gráfico 4 – Tamanho do cabelo	109
Gráfico 5 – Cor do cabelo	110
Gráfico 6 – Presença de rugas	110
Gráfico 7 – Recorte do gráfico de figurino: as principais roupas utilizadas	113
Gráfico 8 – Recorte do gráfico de adereços	113
Gráfico 9 – Gráfico de idade das telejornalistas	113

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	SOBRE O TELEJORNALISMO E O CAMPO	21
2.1	O CAMPO POR BORDIEU	21
2.1.1	O campo jornalístico.....	24
2.2	O CONCEITO DE <i>HABITUS</i> E O <i>HABITUS</i> JORNALÍSTICO.....	29
2.3	TELEJORNALISMO: COMPREENDENDO AS CARACTERÍSTICAS DO SUBCAMPO E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE	32
3	CONEXÕES ENTRE MULHER, CORPO E BELEZA	41
3.1	MULHER: O OUTRO.....	42
3.2	FAMÍLIA, CASAMENTO E TRABALHO	45
3.3	A BELEZA COMO PILAR DA VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL DAS MULHERES	52
3.4	CORPO E PADRÃO DE BELEZA AO LONGO DOS ANOS	55
4	A APARÊNCIA DA TELEJORNALISTA BRASILEIRA: PADRONIZAÇÃO E REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSIONAL	66
4.1	PADRÃO ESTÉTICO DA TELEJORNALISTA: UM PANORAMA.....	66
4.2	A APARÊNCIA DAS TELEJORNALISTAS DAS EMISSORAS DE SINAL ABERTO DO BRASIL: UMA ANÁLISE	72
4.2.1	Rede Globo	77
4.2.1.1	Bom Dia Brasil.....	77
4.2.1.2	Jornal Hoje	80
4.2.1.3	Jornal Nacional.....	84
4.2.1.4	Jornal da Globo	87
4.2.2	Rede Bandeirantes.....	90
4.2.2.1	Bora Brasil	91
4.2.2.2	Jornal da Band	92
4.2.3	SBT	96
4.2.3.1	SBT Brasil	96
4.2.4	Rede Record	100
4.2.4.1	Fala Brasil	100
4.2.4.2	Jornal da Record	104

4.3	BRANCA, MAGRA E DE APARÊNCIA JOVEM: O PERFIL DA TELEJORNALISTA BRASILEIRA	107
5	A APARÊNCIA DA TELEJORNALISTA BRASILEIRA: A EXPERIÊNCIA VIVIDA	118
5.1	ENTREVISTA COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	118
5.2	AS ENTREVISTADAS E AS ENTREVISTAS	122
5.2.1	Cláudia	123
5.2.2	Joana	132
5.2.3	Bruna	140
5.2.4	Nathalia	145
5.3	ANÁLISES E OBSERVAÇÕES	153
5.3.1	Interferências do subcampo sobre o corpo e formas de padronização	153
5.3.2	Relação entre subcampo telejornalístico e o masculino	159
5.3.3	Propriedades do subcampo e características do <i>habitus</i> telejornalístico	161
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
	REFERÊNCIAS	178
	ANEXO A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	187

1 INTRODUÇÃO

Boa parte do público do telejornalismo brasileiro já deve ter percebido, durante algum momento em que esteve em frente à tela, que apresentadoras e repórteres seguem um determinado padrão de aparência física. Não apenas o público, mas as próprias profissionais se dão conta disso. “Antes, as redes diziam que as mulheres não tinham credibilidade. Decidiram inovar colocando mulheres, para dizer que não há machismo. Mas as feias não têm vez. É sempre um mesmo padrão. Loira de olhos azuis e morena de cabelo curtinho”, relata Glória Maria para a revista *Veja*, em 1994.¹ “Mulher não fica velha à frente dos programas. A TV brasileira trata muito mal as mulheres que envelhecem na frente das câmeras”, afirma Mariana Godoy, em entrevista ao UOL TV e Famosos². Falas como essas, de conhecidas jornalistas, estimulam a pensar sobre os espaços e as regularizações que atravessam a atuação das mulheres no telejornalismo.

O que se constata sobre a aparência na televisão é um espelho de dupla face: reflete a mídia na sociedade e vice-versa. E os modelos se impõem principalmente sobre os corpos femininos, valorizando os corpos que se adéquam aos padrões estéticos hegemônicos que se baseiam em características que exaltam, de forma geral, a pele branca e o corpo magro. Essa regularização não formata apenas o físico, mas também as interações, a aceitação do outro, a credibilidade, a sensualidade, entre outros. Formata, portanto, a própria cultura, as representações sociais e a forma com a qual os próprios indivíduos se enxergam.

Assim, o objeto da presente pesquisa leva em conta o panorama de inserção do telejornalismo no meio social, bem como o papel de apresentadoras e repórteres, não só como mediadoras da informação, mas como criadoras de credibilidade, legitimidade, empatia e, ainda, como modelo de confiabilidade, sendo capaz de gerar crenças. Nessa perspectiva, iniciamos problematizando os padrões físicos que podem ser observados na mídia como um todo, especialmente na televisão aberta. O telejornalismo, nesse sentido, chama atenção por não ser um domínio muito estudado sob essa ótica e por ser marcado, de acordo com o que pudemos perceber na primeira pesquisa exploratória, por diferenças acentuadas entre os corpos de homens e mulheres e por padronizações relativamente rígidas para elas. Assim, o

¹ Conforme Vilas Bôas (2020, p. 172).

² Disponível em <<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/mulheres-querem-poder-envelhecer-na-tv-esportiva/#cover>>. Acesso em 19 set 2021.

recorte se deu sobre a configuração dos corpos das repórteres e apresentadoras de telejornais de canais abertos no Brasil, compreendendo que a população recebe a imagem delas diariamente quando querem se informar. Buscamos estudar como se constitui a estética desses corpos femininos que estão à frente das notícias do país nos telejornais diários.

A questão central que será discutida no trabalho é: de que forma o subcampo telejornalístico configura os corpos de mulheres apresentadoras e repórteres de telejornais? Entendemos essa pergunta como norteadora, porque questiona qual corpo de mulher que está protagonizando no telejornalismo e de que forma esse subcampo interfere nesse corpo. Buscamos responder esse questionamento por três percursos: primeiramente, com a busca de embasamento teórico sobre televisão, telejornalismo e corporalidades de mulheres. Em seguida, correlacionamos essa trajetória com estudos já realizados no campo, isto é, resultados de investigações anteriores sobre as características físicas das telejornalistas brasileiras de TV aberta, complementando esses dados com uma análise quantitativa da aparência física dessas mulheres nos principais telejornais das emissoras de canal aberto da TV brasileira.

Em um terceiro momento, buscamos as percepções de profissionais que vivenciaram essa realidade, apresentadas através de entrevistas com jornalistas. Para esta pesquisa, ouvimos quatro mulheres de diferentes estados, idades, aparências físicas e colocações no mercado de trabalho. Em comum, todas trabalham/trabalharam em emissoras de televisão aberta no Brasil. Para que o leitor já comece uma interação com elas, passamos a apresentá-las: Cláudia, de 44 anos, que se considera uma mulher morena clara, possui cabelos lisos e foi modelo no início de sua carreira, trabalhou durante 20 anos como apresentadora de telejornais de transmissão nacional. Joana, de 41 anos, mulher negra de cabelos crespos e curtos, com coloração castanho escuro, foi apresentadora de telejornal de uma emissora educativa e repórter de cultura em uma afiliada de emissora de TV aberta. Bruna, de 27 anos, formada recentemente em jornalismo, é uma mulher branca, de cabelos lisos e corpo magro, que trabalhou como apresentadora de telejornal de TV a cabo e, atualmente, é videorepórter em uma afiliada de emissora de TV aberta. Nathalia, de 35 anos, mulher negra de cabelos lisos e compridos, que já trabalhou como repórter e apresentadora em uma emissora de TV a cabo e, atualmente, é

repórter e apresentadora em uma afiliada de emissora de TV aberta, apresentando telejornais principalmente no período de férias de colegas e aos finais de semana.

Considerando que as mulheres que interessam a essa investigação estão inseridas em um sistema jornalístico-midiático, que é bastante complexo e, em relação aos corpos, tem procedimentos e qualificações específicos não só quanto a aspectos técnicos, mas também estéticos, é importante compreender e problematizar alguns pontos, tais como: as características do telejornalismo; opressões e pressões estéticas sofridas pelas mulheres e o perfil das mulheres que estão no telejornalismo. O desenvolvimento desses temas será importante para buscar respostas ao problema de pesquisa.

Nessa perspectiva, temos como objetivo geral compreender de que forma o campo jornalístico configura corpos de mulheres apresentadoras e repórteres de telejornalismo. Como objetivos específicos, temos: a) correlacionar sobre os conceitos de campo e *habitus*, de Bourdieu (1989, 1997, 2007, 2011), com o telejornalismo, identificando características, regras e capitais contidos nesse subcampo; b) examinar dados e características do telejornalismo brasileiro, que contribuam para pensar o objeto empírico; c) problematizar conceitos de feminilidade, corpo e beleza em relação às mulheres, confrontando com a sociedade e com o telejornalismo; d) detectar a composição corporal de apresentadoras e repórteres de telejornais brasileiros de canal aberto, bem como verificar regularidades, continuidades e previsibilidades de sua linguagem corporal; e) apurar experiências e vivências de apresentadoras e repórteres de telejornais na correlação com seu fazer profissional, buscando entender como elas tensionam o campo e como são tensionadas por ele.

Compreendemos a importância do tema escolhido para o presente trabalho através de alguns pontos principais. O primeiro diz respeito às corporalidades femininas no âmbito profissional do jornalismo, que nos leva a questionar as formas de vida e opressões vividas pelas mulheres na sociedade como um todo, mas principalmente no âmbito profissional. Isso nos faz pensar sobre violência doméstica, feminicídio, violência psicológica, salários mais baixos, mutilação genital, proibição da possibilidade de estudar, casamento infantil. Todas essas e mais tantas formas de sofrimento que as mulheres do mundo todo experienciam, nos instigam a querer entender como traços desse contexto estão inseridos sutilmente e, às vezes, imperceptivelmente, no âmbito do telejornalismo.

Nesse cenário, dois ângulos se evidenciam no presente estudo: a opressão estética e as diferenças na divisão do trabalho. A pressão estética pode ser observada em diversos âmbitos da sociedade, com estímulo para que as mulheres se preocupem com a aparência, buscando sempre a beleza – seja pela maquiagem, por tratamentos estéticos, por dietas ou por cirurgias plásticas. A diferença na divisão do trabalho também é refletida nas mais diversas áreas, podendo ser observada em salários menores, na ausência de mulheres em cargos mais altos, bem como nas distinções na hora de serem admitidas e de permanecerem nos seus cargos, por exemplo. São violências que aparentam ser silenciosas, entretanto causam sofrimento às profissionais do subcampo telejornalístico: é preciso estar bela, jovem e magra; caso engorde, engravide³ ou envelheça⁴, poderá ser substituída por um novo rosto. Em oposição, os seus colegas homens envelhecem, engordam, ganham rugas e cabelos brancos, o que pode, até mesmo, trazer um ar de maior credibilidade. Todas essas configurações da atuação feminina no telejornalismo se consolidam pela regulação, pela repetição e pela previsibilidade do perfil da jornalista de TV. Nesse sentido, a sua exposição diária à população pelas telas acaba criando e reforçando padronizações inalcançáveis.

Outro ponto de relevância para o desenvolvimento dessa temática é a importância de se ouvir as vozes das mulheres que estão ou estiveram no subcampo telejornalístico. As vivências delas nesse espaço profissional poderão trazer outra perspectiva à investigação, a partir das práticas, das experiências e dos saberes construídos nessa área. A aproximação de apresentadoras e repórteres de telejornal permitirá que a pesquisa se enriqueça, que as questões acadêmicas sejam problematizadas e problematizem o próprio jornalismo, seus preceitos e regularidades.

Além disso, consideramos importante a necessidade de pensar os espaços profissionais da comunicação e o modo como a comunicação engendra os corpos que a representam. A pesquisa busca trazer uma reflexão para que o próprio

³ “Repórter da Globo volta de licença-maternidade e é demitida. Ela já havia sido afastada das reportagens em 2017 por estar acima do peso e, agora, foi desligada totalmente da emissora após dar à luz em dezembro.” Disponível em <<https://istoe.com.br/reporter-da-globo-volta-de-licenca-maternidade-e-e-demitida/>>. Acesso em 19 set 2021.

⁴ “Por umas rugas a mais: Esporte na TV escancara como as mulheres sofrem para envelhecer na tela, enquanto homens são celebrados.” Disponível em <<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/mulheres-querem-poder-envelhecer-na-tv-esportiva/#cover>>. Acesso em 19 set 2021.

jornalismo se repense, busque atualização, seja problematizado – sabendo, ainda, que esse é apenas um aspecto dentre tantos que devem ser levantados com relação a essa temática.

A pesquisa se dá, também, a partir da formação em jornalismo, do interesse pelo telejornalismo e pelo incômodo ao assistir televisão e ver, ainda em 2022, um perfil majoritariamente branco, magro, jovem e de cabelos lisos nas bancadas e nas reportagens. Poucos corpos destoam desse padrão na televisão, enquanto muitos destoam nas ruas.

Para guiar o leitor, abordamos aqui o trajeto deste texto: primeiramente, abordamos os conceitos de campo e *habitus*, de Pierre Bourdieu, aplicando-os ao jornalismo e ao telejornalismo, observando suas características enquanto campo e subcampo – as regras específicas, os capitais simbólicos valorizados, as relações com outros campos e as particularidades vividas pelos agentes.

Após, trazemos a contextualização das realidades das mulheres na sociedade, tendo em vista, entre outras problemáticas, as diferenças na relação com o trabalho e as cobranças sobre suas aparências. Utilizamos, para isto, as contribuições de autoras como Beauvoir (1970a, 1970b), Saffioti (2015), Louro (1997), Tiburi (2018), Scott (2019) e hooks (2019). Neste capítulo, observamos, também, os padrões de beleza no Brasil ao longo dos anos, com contribuições de Le Breton (2007), Sant’anna (2014) e Laus (2012).

Após a contextualização do assunto, buscamos respostas aos nossos questionamentos a partir de dois procedimentos metodológicos. Primeiramente, apresentamos um panorama de pesquisas realizadas na área em relação a aparência das telejornalistas no Brasil, buscando compreender quais foram os corpos apresentados ao longo dos anos, além de realizar a nossa análise quantitativa: observamos a aparência física das apresentadoras e repórteres dos principais jornais das emissoras de canal aberto da TV brasileira. O corpus foi composto pela quantidade de mulheres que apareceram em tela durante uma edição de cada programa (analisados nos meses de fevereiro e março de 2022), totalizando 64 mulheres.

Compreendendo que nem todas as nuances da problemática de pesquisa seriam visíveis na primeira análise, buscamos constatar as percepções das próprias jornalistas, a partir de entrevistas com quatro profissionais da área. As nossas entrevistadas foram escolhidas a partir de uma característica principal – estar

trabalhando ou ter trabalhado em uma emissora de TV aberta (seja ela afiliada ou de rede). Com as entrevistas, buscamos tendências e considerações sobre como o subcampo telejornalístico constrói os corpos das telejornalistas e sobre a importância desse tema para o trabalho dessas mulheres.

2 SOBRE O TELEJORNALISMO E O CAMPO

*“Não se compreende nada se não se compreende o campo que o produz e que lhe confere sua pequena força.”
(BOURDIEU, 1997, p. 78)*

Para entender as problemáticas que existem em torno do padrão estético das telejornalistas brasileiras, são necessários conhecimentos mais abrangentes sobre o espaço/território em que elas se inserem, sobre o funcionamento do jornalismo no Brasil e, especialmente, o jornalismo de televisão. Para estudar essa ambiência escolhemos conceitos vindos de Pierre Bourdieu (1989, 1997, 2007, 2011), que nos auxiliam a entender o subcampo telejornalístico, complementados pelo *habitus* e pelo capital simbólico. Desde já, propomos entender o jornalismo como um campo e o telejornalismo como um subcampo deste. Evidentemente, eles não estão separados: são interdependentes e estão em constante correlação.

2.1 O CAMPO POR BORDIEU

O autor francês Pierre Bourdieu trabalha o campo como um dos conceitos centrais em diversas de suas obras. Em “O poder simbólico”, Bourdieu (1989) dedica um capítulo às noções de campo e *habitus*, no qual, de forma sistemática e sintética, apresenta a concepção destes termos através de suas aplicações em diferentes contextos.

Por considerar que o trabalho de conceitualização pode ser cumulativo, Bourdieu (1989) traz o conceito de campo observando a utilização desta expressão por outros autores. Nesta obra, ele aborda a noção de campo a partir da análise do campo intelectual como um “universo relativamente autônomo de relações específicas” (BOURDIEU, 1989, p. 65-66) dentro de um universo mais amplo – a sociedade. De acordo com o autor, as relações visíveis entre os agentes desse campo – principalmente entre autores e editores – têm níveis invisíveis que demonstram as posições ocupadas por cada um dos atores, e que são determinantes no modo como as interações se estabelecem.

Tais eixos poderiam ser observados para além do âmbito do campo intelectual: o autor aplicou o instrumento de pensamento em domínios diferentes, observando não só as propriedades específicas de cada campo, mas propriedades

em comum entre eles. Em “O campo político” (2011), o autor aborda o quanto a construção de um campo permite, dentro das ciências sociais, a comparação com outros campos. Desse modo, segundo ele, um dos instrumentos mais eficazes dessa ciência pode ser utilizado – o método comparativo.

Ainda nesta obra, Bourdieu (2011) traz outra definição do conceito de campo: eles seriam microcosmos, ou seja, pequenos mundos sociais dentro de um grande mundo social. “Nele se encontrará um grande número de propriedades, relações, ações e processos que se encontram no mundo global, mas esses processos, esses fenômenos, se revestem aí de uma forma particular” (BOURDIEU, 2011, p. 195).

Nessa perspectiva, pode-se entrar no âmbito da autonomia, pois, de acordo com Bourdieu (2011), um campo seria um microcosmo relativamente autônomo dentro do macrocosmo social. Dessa forma, os campos possuem autonomia relativa: podem sofrer influências de outros campos. Por exemplo, o político influencia o jornalístico, o econômico influencia e é influenciado pelo político, e assim por diante.

Como afirmado por Bourdieu (2011, p. 201), “um campo é um campo de forças, e um campo de lutas para transformar as relações de forças. [...] as condutas dos agentes são determinadas por sua posição na estrutura da relação de forças característica desse campo no momento considerado” (BOURDIEU, 2011, p. 201). Dentro do campo, o que determina as posições dos agentes são os capitais materiais e simbólicos. Os capitais são uma espécie de “moeda” que os sujeitos possuem – ou não – e que são valiosas para o campo, determinando quais são os agentes dominantes e quais são os dominados. Dessa maneira, quem possui mais de um capital específico – que seja valorizado dentro do campo em que se insere – terá maior “poder” dentro do campo. Como afirmado anteriormente, cada campo tem suas próprias regras e leis e, da mesma forma, tem os capitais que são considerados mais valorizados dentro dele. Podemos citar como exemplos de capitais o econômico, o social, o político e o cultural. Porém, por existir a variação de acordo com cada campo, o autor deixa a teoria em aberto para a adição de capitais específicos de cada microcosmo, assim como a relevância de cada capital em relação ao campo:

Sendo capital uma relação social, ou seja, uma energia social que existe e produz seus efeitos apenas no campo em que ela se produz e se reproduz, cada uma das propriedades associadas a classe recebe seu valor e sua eficácia das leis específicas de cada campo: na prática, ou seja, em um campo particular, nem sempre todas as propriedades incorporadas (disposições) ou objetivadas (bens econômicos ou culturais), associadas

aos agentes, são eficientes simultaneamente; a lógica específica de cada campo determina aquelas que têm cotação neste mercado, sendo pertinentes e eficientes no jogo considerado, além de funcionarem, na relação com este campo, como capital específico e, por conseguinte, como fator explicativo das práticas. (BOURDIEU, 2007, p. 107)

Essa afirmação de Bourdieu é bastante relevante para entendermos como os capitais são produzidos e circulam dentro do campo jornalístico, para além do aspecto financeiro. Assim, parece importante buscarmos identificar quais são as “energias sociais” que produzem efeito sobre o campo e quais delas são relevantes. Também devemos verificar como elas atuam nas práticas cotidianas da profissão. A princípio, consideramos que, entre as mulheres, o capital corporal é bastante significativo no subcampo telejornalístico.

Ainda tratando das relações de poder dentro do campo, Bourdieu (1989) traz como exemplo a monarquia: o príncipe se sentia superior ao duque, o duque se sentia superior ao marquês e assim por diante, de forma que uma atitude gerava a outra. “Pelos efeitos de acção e reacção, o mecanismo social equilibrava-se, estabilizava-se numa espécie de equilíbrio instável” (BOURDIEU, 1989, p. 85). Dessa forma, o autor mostra que os princípios de poder que mantêm um campo não nascem de um motor específico – como o rei, no caso da monarquia, ou o dono de uma emissora, no caso do telejornalismo – mas, sim, a partir das lutas que são produzidas dentro das estruturas do campo e, assim, reproduzem as estruturas e hierarquias dele. Esses princípios de poder estão nas ações e reações dos sujeitos de dentro do campo que tentam, a todo momento, manter ou melhorar a sua posição dentro dele, tentando conservar ou aumentar os capitais específicos que o campo exige – e que dentro dele são gerados. Em outro paralelo:

Em suma, ninguém pode lucrar com o jogo, nem mesmo os que o dominam, sem se envolver no jogo, sem se deixar levar por ele: significa isto que não haveria jogo sem a crença no jogo e sem as vontades, as intenções, as aspirações que dão vida aos agentes e que, sendo produzidas pelo jogo, dependem da sua posição no jogo e, mais exatamente, do seu poder sobre os títulos objectivados do capital específico (BOURDIEU, 1989, p. 85-86)

Se tentarmos entender os efeitos de poder de um campo a partir de uma vontade única e central – de quem detém esse poder – não poderemos compreender o quanto os agentes do campo (incluindo, aqui, os “dominados”) contribuem para a manutenção da dominação através das suas atitudes, mesmo que de forma inconsciente. Segundo o autor, a submissão dentro dos campos raramente ocorre a partir de uma imposição imperativa ou de uma escolha consciente. Essa

subordinação a um conjunto de práticas dentro de um campo se dá a partir de uma “espécie de orquestração sem maestro” (BOURDIEU, 1989, p. 87), diante da concordância interna e externa dos agentes, entre o que eles consideram que são e o que fazem, o que consideram ser sua vocação subjetiva (o que acreditam que nasceram para fazer) e a sua missão objetiva (o que esperam que eles façam). Os agentes de dentro do campo sentem que aquele é seu lugar, que devem estar ali e que devem fazer o que tem de ser feito e fazer bem-feito. Dessa forma, entendem que necessitam estar subordinados à lógica do campo para que sigam fazendo o que precisam e para que mantenham – e melhorem – sua posição dentro do campo (BOURDIEU, 1989, p. 86).

Aqui, o telejornalismo entra como um bom exemplo. O jornalismo entra na vida do agente como a vocação subjetiva, algo com que eles se identificam, sentem que nasceram para fazer, enquanto desempenhar um papel que é esperado deles como jornalistas de sucesso, muitas vezes optando pelo trabalho na televisão, seria a missão objetiva – o que é esperado de muitos graduados em comunicação por ser um local de visibilidade e status. Dentro do campo, porém, para se manter com uma boa posição e, muitas vezes, melhorarem de cargo, algumas exigências são feitas e cumpridas, tais como se adaptar a linha editorial do jornal, trabalhar mais do que as horas contratadas, não poder participar da edição de sua produção e, por fim, a adequação da aparência, que é parte deste estudo. Cabe trazer com maior profundidade o campo jornalístico, suas regras, leis e capitais simbólicos.

2.1.1 O campo jornalístico

Para trabalhar as características do campo jornalístico, iremos utilizar as contribuições do próprio Bourdieu (1997) e, para dados mais atuais, as de Ferreira (2002), Neveu (2004) e Garcia (2020).

No livro “Sobre a Televisão”, Bourdieu (1997) dedica um capítulo para tratar de algumas propriedades do campo jornalístico.

O campo jornalístico constituiu-se como tal, no século XIX, em torno da oposição entre os jornais que ofereciam antes de tudo “notícias”, de preferência “sensacionais” ou, melhor, “sensacionalistas”, e jornais que propunham análises e “comentários”, aplicados em marcar sua distinção com relação aos primeiros afirmando abertamente valores de “objetividade”; ele é o lugar de uma oposição entre duas lógicas e dois princípios de legitimação: o reconhecimento pelos pares, concedido aos que reconhecem mais completamente os “valores” ou os princípios internos, e o reconhecimento pela maioria, materializado no número de receitas, de leitores, de ouvintes ou de espectadores, portanto, na cifra de venda (best-

sellers) e no lucro em dinheiro, sendo a sanção do plebiscito, nesse caso, inseparavelmente um veredito do mercado. (BOURDIEU, 1997, p. 104-105)

O autor afirma que o campo jornalístico é um lugar de regras específicas que se impõem aos profissionais da área através das relações de uns com os outros – além da relação com os donos dos meios de comunicação e do público em geral. Dentre as características do campo citadas por Bourdieu (1997), está a influência do mercado, que faz com que, muitas vezes, os jornais e os jornalistas se moldem às necessidades da audiência, produzindo conteúdos para o interesse do público, e não para o interesse público⁵.

Ainda tratando da interferência do mercado, vale ressaltar, também, uma questão marcante do campo jornalístico: a influência que ele sofre – e que ele exerce – sobre outros campos, em especial o campo econômico e político (FERREIRA, 2002). Como afirmado anteriormente por Bourdieu (1989), a autonomia dos campos é relativa. No caso do campo jornalístico, a influência do campo econômico se vê, principalmente, na necessidade e busca por anunciantes. Os meios de comunicação são empresas. Em uma economia capitalista, as empresas visam o lucro e, no que diz respeito ao jornalismo, o lucro vem dos anunciantes e dos assinantes/leitores/ouvintes/telespectadores. Nesse sentido, frequentemente, como afirmado anteriormente, os meios de comunicação optam por uma produção de conteúdo mais mercadológica do que jornalística em si (GARCIA, 2020). Conforme Ferreira (2002, p. 3), “a legitimação pelo mercado desloca o campo jornalístico do sucesso democrático (informar o cidadão...) ao sucesso comercial (o jornal mais vendido, de maior tiragem, aquele que proporciona um maior número de negócios...)”.

Além disso, outra característica do campo trabalhada por Bourdieu (1997), e que se encaixa na influência do campo econômico, é a prioridade dada a – e a disputa pela – informação mais nova, o “furo” de reportagem. Conforme Garcia (2020, p. 85), o tempo e a rapidez na primeira veiculação de uma notícia se tornam uma das moedas que farão um determinado jornal ter mais prestígio e credibilidade do que outro – podendo, dessa forma, trazer mais audiência, leitores e anunciantes. Essa busca por ser o primeiro veículo a comunicar determinada notícia faz parte da rotina de diversos jornais. Nesse processo, pode até ser observada em algumas

⁵ Consideramos aqui que “o interesse público é aquele que se opõe a interesses privados, particulares, individuais e parciais” (MACHADO e MOREIRA, 2005, p. 118).

gafes, como a cometida em abril de 2022 pela Folha de São Paulo⁶, quando o jornal paulista liberou o “obituário” da Rainha Elizabeth II, com o título “Morre Elizabeth 2ª, a mais longeva rainha da histórica britânica, aos XX”. O duplo X era o espaço em que deveria ser colocada a idade da “falecida”, e que precisaria ser substituído pela factual, assim como a data, o local e o motivo da morte, que também apareciam “xxx” na matéria. A grande questão é que a Rainha não havia morrido. A prática de possuir um obituário completo de certas personalidades é comum na área, apenas com as informações mais específicas para serem adicionadas à notícia caso ocorra o falecimento – um reflexo da guerra pelo furo.

Essa lógica de mercado no jornalismo também pode ser vista nas relações de trabalho. Como afirmado por Neveu (2004, p. 159), “estágios gratuitos, freelances, contratações por tempo determinado seguem em períodos cada vez mais longos antes de uma contratação estável”. Como apresentado na pesquisa de Lima (2021)⁷, em comparação com a realidade de 10 anos atrás, a precarização do trabalho cresceu significativamente: o volume de vínculos CLT diminuiu, enquanto as formas de trabalho sem vínculo (freelancer, prestação de serviço em contrato, Pessoa Jurídica e MEI) chegam a 24% dos contratos. Além disso, é possível observar o acúmulo de funções quando a demanda de mais de um cargo é suprida por apenas uma pessoa: jornalistas que editam as próprias matérias, fazem gravações sozinhos com a câmera; que, além de escrever, também fazem a diagramação do jornal, entre outros. Durante a pandemia foi adicionada uma camada extra a esse acúmulo, já que muitos jornalistas precisaram entrar ao vivo de suas próprias casas, organizando seus textos, câmeras e cenários. A mesma pesquisa sobre o perfil dos profissionais expôs que, em 2021, o percentual de jornalistas com carga diária de trabalho superior a oito horas é de 42,2%.

Ainda nesse sentido, uma prática comum do jornalismo com relação ao capital econômico é a atenuação, ou o silenciamento, de notícias negativas ocorridas com seus anunciantes. Conforme Garcia (2020, p. 84), para manter uma boa relação com os patrocinadores, mesmo que os acontecimentos que os

⁶ Confira a errata disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2022/04/folha-errata-publicar-obituario-da-rainha-elizabeth-2a.shtml>>. Acesso em 18 abr 2022.

⁷ Conforme dados da pesquisa “Perfil dos Jornalistas Brasileiros (2021)”, realizada pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC, que contou com a participação de mais de 7 mil profissionais. Disponível em <<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2021/11/2021-11-12-Sum%C3%A1rio-Executivo-19%C2%BA-Encontro-da-SBPJor-RETIJ-VFINAL-REVISADA-2.pdf>>. Acesso em 14 mai 2022.

envolvam sejam de interesse público, eles não serão divulgados ou terão a sua importância minimizada, o que influencia diretamente o material produzido pelos jornais e a sua autonomia.

Sobre o campo político, podemos destacar a influência que o campo jornalístico tem em relação a acontecimentos como eleições, processos de impeachment, entre outros. O recorte feito em uma determinada matéria ou em um determinado acontecimento pode não só influenciar a opinião do público, mas também todo o jogo político. Como exemplo, Garcia (2020, p. 84) traz o segundo turno da eleição de 1989, que foi disputado por Fernando Collor e Lula: “Nessa ocasião, a Rede Globo de Televisão veiculou um resumo dos melhores momentos do último debate entre os presidentiáveis, o qual mostraria a performance positiva de Collor e traria apenas os momentos negativos de apresentação de Lula”. Como resultado, observamos que a eleição de Collor, dentre outros fatores, foi beneficiada pelo recorte dado pelo jornalismo da Globo. Nessa perspectiva, Bourdieu reflete que:

O que conta em um campo são os pesos relativos: um jornal pode permanecer absolutamente idêntico, não perder nenhum leitor, não mudar em nada e ser no entanto profundamente transformado porque seu peso e sua posição relativa no espaço se acham transformados. Por exemplo, um jornal deixa de ser dominante quando seu poder de deformar o espaço à sua volta diminui e ele já não dita a lei. (BOURDIEU, 1997, p. 60)

Outra característica do campo jornalístico é a busca pela “objetividade” ou “isenção”, considerada um dos principais valores dos meios de comunicação. Essa objetividade surge no modelo norte-americano, na busca de trazer a informação sem intermédio de opiniões sobre o acontecimento (NEVEU, 2004). No entanto, como é observado em muitas análises dos meios de comunicação, essa isenção não existe. Os donos dos meios – e todos os produtores dos conteúdos veiculados – são seres com opiniões, visões de mundo e interesses próprios. No caso dos donos das empresas de comunicação, as suas “visões, concepções, e interesses se convertem em uma linha editorial, a qual muitas vezes será seguida por todos os empregados do jornal em questão – com consequências, muitas vezes, de retaliação, caso essa lógica não seja levada em conta na hora da produção jornalística” (GARCIA, 2020, p. 87).

Conforme Bourdieu, para existir um campo, é necessário existir um grupo que possui conhecimentos especializados e os reivindica. Garcia (2020) observa que os conhecimentos específicos dos jornalistas estão relacionados com os saberes

técnicos desse grupo, como a escrita, a fala, o manuseio de equipamentos, a execução de entrevistas, entre outros aspectos. Essa especialização tem relação, também, com os conhecimentos aprendidos durante o ensino formal, apesar da não obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão⁸.

Trazemos aqui, como destaque, capitais que são muito importantes para o profissional jornalista: o social e o cultural. O capital social, nesse campo, se trata dos contatos – tanto com as fontes, quanto com pessoas influentes dentro do campo. A partir das boas relações, é possível conseguir “furos” de reportagem, informações privilegiadas e bons cargos dentro de grandes empresas de comunicação (GARCIA, 2020). O capital cultural, por sua vez, trata, para além da formação acadêmica, sobre o conhecimento acerca dos mais diversos assuntos. O profissional jornalista deve ter o maior número de informações possíveis, conhecimento sobre os fatos, capacidade de comunicar e, em alguns casos, opinar sobre diferentes pautas.

O capital corporal também é importante para este campo – especialmente no que tange aos tipos de jornalismo em que o sujeito de fala está presente na tela (telejornalismo e jornalismo multimídia). Bourdieu (2007, p.57) traz a aparência estética como uma oportunidade de afirmar a posição ocupada em um espaço social, como lugar a assegurar ou distanciamento a manter. É possível observar, dessa forma, que

O interesse que as diferentes classes atribuem a apresentação de si, a atenção que lhe prestam e a consciência que têm dos ganhos que ela traz, assim como os investimentos de tempo, esforços, privações, cuidados que elas lhe dedicam, realmente, são proporcionais as oportunidades de lucros materiais ou simbólicos que, de uma forma razoável, podem esperar como retorno; e, mais precisamente, eles dependem, por um lado, da existência de um mercado de trabalho em que as propriedades cosméticas possam receber valor (em graus variáveis, segundo a natureza do ofício) no próprio exercício da profissão ou nas relações profissionais e, por outro, das oportunidades diferenciais de acesso a este mercado, e aos setores deste mercado, em que a valorização profissional recebe sua maior contribuição da beleza e de uma conduta digna. (BOURDIEU, 2007, p. 194)

Desse modo, como é possível observar empiricamente e como poderemos observar ao longo dessa pesquisa, o jornalismo e, em especial, o telejornalismo, é um mercado de trabalho que dá oportunidades diferenciais de acordo com

⁸ Por 8 votos a 1, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), em 17 de junho de 2009, decidiram que o diploma de jornalismo não seria obrigatório para exercer a profissão. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/06/17/ult5772u4370.jhtm>>. Acesso em 27 mar 2022.

determinadas habilidades específicas da profissão, mas também segundo características corporais. Ainda conforme Bourdieu, é possível compreender o corpo enquanto um capital porque:

as propriedades corporais são apreendidas através dos sistemas sociais de classificação que, aliás, dependem da distribuição, entre as classes sociais, das diferentes propriedades: as taxinomias em vigor tendem a opor, hierarquizando-as, as propriedades mais frequentes entre os dominantes – ou seja, as mais raras – e as mais frequentes entre os dominados. (BOURDIEU, 2007, p. 183)

Tendo em vista que o trabalho de Bourdieu compreende os conceitos de campo e de *habitus* de forma inter-relacionada, partimos para considerações sobre o segundo termo.

2.2 O CONCEITO DE *HABITUS* E O *HABITUS* JORNALÍSTICO

Como afirmado anteriormente, os campos possuem regras e capitais específicos, que são impostos aos indivíduos para ingressarem e se manterem neles. Essas regras se relacionam diretamente com a forma de ser e agir. Em conjunto, elas formam o que Bourdieu chama de *habitus*. A noção de *habitus* serve para “referir o funcionamento sistemático do corpo socializado” (BOURDIEU, 1989, p. 62).

Assim como o conceito de campo, Bourdieu também trabalha o conceito de *habitus* a partir da aplicação feita por outros autores. A palavra é a tradução da noção grega de *hexis*, que foi utilizada por Aristóteles para designar características do corpo e da alma que teriam sido conquistadas por meio do processo de aprendizagem. Esse conceito volta a ser utilizado por Durkheim, que o abordava como um estado geral que orienta as ações dos indivíduos de uma forma durável e em uma relação coerente com o mundo. Para o sociólogo, ele era aplicado em duas ocasiões: em sociedades tradicionais e regimes de internato. Em 1982, o termo é trazido por Bourdieu em sentido novo (SETTON, 2002). Para o autor, o *habitus* trata do conhecimento adquirido e também da forma de agir, uma disposição incorporada e quase postural, que também é formadora de práticas distintas e distintivas que identificam determinado grupo. Como exemplo, o autor traz a diferença entre operários e empresários:

O que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas

classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. (BOURDIEU, 1996, p. 22)

Dessa forma, o *habitus* formata gostos, opiniões, percepções e ações, constituindo uma matriz para indivíduos com socializações semelhantes, dos mesmos grupos e campos sociais. É a transposição de estruturas externas, da sociedade e do campo, para estruturas internas, de personalidade e formas de agir.

As diferenças nas práticas, nos bens possuídos, nas opiniões expressas tornam-se diferenças simbólicas e constituem uma verdadeira linguagem. As diferenças associadas a posições diferentes, isto é, os bens, as práticas e sobretudo as maneiras, funcionam em cada sociedade como as diferenças constitutivas de sistemas simbólicos, como o conjunto de fonemas de uma língua ou o conjunto de traços distintivos e separações diferenciais constitutivas de um sistema mítico, isto é, como signos distintivos. (BOURDIEU, 1996, p. 22)

Assim, conforme Da Silva (2013, p. 76), no interior dos campos sociais o *habitus* constitui um “dos elementos centrais que permite a operacionalização dos sistemas simbólicos.” Nesta lógica, conforme vimos sobre a estrutura do campo jornalístico, o *habitus* dos jornalistas possui características relacionadas com a forma de se comunicar e de se expressar (seja escrevendo ou falando), de entrar em contato com fontes, de verificar os fatos, de se relacionar com colegas e superiores, de se portar em frente às câmeras, de usar o conhecimento adquirido durante a faculdade e o trabalho na área, de transmitir – e omitir – opiniões, entre outros.

Para pensar o *habitus* jornalístico, poderíamos citar características de certa forma estereotipadas, como o costume de beber café, de fumar e de carregar sempre papel e caneta. Também podem ser enquadrados nessas práticas o alto nível de estresse da profissão e a forma de observar os acontecimentos. Afinal, conforme Bourdieu (1997, p. 25), “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem.” Sem dúvida, tudo isso diz respeito aos conhecimentos adquiridos que foram sendo incorporados às formas de agir desses profissionais, tornando-se, como citado anteriormente, “uma disposição incorporada e quase postural”.

Como abordado por Barros Filho (2002, p. 165), “o que se interioriza, em qualquer *habitus* profissional, é a lógica de funcionamento do sistema de distâncias e distanciamentos das posições sociais de um universo sócio-profissional específico.” Dessa forma, para além dos atributos trabalhados comumente de forma cômica, existem questões relevantes: o conhecimento universitário adquirido, a

busca pela imparcialidade, o comprometimento com a verdade, o uso de técnicas de construção de narrativa, o conhecimento dos critérios de noticiabilidade, uma maneira formal de se vestir e uma postura corporal determinada (especialmente por aqueles que trabalham na televisão) e o uso de certa entonação da fala (para televisão e rádio). Silva (2010) cita certos estereótipos, como o jornalista detetive, aquele que é testemunha ocular da história, investigador, caçador de furos, bastião da democracia, quem representa o interesse público acima de tudo. De acordo com a autora, estes são alguns dos mitos que mostram que o risco e a coragem “são elementos fundantes de uma identidade. E essas mitificações contribuem e estão intrinsecamente relacionadas aos grandes mitos do jornalismo: neutralidade, objetividade, imparcialidade e, principalmente, verdade” (SILVA, 2010, p. 44).

Ainda nesse sentido, Silva afirma que na hierarquia de valores e de posições profissionais, o poder e a valorização vinham a partir de um processo complexo, que ia além da competência profissional: tinha relação com a adequação a determinadas características e a determinado perfil “cujos atributos de gênero mais valorizados estavam em consonância com aqueles convencionalmente associados ao masculino (força, imposição, coragem, pioneirismo, pró-atividade, etc.), independentemente do sexo biológico dos profissionais” (SILVA, 2010, p. 198). Assim, é possível considerar que o *habitus* do jornalista está fundado em características ditas masculinas – e estas são as que trazem maior valor ao profissional. Conforme a autora, ainda: “o jornalismo é também produzido por representações sexuais, de classe, de raça, de geração. Mais do que isso, o jornalismo desvelou-se constituído de gênero. E o gênero do jornalismo é masculino” (SILVA, 2010, p. 205). Aqui, compreenderemos não apenas o *habitus* como mais voltado ao masculino, mas também o campo enquanto ambiente que valoriza essas marcações de gênero – marcações que serão abordadas em diversos pontos ao longo deste trabalho.

Algumas características do *habitus* jornalístico, porém, podem variar de acordo com o tipo de trabalho prestado (repórter de TV, de impresso, de mídia online, de rádio, ou assessor de imprensa, apresentador, freelancer, redator), na relação com a empresa onde se trabalha e com o local geográfico. No capítulo 5, destacaremos marcas nas falas das entrevistadas que apresentam características do seu trabalho que fazem parte do *habitus* jornalístico/telejornalístico.

2.3 TELEJORNALISMO: COMPREENDENDO AS CARACTERÍSTICAS DO SUBCAMPO E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE

Conforme já foi observado, Bourdieu define campo como um microcosmo relativamente autônomo dentro do macrocosmo social. Quando entendemos o jornalismo enquanto um campo, é possível compreender os tipos de jornalismo – televisivo, radiofônico, impresso, online, multimídia, etc – como subcampos dentro dele. Cada subcampo possui, além das características gerais do campo jornalístico, regras, capitais simbólicos e atributos específicos de suas áreas. Conforme Clóvis de Barros Filho (2002, p. 167), “os jornalismo televisivo, radiofônico e impresso aproximam-se e, ao mesmo tempo, se singularizam como espaços destinados a uma produção específica e, portanto, a uma subjetivação própria de um certo profissional.” Para este estudo, entender as características do telejornalismo se faz essencial. Neste trabalho, o consideramos um subcampo do jornalismo.

Para pensar o telejornalismo, entretanto, é preciso compreender a sua relação com a sociedade. A televisão é um objeto técnico importante na casa de grande parte dos brasileiros, mas também é uma mídia complexa que aglutina uma diversidade de gêneros e formatos. Ela é, por exemplo, companheira - muitas vezes ligada somente para “preencher” o vazio do silêncio da casa. Ela ajuda a determinar horários: quando a Cristina Ranzolin⁹ aparece na tela, às 11h45min, sabe-se que está chegando a hora do almoço. O “boa noite” de Renata Vasconcellos¹⁰ aparece na hora da janta. Mais do que horários, ela dita tendências, referências e representações. Além disso, interfere até mesmo nas atividades cotidianas.

Apesar da expansão do acesso à internet observada nos últimos anos no Brasil, a televisão ainda é o meio de comunicação mais utilizado: em dados divulgados pelo IBGE¹¹, em 2019, 96,3% dos domicílios do país possuíam um aparelho de televisão – sendo que 27% têm acesso à antena parabólica e 30,4% têm acesso à televisão por assinatura. Em dados de 2016 – última Pesquisa

⁹ Apresentadora do telejornal regional Jornal do Almoço, da RBS TV.

¹⁰ Apresentadora do Jornal Nacional, da Rede Globo.

¹¹ Disponível em <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>>. Acesso em 07 set 2021.

Brasileira de Mídia realizada pela SECOM¹² –, a TV era o meio preferido de 63% dos brasileiros para se informar.

As emissoras oferecem diversidade de programações entre entretenimento e informação, e os canais abertos são os mais assistidos em função da gratuidade. Conseguem alcançar, assim, um público bastante considerável, formando uma conexão da população com a programação. Esse fato pode ser observado nos números de audiência e, hoje em dia, em outros números, como na quantidade de Trending Topics¹³ no Twitter a partir de assuntos que surgem primeiramente na televisão – como novelas e reality shows – e nos números de seguidores de atores, atrizes e participantes de programas de televisão. O Big Brother Brasil, da Rede Globo, na edição de 2021, além de bater recordes de assuntos comentados e de participante mais seguida – Juliette Freire, que saiu do reality com 24 milhões de seguidores no Instagram –, também bateu recorde de patrocinadores, com valor ultrapassando 530 milhões de reais investidos; superado pela edição de 2022, que em seu início já havia passado de R\$600 milhões em patrocínios.

Além do entretenimento, a informação é um pilar muito relevante das emissoras de TV aberta. As notícias têm papel importante na vida das pessoas e a televisão é o meio preferencial para isso. Como abordado anteriormente, segundo a pesquisa do SECOM, 63% dos brasileiros preferem a TV para receber as notícias. É assim que o telejornalismo assume papel significativo na vida dos indivíduos no que diz respeito às informações. Apresentadores, apresentadoras e repórteres “entram” na casa das pessoas todos os dias para lhes comunicar os fatos importantes e, por muitas vezes, são a única fonte de notícias.

Podemos considerar que o telejornalismo é o formato que une o jornalismo e a linguagem televisiva, baseando-se na transmissão de notícias a partir do vídeo. O telejornal tem como objetivo informar sobre os acontecimentos através de notícias que aparecem em diversos formatos: notas simples (faladas diretamente pelos apresentadores, sem imagens), notas cobertas (imagens acompanhadas de voz), reportagens, entre outros. Um telejornal pode contar também com previsão do tempo, quadros especiais, como coberturas de esporte, política e economia, e

¹² Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em 07 set 2021.

¹³ Os Trending Topics do Twitter, conhecidos também como assuntos do momento, são os pontos mais comentados pelos usuários da rede social.

comentaristas de diversas áreas. Este subgênero televisivo tem como marcas importantes a velocidade e a agilidade na apresentação dos conteúdos (GOMES, 2011), o que gera um produto comunicacional pouco aprofundado.

Em sua linguagem, o telejornal utiliza como base mensagens facilmente compreendidas, textos que buscam auxiliar o entendimento da informação e vocabulário claro, simples, objetivo e coloquial, pela necessidade de alcançar o maior número de telespectadores. Outra característica dos telejornais é a utilização de recursos estéticos, como belos cenários, apresentadores de boa aparência e de recursos tecnológicos, com o objetivo de encantar os telespectadores (ROSÁRIO, 2003). Em especial, as emissoras de TV aberta trabalham com uma programação ampla, generalizada, buscando agradar o maior número de pessoas (EMERIM, 2015). Todas estas questões têm a finalidade de aumentar o número de audiência, fato que está diretamente relacionado com a influência do campo econômico neste subcampo: quanto maior a audiência, maior faturamento com a publicidade veiculada.

Gutmann (2014) aponta que os três principais elementos do telejornalismo – que também o diferenciam dos outros formatos – são a composição audiovisual (imagem e som, em conjunto), a presença imagética dos sujeitos de fala (jornalistas, repórteres, comentaristas e fontes) e a possibilidade de transmissão direta (que também é vista no rádio e na internet). Aqui, compreendemos estas três como as características que diferenciam o telejornalismo enquanto subcampo, a partir da junção do campo jornalístico e do campo midiático (televisão).

Conforme Machado, a transmissão ao vivo pode ser considerada uma das maiores marcas da experiência desse meio. “A televisão nasceu ao vivo, desenvolveu todo o seu repertório básico de recursos expressivos num momento em que ainda operava ao vivo e esse continua sendo o seu traço distintivo mais importante dentro do universo do audiovisual” (MACHADO, 2000, p. 125). Embora nem tudo o que é televisionado seja transmitido ao vivo de fato, “as características básicas do programa ao vivo parecem contaminar o restante da programação televisual e imprimir as suas marcas de atualidade até mesmo nos produtos pré-gravados” (MACHADO, 2000, p. 126).

Essa marca de atualidade, traz uma sensação de estar “aqui e agora”, faz com que a informação apresentada pelo telejornalismo possa ser traduzida pelo espectador como um reflexo de vigilância total da realidade. Assim, “a partir desse

olhar ampliado, o telejornal se coloca como presente em todos os espaços para não mais simplesmente reportar o fato, mas o revelar no tempo atual” (GUTMANN, 2014, p. 166).

Além da transmissão ao vivo, outra marca do telejornalismo é a presença dos sujeitos que transmitem a informação – sejam eles apresentadores, repórteres, comentaristas ou fontes. Conforme Machado (2000), a identificação desse sujeito enunciador é significativa para a individualização do relato. Gutmann (2014) ressalta que, nesse formato, as notícias são reveladas por sujeitos que utilizam seus corpos como dispositivos expressivos. Dessa forma, as marcas de imagem desses sujeitos (voz, gestos, entonação, figurino, aparência, cenário e o enquadramento) “compõem atos performáticos essenciais para a interação com o espectador e para o reconhecimento dos programas enquanto ‘jornalísticos’, dos relatos enquanto ‘notícias’” (GUTMANN, 2014, p. 63).

É pelo fato de apresentadores, apresentadoras, repórteres e comentaristas estarem em frente às telas diariamente que consideramos o corpo enquanto um capital simbólico do subcampo telejornalístico. Como abordamos, o telejornalismo dá oportunidades diferenciais de acordo com determinadas características físicas dos agentes, fazendo com que eles consigam entrar, se manter, melhorar ou piorar de posição no subcampo de acordo com o capital corporal.

Considerando os elementos apresentados, principalmente em relação ao som, à imagem e à transmissão ao vivo, é possível compreender que muitos telespectadores julgam ver, pelo telejornalismo, a fiel realidade da sociedade e do mundo que os cercam. (TEMER e SIMÃO, 2019). No jornalismo, então, as imagens possuem um caráter testemunhal, como uma prova visual do que foi dito: “imagem é sempre percebida como sinal de um acontecimento real, de uma entidade existente” (GUTMANN, 2014, p.70). Entretanto, é necessário ter em mente que é veiculado apenas um recorte dos acontecimentos, tendo em vista que as imagens e sons utilizados nas reportagens são selecionados e editados previamente. Nesta edição, a forma com que o material é organizado, através de imagens, sons, elementos visuais e trilha sonora, pode trazer efeitos diferenciados, como realce e hierarquização de determinadas informações, demarcação de tempo e espaço, identificação com o interlocutor, entre outros.

Esse recorte se torna ainda mais relevante quando pensamos no Brasil, onde poucas famílias detêm o poder da maioria das emissoras. Conforme Biondi e

Charão (2008), no Brasil, os grupos Globo, SBT, Record, Abril, Folha, Estado, Rede Brasil Sul (RBS) e Bandeirantes exercem um domínio do setor midiático, o que, segundo os autores, configura um oligopólio, considerando que oito famílias¹⁴ possuem não apenas um veículo, mas sim conglomerados que incluem emissoras de televisão, jornais, revistas, entre outros empreendimentos. Apesar dos dados apontados serem de 2008, ainda é possível observar a prevalência desses grupos como grandes empresas da área. Como consequência, os recortes apresentados nas notícias tendem a não apresentar uma diversidade de visões e de linhas editoriais.

O recorte da informação pode ser refletido, também, quando pensamos no que é noticiado e no que deixa de ser. Conforme Ramonet (1999), a televisão, enquanto um dos principais meios de informação desde que surgiu, tomou a dianteira na hierarquia da mídia, impondo aos outros meios as suas determinações, principalmente pelo fascínio que as pessoas têm pela imagem. “E com esta ideia básica: só o visível merece informação; o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente” (RAMONET, 1999, p. 27). Dessa forma, pela utilização de imagens, as informações da televisão podem ter um peso “maior”¹⁵, afinal, como dito popularmente, uma imagem vale mais que mil palavras.

Na relação da imagem e dos sujeitos do telejornalismo, é importante destacar que as notícias são construídas por um grupo de profissionais, tais como produtores, editores, revisores, mas são mediadas por apresentadores e repórteres. Gutmann (2014) observa que a credibilidade de um jornal é comumente relacionada com a autoridade e a legitimidade do apresentador. “Tal contrato de confiança é forjado por um processo de performatização, através do qual se utiliza o corpo como dispositivo expressivo, atuando enquanto figurativização primeira do telejornal” (GUTMANN, 2014, p. 64).

Além disso, também por essa posição de mediadores, os apresentadores, repórteres, comentaristas e correspondentes se tornam referências para os espectadores, tendo em vista que estes, muitas vezes, buscam no telejornal um local de interpretação sobre os acontecimentos. Dessa forma, “se de um lado temos o sujeito detentor de conhecimento (a autoridade), do outro temos o sujeito ávido por

¹⁴ As famílias Marinho, Abravanel, Civita, Frias, Sirotsky, Mesquita Saad e Edir Macedo.

¹⁵ Compreendemos que, atualmente, a internet também possui esse elemento. Nos atemos a televisão por ser o objeto principal da análise.

informações. E é a partir desse pacto tácito que se configuram os atos conversacionais propostos pelos telejornais” (GUTMANN, 2014, p. 118).

Essa comunicação também se dá a partir da construção imagética. No telejornalismo brasileiro, os planos mais comuns utilizados pelos apresentadores são o plano americano e o primeiro plano. O primeiro, mais afastado, onde a bancada é enquadrada, traz sentidos que podem ser associados a hierarquização dos sujeitos na tela, localizando o apresentador como autoridade do discurso, conforme observa Gutmann (2014). O segundo plano enquadra do tórax para cima, com ênfase no rosto, trazendo proximidade e criando uma conotação de intimidade; os repórteres ainda aparecem em plano médio, da cintura para cima, mostrando parte do cenário onde reportam, justamente para trazer a conexão entre o acontecimento e a reportagem.

Figura 1 – Apresentadores do Jornal Nacional em Plano Americano e Primeiro Plano, respectivamente.



Fonte: Reprodução/Rede Globo

O subcampo do telejornalismo, contudo, não é estanque, ele foi se atualizando ao longo dos anos. Tendo surgido muito depois do jornalismo impresso, mas um dia após o lançamento da televisão no Brasil, em 19 de setembro de 1950, com o lançamento do primeiro jornal da TV Tupi, o *Imagens do Dia*. (MELLO, 2009, p. 1), o telejornalismo foi seguindo as inovações técnicas e se adaptando ao gosto do público. A partir desse primeiro telejornal, a emissora trouxe mais dois telejornais: o *Telenotícias Panair* e o *Repórter Esso* – o último, programa de grande sucesso, fez parte da programação da Tupi por muitos anos.

Apesar da utilização da imagem em movimento ser um elemento de grande destaque, tendo em vista a inovação e a diferenciação em relação aos outros formatos de jornalismo, nos primeiros anos da TV no Brasil a programação era baseada principalmente na fala, com poucas imagens, reproduzindo ainda a linguagem radiofônica (GUTMANN, 2014). Porém, conforme Spinelli (2012), o

potencial das imagens – estáticas e dinâmicas – logo foi sendo percebido como importante pelos produtores de televisão, que começaram a trazer as notas cobertas ao longo dos telejornais.

Nos anos 60, o telejornalismo brasileiro avançava, tanto no crescimento de número de telejornais, quanto na qualidade do material, pois “entrava numa fase de grande criatividade e expansão intelectual” (BARBOSA LIMA *apud* REZENDE, 2000, p. 107). Esse avanço foi demonstrado com a conquista do prêmio Ondas de melhor telejornal do mundo para um telejornal brasileiro (Jornal de Vanguarda, da TV Excelsior, em 1964). A década de 1960 foi marcada, principalmente, por dois pontos: pela intensa censura, devido à ditadura militar; e pelo fato de que, nesse momento, o telejornalismo brasileiro assume “de vez o modelo norte-americano como inspiração” (REZENDE, 2000, p. 108). O Jornal Nacional surge em 1969 como o primeiro jornal exibido em rede nacional no Brasil, e que, até hoje, é considerado uma referência do telejornalismo brasileiro. Conforme Gomes (2005, p. 6), o JN “representa o conjunto mais bem-acabado de marcas que caracterizariam um telejornal: a temática, o formato, o cenário, os apresentadores, tudo contribui para a identificação do programa com o gênero.”

Na década de 1970, a televisão brasileira foi caracterizada principalmente pelo desenvolvimento técnico. “Quem mais se aproveitou disso foi a Rede Globo, com o aperfeiçoamento da qualidade de suas produções traduzido pela expressão ‘padrão global’.” (REZENDE, 2000, p. 112) Nos anos 70 surgiram programas de reportagem, como o Globo Repórter, e de jornalismo especializado, como o Globo Rural. Na década de 1980, a Rede Globo ganhava novos concorrentes: o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a Rede Manchete. Na mesma época, a TV Tupi teve sua concessão cassada.

Na década de 1990, o telejornalismo passou a receber duras críticas da população por apresentar jornais com conteúdos e formatos muito semelhantes. “As TVs abertas, de modo geral, apresentavam telejornais diários, mas sem profundidade, blocando editoriais de modo superficial e adotando o famoso ‘happyending’” (CONTATO, 2014, p. 9). Essa crise exigiu uma busca pela audiência, fazendo com que muitos telejornais apelassem para o sensacionalismo e o entretenimento. Os anos 2000 foram marcados pela vinda da Internet para o Brasil. Mesmo que a televisão ainda fosse o meio de comunicação hegemônico, as

pessoas passaram também a buscar outras fontes de informação online. Em 2000 surge o primeiro portal de televisão brasileiro, o globo.com.

Com a intensa presença da internet na vida dos brasileiros a partir dos anos 2010, a televisão buscou se atualizar e convergir, apresentando novas funções e competências. Entre as transformações perceptíveis, é possível afirmar que o telejornalismo busca se tornar mais próximo dos telespectadores, tentando ser menos engessado e sério. Os apresentadores não ficam apenas sentados atrás das bancadas, dialogam com os repórteres ao vivo, bastidores são postados nas redes sociais, textos mais leves e menos objetivos são apresentados (REIS, THOMÉ e MIRANDA, 2018).

Atualmente, nos anos 2020, a aproximação dos telespectadores é ainda mais visível, processo que foi acelerado pela pandemia. Repórteres e apresentadores apareciam em frente às câmeras com parte de suas casas ao fundo. Animais de estimação, decorações com a personalidade do jornalista, plantas e outros elementos entram na tela dos brasileiros, avizinando ainda mais o profissional de quem o assiste. Outra mudança perceptível é a produção de reportagens com pautas que surgem diretamente da internet e com a participação dos telespectadores com mensagens vindas das redes sociais.

No telejornalismo, a notícia se torna imagem, e o jornalista também. Como abordamos, Gutmann (2014) considera que os três principais elementos do telejornalismo são a composição audiovisual, a presença imagética dos sujeitos de fala e a possibilidade de transmissão direta. Abordando a perspectiva de Paul Zumthor, a autora alega que “um texto, ao ser performatizado por um corpo, incorpora marcas deste, as quais são atualizadas pelo receptor” (GUTMANN, 2014, p. 63).

Kellner (2001) afirma que as imagens e narrativas apresentadas na mídia são a representação que os indivíduos têm de si mesmos e do mundo. Essas representações vão ajudar os cidadãos a buscarem ideais de vida, além de desenvolverem pensamentos e ações com relação à sociedade. Essas representações, então, transcodificam discursos, mobilizam sentimentos, afeições e percepções sobre a sociedade. Segundo Vilas Bôas (2020), a nossa relação com o outro e com nós mesmos se dá através das linguagens e, conseqüentemente, a representação dos humanos em imagens faz parte do nosso quadro de referências nesse sentido.

Neste capítulo, pudemos perceber a relação entre a teoria de Bourdieu, o campo jornalístico e o subcampo telejornalístico, que se configuram como microcosmos sociais relativamente autônomos, com singularidades e especificidades, processos e regras particulares. O subcampo, além de carregar as características do campo, adiciona três elementos que o diferenciam: a presença imagética dos sujeitos de fala, a composição audiovisual e a possibilidade de transmissão ao vivo. Apesar de a internet ter grande relevância como veículo de informação, a televisão segue sendo o principal meio que as pessoas utilizam para se informar. Observando os pontos apresentados, podemos considerar que, ao buscar se informar, a população fica exposta às notícias enunciadas por sujeitos de fala. Os corpos desses sujeitos se tornam parte do processo de comunicação. Desse modo, a aparência desses corpos deve ser analisada, tendo em vista que fazem parte do processo de decodificação da informação.

3 CONEXÕES ENTRE MULHER, CORPO E BELEZA

“tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade.” (BEAUVOIR, 1970b, p.23)

Percebemos que o corpo do sujeito que traz as informações é um importante fator no processo comunicacional do telejornalismo. Tendo em vista que buscaremos compreender, nesta pesquisa, a configuração dos corpos das mulheres telejornalistas, a partir deste momento nos dedicaremos a explicar o porquê desta escolha e a desenvolver alguma reflexão teórica sobre esse foco.

As mulheres, dentro da sociedade atual, vivem em um sistema complexo onde existem, ainda, diversas formas de opressão. A jornalista, assim como diversas outras profissionais atuantes, além de arcar com as regras específicas do trabalho jornalístico, também arca com as exigências feitas às mulheres da sociedade como um todo.

Partimos da ótica feminista para entender as relações entre mulheres jornalistas e aparência, entendendo o feminismo como “uma consciência crítica que ressalta as tensões e contradições que encerram todos esses discursos que intencionalmente confundem o masculino com o universal” (GARCIA, 2011, p. 14).

Para abordar questões relativas às desigualdades das mulheres na história, na cultura e na sociedade, contaremos com contribuições de Beauvoir (1970a, 1970b), Saffioti (2015), Louro (1997), Tiburi (2018), Scott (2019) e hooks¹⁶ (2019). É importante ressaltar que, neste trabalho, utilizamos “mulheres” no plural, compreendendo que este grupo é múltiplo e, apesar de muitas opressões serem compartilhadas, as violências se evidenciam de formas diferentes com a intersecção entre aspectos como raça, classe, idade e orientação sexual.

Compreendendo que as características dos corpos das mulheres podem ser decisivas para relações pessoais e profissionais, abordaremos também neste capítulo questões relativas ao corpo, ao gênero e à beleza, com considerações de Le Breton (2007), Sant’anna (2014), Louro (2003), Boris e Cesídio (2007), Novaes e Vilhena (2003) e Laus (2012).

¹⁶ Escrito em minúsculas respeitando o pseudônimo da autora.

3.1 MULHER: O OUTRO

Simone de Beauvoir, nos dois volumes de *O Segundo Sexo*, trabalha de forma profunda a situação da mulher na sociedade. O livro, de 1940, até hoje repercute como uma obra importante para os estudos de gênero, ainda que o pensamento feminista tenha se desenvolvido bastante e evidenciado outras tantas autoras que abordam com competência esta temática. De forma sistemática, a autora divide o panorama sobre as vivências das mulheres em “Fatos e Mitos”, trabalhando o caminho histórico que reflete até hoje na existência das mulheres; e “A experiência vivida”, em que aborda as fases da vida das mulheres e as opressões e exigências que vivenciam em cada uma delas.

Um dos aspectos relevantes trazidos por Beauvoir é o entendimento de que a mulher é o “Outro”. Numa sociedade patriarcal o homem é o sujeito central e, nessa perspectiva, a autora afirma que eles não precisam justificar sua importância, tampouco descrever suas especificidades e sua situação na sociedade. Já as mulheres precisam se afirmar enquanto tal sempre que possível, defendendo sua existência, seu espaço, suas competências e explicando suas singularidades que a diferenciam do masculino. Conforme Louro (1997), a necessidade de se tornar visível foi o grande objetivo da escrita de estudiosas feministas no século XX. A invisibilidade das mulheres como sujeito era dada em diversas esferas da vida – inclusive na ciência.

Essa questão é posta há muito tempo, de acordo com Beauvoir. Em todas as épocas, os homens mostravam sua satisfação em se sentirem os reis da criação. Platão agradecia aos deuses por ter sido criado livre e por ter nascido homem. Na antiguidade, os artistas – moralistas e satíricos – pintavam as fraquezas femininas. Mesmo que com o passar do tempo as mulheres tenham ganhado algum protagonismo, ainda assim a diferença de poder permaneceu. “No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens” (BEAUVOIR, 1970a, p. 15). Ainda que as reflexões da autora tenham sido registradas há mais de meio século, o planeta ainda gira em torno do masculino e de seus privilégios, tendo se atualizado de forma muito superficial.

Porém, de que forma isso se deu? Como as mulheres e os homens tomaram esses papéis na sociedade? Segundo a autora, não há um consenso sobre o papel

dos sexos na sociedade e, portanto, os pontos de vista são diversos. Contudo, o mais relevante parece ser que tais perspectivas não se fundamentam, a princípio, na ciência, mas, sim, em mitos sociais, e disso pode-se depreender que a lógica, a razão e os fatos não sejam centrais nos princípios que definem a mulher como segundo sexo.

A questão mais relevante para o livro – e para este estudo – é entender, a partir da história, como a sociedade definiu os papéis de gênero:

Assim, a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado: entre os dados biológicos só têm importância os que assumem, na ação, um valor concreto; a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou à humanidade. (BEAUVOIR, 1970a, p. 73)

Louro (1997) ressalta que nos estudos feministas anglo-saxões, ao adicionar a palavra “gênero” distinta de “sexo”, as autoras recolocam o debate sobre as experiências das mulheres no campo social – porque é neste que se constroem as relações desiguais entre homens e mulheres.

As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO, 1997, p. 7)

No mesmo sentido, Scott (2019) observa que o uso da palavra “gênero” nas pesquisas se dá justamente como uma maneira de indicar as construções inteiramente sociais em torno dos papéis designados a homens e mulheres: “É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres” (SCOTT, 2019, n.p.).

Sobre essa temática, Saffioti (2015) ainda adiciona que a desigualdade está longe de ser natural – ela é criada a partir da tradição cultural, das estruturas de poder da sociedade e pelos agentes envolvidos na trama das relações sociais. “Nas relações entre homens e entre mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência.” (SAFFIOTI, 2015, p. 75).

Beauvoir (1970a), retoma a perspectiva de Engels em “A Origem da Família” para evidenciar a questão do Outro. O autor retraça a história das mulheres desde a Idade da Pedra, observando que, em um determinado momento, com a descoberta de metais como cobre, estanho, bronze e ferro, a agricultura se estende e os

homens recorrem ao serviço de outros homens para desmatar florestas e construir mais campos produtivos. Esse serviço prestado de homem para homem se reduziria à escravidão. Aqui a propriedade privada aparece – o homem se torna senhor dos escravos, da terra e “proprietário” das mulheres. Neste ponto, a autora traz um adendo: não é dado que tenha sido a propriedade privada que tenha ocasionado a opressão das mulheres, como trazido por Engels. O materialismo histórico reflete sobre fatos, mas deixa de lado a discussão sobre qual o interesse prende o homem à propriedade. Dessa forma, Beauvoir considera que é insuficiente o ponto de vista de Engels: ele considera que a diferença de força nos corpos de homens e mulheres só se tornou algo definitivo com a introdução dos metais, mas não percebeu que os limites da capacidade de trabalho não eram, de fato, uma desvantagem – se era apenas dentro de uma determinada perspectiva:

Se a relação original do homem com seus semelhantes fosse exclusivamente uma relação de amizade, não se explicaria nenhum tipo de escravização: esse fenômeno é consequência do imperialismo da consciência humana que procura realizar objetivamente sua soberania. Se não houvesse nela a categoria original do Outro, e uma pretensão original ao domínio sobre o Outro, a descoberta da ferramenta de bronze não poderia ter acarretado a opressão da mulher. (BEAUVOIR, 1970a, p. 77-78)

Além disso, a observação de Engels reduziu a opressão masculina a um conflito de classes. De fato, a divisão do trabalho por sexos gera opressão e ambas, em certos pontos, evocam a divisão por classes. Porém, essa separação não tem nenhuma base biológica. Nesse sentido, a autora afirma que, para entender a situação das mulheres na sociedade, devemos fazer uma análise do todo.

De acordo com Beauvoir, sempre que duas categorias humanas se encontram em presença, cada uma pretende impor à outra a sua soberania. Se ambas estão nesse estado de imposição, cria-se uma relação de reciprocidade e tensão – seja na amizade ou na hostilidade. Porém, se uma das duas é privilegiada, esta domina a outra e faz de tudo para mantê-la oprimida. Entendemos, então, que os homens tiveram vontade de dominar as mulheres. O questionamento que gera é: qual foi o privilégio que permitiu que isso acontecesse?

Beauvoir considera que a sociedade sempre foi masculina, e, assim, o poder político sempre esteve ao alcance dos homens. Dessa forma, o lugar das mulheres na sociedade sempre foi estabelecido por eles.

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos

soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. (BEAUVOIR, 1970a, p. 97)

Mesmo reconhecendo a falha no modelo de Engels, Beauvoir (1970a) ainda considera que o destino das mulheres segue ligado à propriedade privada durante o passar dos séculos. Assim, as mulheres permaneceram patrimônio dos homens desde o nascimento até o casamento, passando do pai ao marido.

Hoje, é possível notar que existe uma grande diferença na forma que as mulheres vivem na sociedade. Falando de forma generalizada, compreendendo que existem especificidades em determinadas culturas, grande parte das mulheres já não é mais “propriedade” de pais e maridos, mas, sim, livres para realizar escolhas – podem estudar, trabalhar, decidir se querem ou não ter filhos e pedir o divórcio, por exemplo. Contudo, percebendo como se deu a dominação masculina, notamos até hoje que a opressão está enraizada na sociedade. Não aparecendo de forma tão clara, as mulheres são regularizadas por violências simbólicas e silenciosas, que minam as mais diversas áreas das suas vidas. Ainda que possam trabalhar, recebem salários menores. Ainda que possam fazer escolhas em relação às suas aparências, são bombardeadas com imagens que reforçam padrões estéticos inalcançáveis. Ainda que possam pedir o divórcio, muitas sofrem violência doméstica e, até mesmo, são mortas por seus maridos quando decidem que não querem mais dar continuidade à relação. Todas essas questões – e tantas outras mais – nos mostram que a dominação masculina não acabou, apenas se atualizou.

3.2 FAMÍLIA, CASAMENTO E TRABALHO

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1970b, p. 9). A partir dessa afirmação, a autora ressalta que não existe destino biológico, psíquico ou econômico que defina o papel que as mulheres assumem, é a sociedade que o elabora, tendo em vista que “somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro” (BEAUVOIR, 1970b, p.9).

Dessa forma, ela afirma que a construção do “ser mulher”, que envolve a feminilidade – os jeitos de agir, falar, se vestir, se relacionar etc. –, é uma construção social, ou seja, é apenas por meio da mediação da sociedade que essas exigências são feitas. E tal construção começa na infância, com a separação de meninos e

meninas, através da escolha das cores e roupas que vão vestir, das brincadeiras que vão brincar. Enquanto os meninos são incentivados à independência e à falta de carinho e apego, as meninas acabam por ficar mais dependentes de suas famílias.

Então, desde muito jovem, existe um conflito nas mulheres entre as suas existências autônomas e as suas existências enquanto “outro”. Ela pensa que precisa agradar – e isso envolve não apenas agradar em forma de ação, mas estar bela, se fazer objeto – e renunciar à sua autonomia e à sua liberdade. Assim, ela se fecha em um círculo vicioso.

E nesse mesmo sentido de “encerrar” a menina, cercam ela de outras mulheres para que não haja uma descoberta de novas possibilidades de ser. Os jogos, os livros, as brincadeiras, os afazeres, todos eles são escolhidos por sua mãe para que se afirme o seu destino. Ela aprende a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa e dos outros, a se preocupar com a própria aparência e com a arte de seduzir – ao mesmo tempo que lhe ensinam o pudor. Entre tantas exigências, pedem para que ela não repita atitudes de menino – não brigue, não se suje, não seja espontânea.

A autora traz que, graças às conquistas do feminismo, alguns lugares tidos como masculinos podem ser ocupados pelas mulheres: podem trabalhar, estudar, praticar esportes¹⁷. Porém, “tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja *também* uma mulher, que não *perca* sua feminilidade” (BEAUVOIR, 1970b, p.23). Assim, a preocupação com a aparência acaba por se tornar uma obsessão ainda durante a infância. É preciso ser bonita para conquistar o amor, a felicidade, o casamento e, atualmente, para estar bem apresentável, para conquistar emprego, para aparecer em frente às telas. Como trouxe Erin McKean (2006), é como se a beleza fosse uma espécie de aluguel que as mulheres pagam para ocupar seu espaço na sociedade.

Se na infância já se percebe a situação das mulheres na sociedade, é na adolescência que a feminilidade se torna uma revelação. É nesse período da vida que as mulheres entendem que precisam abandonar a infância, quando eram protegidas e amadas, e precisam aceitar a feminilidade para se tornar adulta. Esse

¹⁷ Consideramos que o contexto em que a autora escreve a obra leva em conta a sociedade ocidental da época. Ainda hoje é possível encontrar sociedades em que as mulheres são proibidas de estudar, trabalhar e realizar diversas outras atividades.

momento é marcado por muitos processos dolorosos na vida das mulheres. É preciso renunciar a sua personalidade e aceitar os ensinamentos que recebeu.

A autora segue abordando o que consideramos os três pilares da vida das mulheres: a beleza, a maternidade e o casamento. Ainda que atualmente esses pilares já não sejam tão fundantes na vida das mulheres – afinal muitas optam por não ter filhos e outras tantas não tem como meta o casamento – a sociedade continua cobrando esses princípios delas, bem como o sucesso profissional.

O casamento - durante muitos séculos e, por algumas áreas da sociedade, até hoje - é considerado o destino que é proposto tradicionalmente às mulheres. Mesmo sendo um desejo por muitos anos e uma ideia de promessa de felicidade, o casamento não garante uma vida feliz. Pelo contrário, muitas vezes mutila e obriga as mulheres a uma rotina de repetição diária de afazeres, outras vezes elas são violentadas física ou verbalmente.

É então que entra a maternidade como a forma considerada natural e biológica de realização da vida das mulheres, “porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie” (BEAUVOIR, 1970b, p. 248). Nesse cenário, conforme Saffioti (2015), as mulheres são, então, não apenas objeto da satisfação sexual dos homens, mas também reprodutoras de herdeiros – que serão força de trabalho ou novas reprodutoras.

Trazendo a visão atual, hooks (2019) aborda que o casamento foi um dos grandes assuntos do ápice do movimento feminista contemporâneo. Isso porque era nas relações domésticas que todas as mulheres, independente de raça e classe, sentiam a violência masculina – de seus pais ou cônjuges. Algumas mudanças de fato aconteceram, principalmente no que diz respeito à liberdade sexual e à comunicação dentro do casamento. Porém, o casamento nunca deixou de estar na moda. Mesmo com a clareza que muitas pessoas têm de que uniões baseadas em fundamentos sexistas são problemáticas, elas seguem ocorrendo e ocasionando divórcios e até mesmo feminicídios. Nesse sentido, a autora afirma que “em movimentos feministas futuros, gastaremos menos tempo criticando laços matrimoniais patriarcais e nos esforçaremos mais em mostrar alternativas, mostrar o valor do relacionamento entre pares fundamentado em princípios de igualdade” (hooks, 2019, p. 124-15).

Beauvoir acreditava que uma nova era se abriria para o destino das mulheres a partir de sua entrada no mercado de trabalho e, de fato, alguns pontos mudaram.

Ainda assim, existiam – e ainda existem, em determinada escala – dificuldades em serem escolhidas, contratadas e regulamentadas. As mulheres precisaram se contentar com salários menores que, na época, equivaliam à metade da remuneração masculina. Ainda hoje, grande parte das mulheres recebe salários inferiores. Uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2019¹⁸ mostrou que as mulheres recebem 77,7% dos salários dos homens no Brasil. A diferença ainda é maior em cargos de diretores e gerentes, no qual elas recebem apenas 61,9% do rendimento deles. Quando adicionamos outras intersecções, como raça e sexualidade, por exemplo, a diferença fica ainda maior: na mesma profissão, um homem branco chega a receber mais que o dobro de uma mulher negra¹⁹.

Ainda hoje essa é uma questão latente, que demonstra que, apesar dos avanços, a base material do patriarcado não foi desconstruída, conforme Saffioti (2015). Mesmo que as mulheres tenham maior grau de escolaridade, recebem menos e se encontram marginalizadas em muitas posições de trabalho. No jornalismo, podemos ver essa realidade estampada. Apesar de serem maioria na profissão, seus salários ainda são menores: conforme Bergamo, Mick e Lima (2012), em pesquisa realizada sobre o perfil dos profissionais, as mulheres ganham menos que os homens na área - elas eram a maioria em todas as faixas até cinco salários-mínimos e a minoria em todas as faixas superiores a cinco salários-mínimos.

O trabalho é um problema de gênero. Apesar de muitos considerarem que as mulheres só tiveram direito ao trabalho quando de fato começaram a trabalhar fora de casa, desde sempre elas estiveram trabalhando: “desde que nasce, [...] uma menina está condenada a um tipo de trabalho que se parece muito com a servidão que, em tudo, é diferente do trabalho remunerado ou do trabalho que se pode escolher dependendo da classe social à qual pertence” (TIBURI, 2018, p. 14). Para as mulheres negras, o trabalho foi uma obrigação desde os tempos da escravidão: “Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar” (CARNEIRO, 2019, n.p.). Davis (2016) também reforça que as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa em comparação às mulheres brancas. Elas eram consideradas “unidades de

¹⁸ Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/03/04/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge>>. Acesso em 18 jul 21.

¹⁹ Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/09/15/na-mesma-profissao-homem-branco-chega-a-ganhar-mais-que-o-dobro-da-mulher-negra-diz-estudo.ghtml>>. Acesso em 28 abr 2022.

trabalho lucrativas” (DAVIS, 2016, p. 17), acima de tudo trabalhadoras em tempo integral – apenas em alguns momentos eram esposas, mães e donas de casa.

Hoje, mesmo trabalhando fora de casa, a maior parte das mulheres ainda trabalha nos afazeres domésticos - tais como limpar a casa, cozinhar, lavar roupa, passar roupa - servindo seus irmãos, maridos ou filhos. Ainda hoje “estamos diante de uma divisão do trabalho baseada na ideia de uma diferença sexual” (TIBURI, 2018, p. 15). Hirata e Kergoat (2007, p. 599) observam que a divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (que considera que existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (que considera que os trabalhos de homens valem mais que os trabalhos de mulheres). Esses princípios levam em conta uma ideologia naturalista, que rebaixa gênero ao sexo biológico e traduz práticas sociais em papéis sexuais, que remeteriam a um “destino natural” da espécie.

Em relação a essa divisão, Hirata e Kergoat apresentam dois modelos: o tradicional, em que família e trabalho doméstico são assumidos inteiramente pelas mulheres e o papel de provedor aos homens; e o modelo de “conciliação”, onde cabe exclusivamente às mulheres conciliar as vidas familiar e profissional. Quando essas mulheres que priorizam a vida profissional externalizam a responsabilidade do trabalho doméstico, este é feito por outras mulheres – geralmente mulheres negras e de classe baixa. Um terceiro modelo vem surgindo, com a partilha parcial ou total das atividades domésticas. De acordo com pesquisa²⁰, principalmente em grupos de casais mais jovens, pertencentes às classes A e B.

Sobre a questão do trabalho, apesar de reconhecer as evoluções que foram possíveis a partir dele, hooks chama a atenção: “aprendi com a minha própria experiência que trabalhar por salários baixos não libertava mulheres pobres da classe trabalhadora da dominação masculina” (hooks, 2019, p.81). Conforme Tiburi:

Em todos os campos de atividades, dos menos aos mais concorridos, as mulheres sempre são as pessoas que recebem menor remuneração e se acumularem a opressão de raça, como as mulheres negras, receberão menos do que todos. Mesmo quando chegam aos cargos mais desejados, como diretoras ou presidentes de corporações, as mulheres costumam receber salários menores. As mulheres negras raramente chegam a cargos mais valorizados. (TIBURI, 2018, p. 62)

²⁰ Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/04/52percent-dos-homens-dizem-que-tarefas-domesticas-sao-divididas-igualmente-em-sp-39percent-das-mulheres-concordam-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em 08 mai 2022.

Mesmo com as evoluções conquistadas a partir da luta feminista, hooks reforça que o trabalho de fato não liberta as mulheres, tendo em vista a quantidade de mulheres profissionais com altos salários que ainda estão em relacionamentos pautados pela dominação masculina. No entanto, ressalta que a autossuficiência econômica é, de fato, essencial para a libertação das mulheres – e que a liberdade só aumentará com salários melhores e mais igualitários.

Ainda sobre o mercado de trabalho, Beauvoir (1970b, p. 470) abordava a corrida injusta que as mulheres deveriam fazer. “A mulher deve incessantemente conquistar uma confiança que não lhe é de início concedida: no princípio ela é suspeita, precisa dar provas de si. Se tem valor, ela, afirmam, as dará. Mas o valor não é uma essência dada”. Essa falta de valor tem o peso do privilégio masculino em relação aos cargos, e o complexo de inferioridade chega às mulheres.

Ao perceber que todas essas relações – familiares, sociais, sexuais, trabalhistas e de outros campos da vida – são atravessadas pelo controle patriarcal, as mulheres feministas popularizaram a expressão “o pessoal é político”. “As mulheres se deram conta de que aquilo que pensavam ser problemas individuais eram experiências comuns a todas, fruto de um sistema opressor” (GARCIA, 2011, p.17). Assim, ainda que compreendendo as grandes diferenças entre as vivências específicas de cada mulher, os fios condutores apresentados aqui são violências sofridas por grande parte das mulheres, o que determina, de alguma forma, as suas posições e possibilidades na sociedade. Conforme Garcia:

As formas do patriarcado variam. Em um país como a Arábia Saudita, por exemplo, onde as mulheres não possuem nenhum direito fundamental, sua realidade não se parece com a das europeias que, ao menos formalmente, conseguiram seus direitos. Na Europa, o patriarcado utiliza outros instrumentos para manter os estereótipos e os papéis sexuais, a discriminação no mundo do trabalho e a violência de gênero que continuam a existir em números assustadores. Por isso, é habitual encontrar ideias opostas em relação à atual situação das mulheres no mundo. Aqueles que não levam em conta o patriarcado asseguram que as coisas mudaram tremendamente, mas quem o percebe com nitidez afirma que as coisas não mudaram tanto assim: são os problemas que mudam sem desaparecer. O objetivo fundamental do feminismo é acabar com o patriarcado como forma de organização política. (GARCIA, 2011, p. 18)

É preciso considerar, aqui, que as relações entre família, casamento e trabalho, bem como as demais áreas da vida pessoal e profissional, se dão de maneiras diferentes para as mulheres de diferentes raças, classes, formatos de corpo e sexualidades. Beauvoir apresenta a percepção das mulheres brancas

européias da época em que viveu. No entanto, é preciso entender que a realidade vivida por mulheres negras, por exemplo, ao interseccionar machismo e racismo, apresenta opressões específicas. Ainda que não seja o foco teórico deste trabalho, destacamos a importância da observação da interseccionalidade, como abordado por Akotirene (2019, p.24), pois esta permite uma análise com criticidade política, para que possamos compreender “a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem.”

Compreendendo que as mulheres negras vêm de uma experiência histórica diferenciada (CARNEIRO, 2019), em que foram tratadas como objetos passíveis de venda e troca durante séculos e consideradas força trabalhadora de igual forma que os homens, é impossível igualar as formas de violência vividas. Em 1851, Sojourner Truth, abolicionista e ativista dos direitos das mulheres afro-americanas, que nasceu escravizada, proferiu seu famoso discurso na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, com o título “E eu não sou uma mulher?”. Naquele momento, ela demonstrava que, enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito de votar e trabalhar, as mulheres negras “lutavam para serem consideradas pessoas” (RIBEIRO, 2016, p. 100).

Nos tempos atuais, em que o racismo ainda é uma questão latente, mesmo que muitos dos problemas das mulheres brancas sejam compartilhados com as negras, muitos outros não são. Por exemplo, como traz Lorde (2019), as mulheres brancas temem que seus filhos homens cresçam e se juntem ao patriarcado; as mulheres negras, por sua vez, temem que seus filhos sejam assassinados por policiais. As diferenças, é claro, não acabam aí. As mulheres negras são as que possuem salários menores, estão mais comumente em trabalhos informais ou domésticos, são menos vistas e menos representadas na mídia e na política.

Assim, ainda que a sociedade tenha avançado em tantas questões em relação às mulheres, existem tantas outras para avançar, pensando em romper as estruturas opressoras – racismo, machismo, LGBTfobia, gordofobia, entre outras –, pensando que esses eixos (raça, gênero, sexualidade, classe) não são categorias isoladas, mas sim indissociáveis (RIBEIRO, 2016).

3.3 A BELEZA COMO PILAR DA VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL DAS MULHERES

Neste trabalho, buscamos abordar com mais enfoque a questão da beleza estética, tendo em vista problematizar esse aspecto como parte importante do perfil da telejornalista. Beauvoir a entende como um dos pilares da vida das mulheres, e apresenta algumas perspectivas sobre o assunto. Considera que cuidar da beleza e da aparência é, para as mulheres, uma espécie de trabalho – tal qual o trabalho do lar. Ela consegue, nesse momento, sentir que se apropria de si mesma, escolhendo como irá parecer. Para os homens, as roupas devem indicar seriedade e não trazer olhares. Já para as mulheres, as roupas servem para que ela se torne objeto, erótico, muitas vezes, enquanto, por outro lado, tornam ela uma serva da moda.

A saia é menos cômoda do que as calças, os sapatos de salto alto atrapalham o andar; os vestidos e os escarpins menos práticos, os chapéus e as meias mais frágeis é que são os mais elegantes; o vestido, quer fantasie, deforme ou modele o corpo, em todo caso o expõe aos olhares. (BEAUVOIR, 1970b, p. 296)

Assim, transformando-se em objeto, compreendemos que a forma como se apresenta e se enfeita modifica o seu valor. A mulher contemporânea, ainda que tenha se tornado mais independente, na maioria das vezes não entende como futilidade a escolha de roupas, sapatos, bolsas e maquiagem. É a sustentação de sua posição e de seu valor. Beauvoir (1970b, p. 301) afirma que, na época, nos Estados Unidos e na França, quanto melhor representada e apresentada era uma trabalhadora, mais respeitada ela seria.

E o que seria, então, ser melhor representada? O conceito de beleza muda de sociedade para sociedade, de época para época, é fato. Porém algumas características seguem como padronizadas. A beleza é, geralmente, relacionada à juventude, ao corpo magro – mas com certa quantidade de músculos e curvas –, à pele lisa e branca. Conforme reforçado por Carneiro (2019), especialmente na sociedade brasileira, o modelo estético de mulher é o da mulher branca.

Assim, as mulheres se tornam reféns de certas atitudes para conseguir manter-se sempre belas, buscando estar conservadas, como compara Beauvoir (1970b), tal qual conservam os móveis e as geleias. Essa obsessão faz com que elas se transformem em inimigas de sua própria existência, tendo em vista que as modificações do corpo causadas pelo envelhecimento são naturais.

Apesar da mudança de perspectiva e de padrão estético, ainda hoje “ser bela” está relacionado a “ser jovem”. A beleza engloba também as roupas, os acessórios e a maquiagem. É necessário encontrar o meio termo perfeito entre a elegância e a sensualidade, o exibicionismo e o pudor. Del Priore (2000, p.100) afirma que a identidade corporal feminina segue sendo condicionada pela obrigatoriedade de seguir a tríade beleza-juventude-saúde, em vez de ser condicionada pelas conquistas das mulheres no mundo privado ou público. “Leia-se: a mulher deve explicitar a beleza do corpo por sua juventude, sua juventude por sua saúde, sua saúde por sua beleza” (DEL PRIORE, 2000 p.100).

Trazendo uma abordagem atual, hooks (2019) afirma que o ato de desafiar o pensamento sexista em relação aos corpos das mulheres foi uma das mudanças mais poderosas feitas pelo movimento feminista contemporâneo: “todas as mulheres, mais jovens ou mais velhas, foram socializadas pelo pensamento sexista para acreditar que nosso valor estava somente na imagem e em ser ou não notada como pessoa de boa aparência” (hooks, 2019, p. 57). Essa positiva mudança – que ainda caminha a passos largos – permitiu que as mulheres pudessem compreender os aspectos psicológicos da obsessão pela imagem, como a compulsão pela privação por comida, a necessidade de se apertar em espartilhos e cintas, a busca por cirurgias plásticas e procedimentos estéticos.

Para além dos acessórios, o corpo das mulheres é um dos principais itens relacionados a sua beleza. Ao mesmo tempo em que é esse objeto de valor, também é um fardo; sangra todos os meses, prolifera passivamente, tem oscilação hormonal e não é considerado pelas mulheres um instrumento de domínio sobre o mundo. Ainda que casa de sofrimento, o corpo das mulheres também é motivo de orgulho, de deslumbramento, pode ser obra de arte – ela o modela, decora, pinta e exhibe.

De forma esperançosa, Beauvoir, em 1940, ano da primeira edição do livro, projetava que a libertação das mulheres se daria pelo trabalho. Hoje, sabemos que as opressões estão tão engendradas no sistema social e institucional que apenas a liberdade financeira não garante uma libertação total das mulheres:

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. (BEAUVOIR, 1970b, p. 449)

A autora afirmava que a mulher “independente” – aquela que trabalha – se dividia entre sua profissão e sua “vocação” enquanto mulher, com dificuldade de encontrar o equilíbrio, realizando concessões, sacrifícios e acrobacias para conseguir dar conta do que exigiam dela, o que gerava – e ainda gera – transtornos consequentes do estresse, nervosismo e ansiedade.

O privilégio masculino é ocasionado, como vimos, por um processo histórico e social de disputa entre homens e mulheres. Nenhum destino biológico ou psicológico definiu que essa disputa deveria acontecer. A autora questiona: “A disputa durará enquanto os homens e as mulheres não se reconhecerem como semelhantes, isto é, enquanto se perpetuar a feminilidade como tal; quem, dentre eles, mais se obstina em a manter?” (BEAUVOIR, 1970b, p. 488). Aqui compreendemos a feminilidade enquanto uma das manifestações do patriarcado – que já está tão conectado com a sociedade e com o capitalismo que segue em um processo de retroalimentação. Cabe trazer nesse ponto que, mesmo que as mulheres, segundo Beauvoir, estejam na disputa que se “obstina” a manter a feminilidade, é importante entender que é uma consequência da construção social em que elas estão desde o nascimento. Decidir abdicar da feminilidade é o caminho menos óbvio e mais custoso, ainda que muito necessário para a libertação das mulheres.

Nesse sentido, afirma Beauvoir:

Dir-me-ão que todas estas considerações são bem utópicas, posto que fora necessário, “para refazer a mulher”, que a sociedade já a tivesse feito realmente igual ao homem; os conservadores nunca deixaram, em todas as circunstâncias análogas, de denunciar este círculo vicioso: entretanto a história não pára. Sem dúvida, se colocamos uma casta em estado de inferioridade, ela permanece inferior: mas a liberdade pode quebrar o círculo. Deixem os negros votar, eles se tornarão dignos do voto; dêem responsabilidades à mulher, ela as saberá assumir; o fato é que não há como esperar dos opressores um movimento gratuito de generosidade; mas ora a revolta dos oprimidos, ora a própria revolução da casta privilegiada criam situações novas; por isso os homens foram levados, em seu próprio interesse, a emancipar parcialmente as mulheres: basta a estas prosseguirem em sua ascensão e os êxitos que vêm obtendo incitam-nas a tanto; parece mais ou menos certo que atingirão dentro de um tempo mais ou menos longo a perfeita igualdade econômica e social, o que acarretará uma metamorfose interior. (BEAUVOIR, 1970b, p. 497)

Dessa forma, segundo a autora, a liberdade das mulheres será conquistada quando estas não estiverem encerradas nas suas relações com os homens, mesmo que sem negar a existência destas. Tal conquista será possível quando as mulheres começarem a também existir para eles, reconhecendo-se mutuamente enquanto sujeitos, mesmo que ambos permaneçam sendo “o outro” um para o outro. Assim, “é

quando for abolida a escravidão de uma metade da humanidade e todo o sistema de hipocrisia que implica, que a ‘seção’ da humanidade revelará sua significação autêntica e que o casal humano encontrará sua forma verdadeira” (BEAUVOIR, 1970b, p.500).

Trouxemos durante esse capítulo a ligação das mulheres com a questão estética e a dedicação que têm para com a beleza. Sendo este um dos fios condutores desta pesquisa, cabe abordar a beleza, as características mais valorizadas e seus padrões ao longo dos anos.

3.4 CORPO E PADRÃO DE BELEZA AO LONGO DOS ANOS

As características do corpo das mulheres, como pudemos observar, podem ser decisivas para determinadas relações – sejam elas pessoais ou profissionais. Considerando que a beleza é um dos aspectos importantes socialmente para as mulheres, buscaremos trabalhar questões relativas a essa temática. Para isso, utilizaremos as considerações de Sant’anna (2014), Louro (2003), Boris e Cesídio (2007), Novaes e Vilhena (2003) e Laus (2012).

Ao longo do tempo, as pessoas foram examinadas, classificadas e definidas pelos seus corpos. Segundo Le Breton (2007), a existência do sujeito, antes de tudo, é corporal. Nesse sentido, como afirmado por Louro, “A determinação das posições dos sujeitos no interior de uma cultura remete-se, usualmente, à aparência de seus corpos” (LOURO, 2003, p. 1).

Como trouxemos anteriormente, no telejornalismo o corpo faz parte da comunicação. Le Breton (2007) observa esse aspecto, relatando que o corpo produz sentidos continuamente, sendo ele emissor ou receptor de mensagem, de forma a inserir os sujeitos dentro de um espaço social e cultural. Assim, o corpo não é apenas uma junção de órgãos ou objeto de interesse da biologia: ele é socialmente construído, é uma estrutura simbólica. Dessa forma, quando analisamos certas características estéticas, estamos observando-as a partir de um determinado contexto e uma determinada significação social.

Como apresentado por Bourdieu (2007), a aparência do corpo pode ser considerada um capital em determinados campos. Esse capital depende de certas características que serão mais ou menos valorizadas, dependendo do ambiente. De acordo com Le Breton: “‘Capital aparência’ cujas fontes devem ser gerenciadas da melhor maneira possível para que o melhor rendimento possa ser alcançado ou

simplesmente para que não se prejudique por demasiada negligência” (LE BRETON, 2007, p 77-78).

Concordando com Eco (2004), compreendemos que a cultura e a época são fundamentais para determinar o que é belo. Assim, consideramos que se faz de extrema importância observar como as estéticas dos corpos têm sido percebidas no Brasil e quais as características são mais valorizadas ainda nos dias de hoje.

Sant’anna trabalha a beleza dos brasileiros desde o começo do século XX, até meados dos anos 2000, com considerações feitas a partir de matérias de jornais e propagandas, tratando, portanto, da beleza construída midiaticamente. A observação dos corpos na mídia se faz importante pois, segundo Novaes e Vilhena (2003, p. 10), “no palco da cultura, à mercê de seus signos, o corpo ultrapassa os limites do biológico – sua versão mecânica –, e torna-se personagem/ator social, travestindo-se de seu aparato simbólico”. No mesmo sentido, Boris e Cesídio (2007) afirmam que a mídia impõe padrões estéticos, éticos e políticos, influenciando as existências e subjetividades dos sujeitos.

É possível observar, a partir de diversas leituras, o quanto o tema beleza está estritamente ligado com as mulheres. Como afirmado por Novaes e Vilhena (2003, p. 24), “Para a mulher, a beleza é representada como um dever cultural.” No início dos anos 1900, a beleza das mulheres era feita com “quase nada”: dependia muito da escolha de vestidos e sapatos, que precisavam combinar com os cabelos e a pele de cada mulher. Para elas, era preciso ser faceira. Essa faceirice era definida pela habilidade de realçar o que fosse agradável e esconder o que fosse ‘feio’.

A padronização de beleza daquela época considerava que traços faciais harmoniosos eram qualidades mais femininas do que masculinas. “Em várias regiões do país, concordava-se que a beleza com algum aspecto feroz ou mesmo brutal cabia muito bem aos homens” (SANT’ANNA, 2014, p. 26). Dessa forma, a aparência natural masculina era aceita, enquanto a feminina devia caber em expectativas. Para além do rosto, aos corpos também já cabiam padronizações – muito gordos ou muito magros eram considerados feios, porque estavam em extremos de uma linha imaginária em que o melhor valor seria o meio termo.

O conceito de feiura, no início do século XX, era muito utilizado pelas pessoas e pela imprensa. O que fugia do comum, como corpos mirrados, magros, ou então “balofos” ou com “panças” grandes, era tema habitual dos textos. “As feias costumavam ser chamadas de narigudas, ‘pesudas’, ‘bixigentas’, branquelas,

encardidas, ‘zaroias’, incluindo brancas e negras de diferentes idades. Quando havia falta de elegância, a feiura tornava-se maior” (SANT’ANNA, 2014, p. 28). Quando uma mulher era feia, porém inteligente, era como se compensasse a sua “falha”.

Também o conceito de velhice era diferente, principalmente considerando que a idade em que se envelhecia nos anos 1920 era muito anterior a dos dias atuais: era comum que as mulheres fossem consideradas velhas mesmo antes da menopausa. “Para a tristeza das mulheres, os homens pareciam envelhecer melhor. Não por acaso, as piadas sobre idade recaíam principalmente sobre elas” (SANT’ANNA, 2014, p.40).

É nessa época que se nota um interesse científico maior em relação ao assunto “beleza”. Porém, ainda era difícil admitir que o corpo da mulher pertencia a ela mesma, em primeiro lugar. A criação dos cosméticos e a livre possibilidade de embelezamento do corpo gerava reprovações. Na busca por continuar mantendo o corpo feminino sob o controle masculino (daqueles que as tinham como propriedade – pais e maridos, como vimos em Beauvoir), “costumava-se associar uma parte do embelezamento diretamente ao pecado” (SANT’ANNA, 2014, p. 52). Nessa época, adolescentes consideradas de “boa família” não possuíam autorização de pais e irmãos para utilizar batom e blush. “Em geral, os corpos não eram vistos como exclusividades individuais. Costumavam servir como instrumento de gestão da vida coletiva, pertencentes a uma comunidade, ficando, assim, dependentes da aprovação desta” (SANT’ANNA, 2014, p. 53).

Além da diferença na noção de velhice, a reflexão sobre a gordura corporal era diferente dos tempos atuais. Na década de 20, se compreendia que o motor do corpo era o coração ou os pulmões. Aqueles que eram muito gordos provavelmente não estaria com os seus “motores” funcionando, por isso o acúmulo de gordura. O culto ao emagrecimento começou a aparecer na propaganda a partir dessa década.

Nos Estados Unidos, a exigência do emagrecimento recaía mais sobre as moças do que sobre os rapazes. Para o sexo masculino, o maior problema era a falta de peso, e não o seu excesso. No Brasil ocorria o mesmo; mas, tanto para as mulheres como para os homens, os rigores dos regimes não incluíam ainda o detalhamento das normas hoje amplamente conhecidas. (SANT’ANNA, 2014, p. 57)

Questões de padronização em relação à raça também eram comuns nas revistas e jornais, especialmente escritas por médicos e higienistas de inspiração eugênica. “Eugenistas como Renato Kehl criticavam as mulheres de ‘seios caídos’,

ventres flácidos e volumosos, pernas curtas e ‘aparência mestiça’” (SANT’ANNA, 2014, p. 58). Nos textos desses profissionais, era possível observar o quanto a “raça” era dependente da estética. Eles tinham como objetivo o “aperfeiçoamento da raça”, buscando uma descendência saudável, corrigindo as imperfeições do corpo sem modificar as condições sociais e econômicas da população.

Ainda em relação à estética racial, a concepção de que a pele clara era “mais bela” era difundida nos concursos de misses e anúncios publicitários – a chamada pele alva. Não se tratava apenas do tom branco da pele, considerava também ausência de manchas e cicatrizes. Foram criadas maquiagens para clarear a pele morena e, mesmo com a moda do bronzeado à beira-mar, a pele branca ainda era o padrão de beleza. “Havia conselhos que sugeriam a proximidade entre sujeira, doença e pele escura. [...] Uma parte da propaganda reforçava o preconceito de que a mestiçagem era a causa de um trio supostamente inseparável: atraso cultural, indolência e sujeira” (SANT’ANNA, 2014, p.72).

A pele branca era, então, associada diretamente à saúde e a um modelo único de beleza. Entre os tipos de pele clara, ainda os “morenos claros”, que contrastavam sobrancelhas e cabelos escuros com a pele branca, eram os que tinham mais prestígio em ambos os gêneros. Mas, para além da pele, o cabelo também entrava na relação de estética e raça: o racismo existente no Brasil, durante muito tempo, era exposto em jornais e revistas sem pudor, tratando de forma preconceituosa a pele negra e o cabelo chamado de “carapinha”. Branquear a pele era um conselho positivo – inclusive na imprensa negra – assim como alisar os cabelos.

Cabeleireiros “especialistas em pessoas de cor preta” existiam na capital paulista dos anos 1920 e 1930, justamente quando a imprensa negra anunciava um produto denominado O Cabelisador, que incluía um pente, a ser aquecido antes do uso, e “uma pasta mágica”. Sua propaganda garantia o alisamento do “cabelo mais crespo sem dor”. O instrumento era vendido dentro de um estojo e permitia que o alisamento fosse realizado em casa e de modo econômico. Mas o costume de passar os cabelos a ferro já era uma prática comum entre brancos e negros, mesmo antes de O Cabelisador existir. No caso masculino, havia a dificuldade de domar os fios curtos, por isso, o jeito era caprichar na brilhantina, misturada a loções que alguns armazéns da cidade vendiam para ajudar a “engomar” os fios. Em relação às mulheres negras, a busca do embelezamento dos cabelos destacou-se ao longo do tempo como uma cultura em permanente evolução: penteados que incluem diferentes tipos de trança, produtos para o amaciamento e o crescimento dos fios, mas também a invenção de pomadas e de instrumentos para alisá-los. (SANT’ANNA, 2014, p.76)

A estética dos cabelos alisados para a população negra, com outros tipos de produtos e técnicas, permaneceu hegemônica até o início dos anos 2010, quando se iniciam os movimentos de valorização dos cabelos crespos e cacheados. Nesse momento, o mercado começa a se voltar para esse público, criando linhas específicas para as curvaturas diferentes do liso, existindo também o incentivo a chamada transição capilar – quando as pessoas param de utilizar a química de alisamento e passam a permitir que seus cabelos cresçam de forma natural.

Nos anos 1930, a publicidade passou a reforçar as vantagens dos produtos. Anteriormente, traziam ameaças mais duras, como a necessidade de “se curar” ou de “se embelezar para conseguir marido”. A partir dessa década, começou-se a relacionar a beleza com o bem-estar, a felicidade e a saúde, associando ser bela com ser saudável. A mesma mudança foi observada em relação ao uso do conceito de “feiura”. O foco já não é mais em fazer chacota no feio, mas sim em olhar para o futuro, o quão belo ele pode ficar – a partir de cosméticos e cirurgias plásticas. “Assim como era comum aos médicos recomendar a todos que evitassem perder energia, agora, aconselhava-se, principalmente à mulher, a não perder a oportunidade de embelezar-se, mesmo que fosse por meio de cirurgias” (SANT’ANNA, 2014, p. 82).

Se historicamente as mulheres se preocupavam com a beleza, a partir desse momento elas passam a ser as responsáveis por ela. “De dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se um dever moral (se quiser eu consigo). O fracasso não se deve mais a uma impossibilidade mais ampla, mas a uma incapacidade individual” (NOVAES e VILHENA, 2003, p. 25).

Entre os anos 1940 e 1950, os conselhos de beleza para as mulheres jovens – os “brotos” – estavam em torno de ser “limpa, cheirosa, prestimosa e, ainda, conhecedora das novidades disponíveis no mercado dos produtos de higiene” (SANT’ANNA, 2014, p. 84). para ser considerada uma mulher bela e conseguir arrumar um marido. As propagandas de revistas, utilizando-se das imagens de artistas de sucesso, afirmavam que a limpeza corporal era o que mantinha os casamentos duradouros. Além disso, outro ideal era manter-se delicada, graciosa e pequena. Dessa forma, os cuidados com a beleza – e com a forma de se portar – continuaram focados na necessidade de se casar e formar um lar feliz. As publicações traziam repetidamente os mesmos conselhos: para ser bela, era

necessário conter os exageros, controlar a presença corporal e emocional, conter a espontaneidade das ações.

A relação entre beleza e dieta já era vista bem antes de 1960. Os regimes eram pontuais, muitas vezes feitos nas vésperas de eventos importantes; dietas não tinham conexão com a saúde do corpo, como hoje a imprensa busca trazer – elas geralmente prescreviam a redução da quantidade de alimentos ingeridos, sem qualquer relação com os malefícios de alimentos como o açúcar. Cuidar da aparência, então, não era uma questão de demonstrar a personalidade, conhecer a si mesma, sentir o próprio corpo. As mulheres deveriam se embelezar para “parecerem” naturais, mesmo quando não o fossem. Sutiãs de bojo, laquê e maquiagem faziam parte das “dissimulações aceitas socialmente e interpretadas como cuidados embelezadores” (SAN’TANNA, 2014, p. 92).

A autora observa que, em 1954, um artigo da revista *Manchete* afirmava que o consumo de cosméticos no Brasil estava aumentando e que, nos Estados Unidos, já era maior do que o consumo de manteiga. Nessa época, a abordagem publicitária começa a mudar, trazendo uma relação entre a beleza, o cuidado com o corpo e a sensibilidade.

A feia seria entendida como alguém incapaz de se contentar com a própria vida, discernir seu charme e tirar proveito de seus dotes. Por isso, quando não se tinha uma boa aparência, o melhor, sugeriam os conselhos, era fazer um exame de consciência. Beleza se tornava o resultado de um empreendimento pessoal dependente de uma escuta dos próprios sentimentos. Se essa escuta fosse acurada e se a mulher fosse empenhada e disciplinada, a feiura teria sempre alguma solução. (SANT’ANNA, 2014, p. 105)

Ainda hoje, a padronização também se relaciona com características positivas, como felicidade, autocontrole, poder, bem-estar e liberdade. Conforme Laus (2012), na mídia esses conceitos estão diretamente conectados com os padrões de beleza. Dessa forma, a ânsia por estar dentro dos padrões – e, conseqüentemente, alcançar sucesso em todas as áreas da vida – só aumenta.

A partir da década de 1960, mudanças aconteciam na sociedade com relação à liberdade das mulheres. Porém, o cuidado com a beleza seguia lado a lado com a mulher moderna. O tema da independência financeira já era trabalhado na imprensa feminina, e já era possível ler sobre a liberdade de escolhas da vida de cada uma. As revistas traziam contos que ilustravam a vida de mulheres belas que não eram donas de casa e nem dependentes do marido. Porém, a conexão entre mulher e

casa seguia intacta: “A casa ainda era o espelho da sua senhora. Ocorre que, a partir dessa época, a casa e o corpo de sua proprietária deviam perder peso: móveis leves, práticos, de cores claras, junto a corpos igualmente leves e magros” (SANT’ANNA, 2014, p. 109). Ou, conforme Novaes e Vilhena (2003, p.30), para a mulher não basta apenas “ser uma boa mãe, uma esposa dedicada e uma profissional competente, é preciso estar enxuta para que cada um desses papéis seja mais valorizado socialmente.”

O ideal estético passava por mudanças entre os anos 1960 e 1970, com a chegada da beleza internacional. Ser bonita era ter ao menos 1,68m de altura, cabelo liso – que podia ser conquistado com a utilização de touca, com dezenas de grampos –, pele impecavelmente lisa e corpo magro. A partir de 1970, porém, com a entrada da moda hippie, as diferenças entre feios e bonitos não era mais crucial: o importante era ser bem assumido, como fosse. Esse ideal “natural” tinha alguns poréns:

Se, por um lado, o natural se harmonizava mais do que antes com a produção industrial, por outro, ele exigia trabalho. Vários anúncios na imprensa sublinhavam que a pele era “a maquiagem mais perfeita para a mulher”. Ora, para ser assim, a pele precisa de tratamentos. A beleza das “gatinhas” bronzeadas com cabelos molhados desafiava a durabilidade dos antigos cosméticos. Ser natural significava nada esconder, com ou sem maquiagem. Todo o corpo precisava atender a essa demanda. Nesse cenário, o embelezamento da mulher madura (termo em extinção) complicou-se. O ideal de uma beleza autêntica, não apenas à prova d’água, mas, sobretudo, contrária aos antigos artifícios, envolvia um aprofundamento das relações de cada um com o próprio corpo. Isso exigiu misturar o embelezamento com a ingestão de medicamentos para melhorar a forma corporal, de dentro para fora. (SANT’ANNA, 2014, p. 131)

Durante as décadas de 1970 e 1980, os cabelos cacheados e crespos das brasileiras tiveram um momento distante do alisamento. “Parecia uma libertação e, de fato, era. Para vários jovens (incluindo os rapazes), a contracultura, assim como a influência dos movimentos pelos direitos dos negros nos Estados Unidos, forneceu uma aura positiva aos cabelos crespos” (SANT’ANNA, 2014, p. 136). Artistas como Gal Costa, Caetano Veloso e Maria Bethânia assumiram cabelos longos, cacheados ou crespos, representando um símbolo de liberdade, coragem e, portanto, de acordo com os padrões da época, o símbolo de beleza para os jovens era estar “de bem com a vida” e ser “assumido”, seja com cabelos lisos ou crespos.

Já nos anos 1990, mais do que nunca, a imagem das jovens altas, magras, de cabelos lisos e pernas longas entra em voga. Com padrões estéticos cada vez

mais inalcançáveis pela maioria da população, as cirurgias estéticas se tornam mais populares. Entre as razões que explicam o crescimento desses procedimentos, estão a publicidade e a divulgação da mídia, que valorizam e tratam eles com naturalidade, e a globalização publicitária do padrão de beleza que considera que sucesso está atrelado à aparência jovem, magra, de pele lisa, lábios carnudos e sorrisos brancos e alinhados. O ideal de corpo padronizado na sociedade, conforme Boris e Cesídio (2007), levava – e podemos considerar que ainda leva – as mulheres a uma insatisfação crônica com o próprio corpo, odiando-o por alguns quilos ou rugas a mais e adotando medidas radicais, tais como procedimentos estéticos arriscados, para corresponder ao modelo cultural.

Além disso, o medo de envelhecer toma conta da população. A utilização de cosméticos e vitaminas – e as suas publicidades – tornaram o “envelhecer sem ser velho” uma necessidade de todos. Como traz Le Breton (2007, p. 78), o corpo é um objeto de constante preocupação, justamente pelo lugar de “bem-estar” e “bem parecer”, através da manutenção da juventude – com exercícios físicos, cosméticos e dietas.

Apesar de ser tratada muitas vezes de forma banal pela mídia, essa necessidade da boa aparência é investida de grande carga ideológica, como afirmado por Novaes e Vilhena (2003). A modelagem dos corpos trabalha junto com a lógica do consumo, trazendo a necessidade constante de realizar investimentos estéticos. “Como podemos observar, a ordem é cooptar tudo que desvie do padrão” (NOVAES e VILHENA, 2003, p. 19).

Algumas mudanças nas possibilidades de padrões estéticos surgem a partir dos anos 2000, com o crescimento da moda dos bailes funk e do reality show Big Brother Brasil, que apresentavam mulheres com curvas mais acentuadas, utilizando roupas mais curtas e apertadas – as “popozudas” e “boazudas”. Esse padrão trazia a utilização de stretch, que acentuava as curvas, os tops, shorts e saias.

Algumas se esmeraram em figurar como “popozudas” graças às cirurgias plásticas e ao implante de próteses de silicone, como a conhecida Mc Maysa Abusada. Algumas seriam consideradas gordas para os padrões europeus ou mesmo dentro de alguns grupos sociais brasileiros. [...] Não muito distante da imagem da funkeira difundida pela mídia, as “garotas superpoderosas”, conforme uma reportagem publicada na Revista O Globo, tornaram-se musas do carnaval carioca desde meados dos anos 2000. O programa Big Brother Brasil contribuiu para a divulgação dos corpos turbinados ou bombados, mas a ascensão de uma nova classe média no país, ávida pelo consumo de marcas de luxo, e o acesso a uma hipersaúde – o que significa o desejo de adquirir um corpo 100% forte e seguro de si. (SANT’ANNA, 2014, p. 163-165)

Outra mudança significativa é o crescimento do consumo de produtos de moda e beleza pelas mulheres “plus size” (tamanho maior/tamanho a mais, em tradução livre). “Os movimentos sociais em prol da aceitação sem preconceitos da diversidade corporal também favoreceram o valor de uma beleza mais redonda do que longilínea” (SANT’ANNA, 2014, p. 169).

Ainda que o mercado tenha aumentado, as cirurgias de redução de estômago e lipoaspiração continuaram a crescer. A noção da beleza da mulher gorda, ao mesmo tempo em que aborda a aceitação e a não utilização de dietas e exercícios com o intuito do emagrecimento, ainda exige uma estética lisa, realçando os cuidados com a pele, o cabelo e “certa distribuição julgada socialmente harmoniosa do peso entre as várias partes do corpo. Mesmo uma famosa campanha da Dove, lançada em favor da ‘beleza real’, provocou o comentário de que as gordinhas mostradas não apareciam com celulite” (SANT’ANNA, 2014, p. 170). Ainda que possamos considerar como avanço, ainda hoje são poucas as campanhas com mulheres gordas, menos ainda se considerarmos outras estéticas não hegemônicas, como mulheres negras, com deficiência e/ou lésbicas.

A prevalência da imagem da mulher magra como bela é possível de ver ainda hoje, mesmo com toda a evolução no debate em relação ao *body positive* e a gordofobia. Como abordado por Novaes e Vilhena, estar magra é positivo em qualquer contexto ou discurso; “é o melhor capital, portanto, a melhor forma de inclusão social, e por fim, a moeda de troca mais eficaz. Ser magra, nos dias atuais, é um adjetivo da beleza. Esta, por sua vez, reforça e condiciona a feminilidade” (NOVAES e VILHENA, 2003, p. 30).

A partir dos anos 2000 – e, em especial, a partir da popularização dos *smartphones* e das redes sociais – estamos inseridos em uma cultura que possui cada vez mais telas e, conseqüentemente, as imagens passam a constituir a realidade, e não mais apenas a retratá-la ou a representá-la. Dessa forma, a “imagem toma o lugar do sujeito; e, sem perspectiva de si mesmo, haverá identidade possível?” (NOVAES e VILHENA, 2003, p. 32).

Dessa maneira, se o corpo é hoje mais do que a morada da alma, ver-se diante do espelho e embelezar-se são experiências atravessadas por inquietações graves, ansiedades dilacerantes e, ao mesmo tempo, por expectativas revolucionárias em torno da sexualidade, da saúde e do sucesso profissional. (SANT’ANNA, 2014, p. 174)

Assim, chegamos a um momento em que os corpos de homens e mulheres estão, a todo tempo, sendo vistos em espelhos, fotografias e vídeos. Dessa forma, a presença do corpo na sociedade se torna intensa, assim como a necessidade de transformá-lo em esteticamente belo (e aceito).

Essa sociedade cada vez mais midiática e imagética transforma e modifica a todo momento o conceito e a utilização das imagens. Conforme Rosário (2008, p.5), a imagem “encarna a fragmentação, a repetição, a multiplicação, a autenticidade, a citação, a hibridação, a convergência, a acumulação e, com isso, cria novas formas de significar que podem distanciar-se dos paradigmas da modernidade”. Nesse sentido, é preciso entender o quanto essas imagens, por todas as características citadas, podem funcionar como combustível para a compreensão cultural dos indivíduos.

Começa-se a vislumbrar o quanto a imagem pode funcionar como socializadora de sentidos, de crenças, de valores, de idéias, de comportamentos, bem como produto estético. Afinal, através dela é possível aos sujeitos interagir, construir, reconstruir sentidos e partilhá-los e, ao mesmo tempo, desenvolver maneiras diferenciadas e inovadoras de representar, de pensar e de agir em sociedade. (ROSÁRIO, 2008, p. 5)

Por essas imagens perpassam cores, símbolos e corpos. Esses corpos, a partir da mídia, se tornam representações. Dessa forma, “mesmo que eles carreguem consigo traços do cotidiano, a sua construção de sentidos parece se dar em uma dimensão que não a mesma em que se dá o processamento dos sentidos dos corpos do cotidiano. Por outras palavras, há outros elementos a compor a significação desse corpo” (ROSÁRIO, 2008, p.6). Esses elementos são traços típicos da mídia, que transformam os corpos a partir do sentido estético e comercial.

Conforme Rosário (2008, p.7), os corpos nas telas demonstram ainda com mais intensidade o “perfil de mulher que é independente, que trabalha e ao mesmo tempo se preocupa com a beleza, o conhecimento”. Dessa forma, reforçando a preocupação com a beleza e a estética, é comum que a padronização seja vista dentro dessa mídia – padronização essa que impede a apresentação de pluralidade racial, de tamanhos corporais e de idade.

Como trouxemos ao longo do texto, a beleza não é absoluta e imutável, mas vai se transformando de acordo com a época e com a cultura. Dessa forma, a partir das lutas sociais – feminismo, movimento negro, movimento gordo – vemos algumas modificações no mercado da beleza e da moda e, conseqüentemente, mudanças

nas representações midiáticas. Ainda assim, o Brasil segue sendo o líder mundial no ranking de cirurgias plásticas em jovens – o mercado de procedimentos estéticos subiu mais de 140% em 10 anos²¹, sendo os procedimentos mais feitos a lipoaspiração e o implante de silicone. Características como pele lisa (sem rugas ou acne) e branca, corpos magros, com curvas e com músculos, cabelos lisos permanecem como características físicas tidas como belas e ideais.

Ao longo deste capítulo, percebemos que as mulheres, no decorrer dos anos, sofreram (e ainda sofrem) opressões e violências nos mais diversos âmbitos da vida. Uma das opressões presentes fortemente na nossa sociedade até hoje é a pressão para cuidar da aparência. É exigido que elas estejam sempre belas. E o que é a beleza exigida para os corpos das mulheres? O que foi possível observar é que o belo foi relacionado ao longo dos anos (e até hoje segue sendo) a certas características corporais, como a pele clara e lisa, o corpo magro, cabelos lisos, traços finos, entre outras, sendo ressaltadas pela mídia, como apresentado. A partir de agora, buscaremos compreender quais são as características que estão presentes de forma majoritária nos corpos das mulheres telejornalistas no Brasil.

²¹ Disponível em <<https://jornal.usp.br/ciencias/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>>. Acesso em 23 abr 2022.

4 A APARÊNCIA DA TELEJORNALISTA BRASILEIRA: PADRONIZAÇÃO E REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSIONAL

“formatos femininos de corpos eletrônicos precisam ser predominantemente magros e jovens.” (ROSÁRIO, 2007, p. 16)

A pergunta norteadora dessa pesquisa é: de que forma o subcampo telejornalístico configura os corpos de mulheres apresentadoras e repórteres de telejornais? Para obter essa resposta, buscamos duas perspectivas metodológicas: uma que busca cruzar dados de pesquisas anteriores com uma análise quantitativa da aparência física dessas mulheres; outra que apresenta o ponto de vista das próprias jornalistas a partir de entrevistas. Neste capítulo, trazemos os primeiros procedimentos.

Escolhemos analisar o corpo das telejornalistas brasileiras de TV aberta por compreender que, pela gratuidade, essas são as emissoras de maior alcance para a população brasileira. É importante reforçar, porém, que compreendemos que as características analisadas se referem a este recorte sincrônico: as jornalistas de TV a cabo possuem outros possíveis perfis e características físicas.

4.1 PADRÃO ESTÉTICO DA TELEJORNALISTA: UM PANORAMA

O crescimento da presença das mulheres nas bancadas e nas reportagens de rua é significativo – hoje podemos observá-las na maioria dos telejornais. Compreendemos que os repórteres de telejornais, tanto homens quanto mulheres, seguem determinados padrões, não só de desempenho profissional, mas igualmente de aparência (física e de figurino), tendo em vista que suas imagens serão veiculadas durante a transmissão da notícia e ajudam a construir a legitimidade, a credibilidade e a qualidade do programa como um todo. Contudo, as mulheres, ao que parece, possuem normatizações e regulações mais rígidas no que se refere aos modos como se apresentam nos telejornais.

A naturalização dessa padronização pode ser observada em livros-guias de telejornalismo e em disciplinas de televisão em diversas universidades. A obra *Telejornalismo*, de Albertino Aor da Cunha (1990), traz a indicação de cuidados com a aparência – como a escolha da roupa e o uso de maquiagem para uniformizar a pele:

O repórter de televisão tem de se preocupar com as cores, de preferência com aquelas que dizem respeito a suas roupas. A cor de uma camisa, que não pode ser branca e sim, de preferência, cor palha, gridelém, celeste, creme, verde-clara. O paletó nem branco nem preto. O tecido estampado com raias, linhas verticais, quadriculadas ou com pintas (olho de perdiz) tecnicamente mexe com a convergência de linhas da televisão.

O processo sensorial consciente correlacionado com o processo fisiológico gera bem-estar em quem assiste a um jornal televisivo. A roupa, além de colaborar com a técnica eletrônica, tem ainda grande valor na apresentação de um repórter no vídeo. A mulher bem vestida dignifica a entrevista. O homem transmite confiança. (CUNHA, 1990, p. 65)

A maquiagem é importante na apresentação de uma entrevista, principalmente quando realizada por uma repórter. [...] Em nosso caso, a maquiagem serve para uniformizar o tom de pele e realçar certas características de um rosto.

[...]

Para a repórter é importante uniformizar a pintura do rosto, não acentuando formas com processos de caracterização. O meio termo é recomendável. A empatia carismática, o magnetismo pessoal, a personalidade são determinantes sublimadas pela maquiagem. (CUNHA, 1990, p. 66)

Ainda no mesmo sentido, na obra “Jornalismo de Televisão: Normas práticas”, de Pedro Maciel, um capítulo é dedicado ao repórter de TV, ressaltando que “O repórter, por definição, só existe em função da notícia que ele leva ao telespectador” (MACIEL, 1995, p.85). Porém, ainda destaca a importância da aparência física:

O repórter de televisão precisa preocupar-se também e manter cuidados com a roupa, que deve ser bem cortada e de bom gosto, com o cabelo, que deve passar uma impressão de limpeza e harmonia, com voz, que deve mostrar segurança na televisão, esses cuidados deixam de ser expressão de futilidade, sinais de vaidade pessoal, para se tornar uma necessidade profissional.

Esses cuidados com o comportamento pessoal e com a aparência física e a apresentação fazem parte do perfil do repórter de televisão e são importantes para manter a credibilidade profissional. (MACIEL, 1995, p. 86)

Essas regras e padronizações tem como objetivo compor com toda a estética do telejornal – que também inclui, dentre outros elementos, o cenário, a abertura, a edição e os enquadramentos. Para esta pesquisa, porém, buscamos centralizar a questão em torno do quanto essas regularizações excluem profissionais qualificados e/ou oprimem profissionais que estão atuando no mercado. Trazemos como elemento para a compreensão desta problemática uma série de pesquisas realizadas na área, com o enfoque na questão de aparência das mulheres jornalistas dentro do telejornalismo.

Na pesquisa de Matos (2006), em que três jornalistas que atuaram por mais de 20 anos no telejornalismo contam as suas trajetórias de vida, a jornalista Helena de Grammont afirma que nunca recebeu cobrança de chefia em relação a

padronização de vestimenta. Porém, ressalta: “É claro que a gente tem que estar com o cabelo penteado, uma blusa com uma cor boa, uso sempre calça comprida que não marque o corpo, roupa discreta, para não desviar a atenção do espectador” (MATOS, 2006, p. 57) .

No mesmo trabalho, a jornalista Mônica Teixeira relata, em sua entrevista, que tem a pior opinião sobre o sistema de televisão. Afirma que existem repórteres que parecem muito bons, mas que não têm habilidades técnicas, porém, “eles têm habilidade de aparecer bem na frente do vídeo. Aí, quem segura os repórteres, na verdade, são os editores” (MATOS, 2006, p. 63). Ao passo que “aparecer bem” em frente ao vídeo não tem relação com habilidades técnicas, está diretamente relacionado com características de aparência.

Aquino (2011), que pesquisou as significações do corpo e do figurino dos apresentadores do Jornal Nacional (William Bonner e Fátima Bernardes, na época), traz importantes considerações a respeito do estereótipo do apresentador de telejornal. A pesquisadora ressalta que a primeira vez que uma mulher apresentou um telejornal foi em 1992 – ano em que Valéria Monteiro ancorou o Jornal Nacional. Em 1996, o cargo foi ocupado definitivamente por uma mulher. Lillian Witte Fibe Aquino (2011, p. 115) relata que a jornalista buscou adotar um visual que remetesse à masculinidade, “própria do ambiente e da função para que, assim, pudesse alcançar a imagem de credibilidade”. A autora afirma que o mesmo aconteceu com Fátima Bernardes: é possível observar essa formatação quando comparamos a imagem de Fátima no Jornal Nacional e no programa de informação, entretenimento e entrevistas, Encontro, percebendo a diferença no corte de cabelo, na escolha do figurino, na forma de se portar em frente às câmeras.

Figura 2 – Comparação da imagem de Fátima Bernardes no Jornal Nacional e no programa Encontro



Fonte: Divulgação/Rede Globo

Assim, Aquino traz uma definição de padrão estético adotado pelas mulheres jornalistas na bancada do Jornal Nacional: cabelos curtos e lisos, que remetem à estética andrógina, maquiagem básica, acessórios discretos, uso de roupas sérias, com cores sóbrias e inspiradas em ternos e blazers. “Parece que, ainda hoje, ser feminina e ser profissional competente num ambiente tipicamente masculino não são características que possam andar juntas e depõem contra o trabalho da mulher” (AQUINO, 2011, p. 116).

Aquino ainda traz outras duas questões interessantes: a idade mais avançada é uma problemática maior para as mulheres do que para os homens, demonstrando que beleza, poder e capacidade de trabalho são centralizados na juventude, porém de forma desigual de acordo com o gênero. Além disso, a autora contabilizou o número de apresentadores que fazem parte do rodízio da bancada do JN (durante finais de semana e férias dos apresentadores): durante o ano de 2010, eram oito homens e quatro mulheres. Entre as mulheres, todas seguiam a padronização apresentada anteriormente: "mulher branca, relativamente jovem, de cabelos lisos, roupas sóbrias inspiradas nos trajes masculinos, acessórios e maquiagem discretos" (AQUINO, 2011, p. 118). Um detalhe importante observado pela pesquisa é que, até 2009, a jornalista Carla Vilhena (uma das apresentadoras que fizeram parte do rodízio do JN) utilizava o cabelo liso, porém, em 2010, apareceu com o cabelo cacheado em algumas apresentações.

A autora também chama a atenção para a quantidade pequena de repórteres e apresentadores negros nos canais abertos de televisão. Essa problemática é abordada em diversos estudos da área, como o de Hamermüller (2018), que analisou os jornais da Rede Globo durante 25 dias no mês de abril de 2018 e constatou a presença de 263 jornalistas não negros e 12 jornalistas negros na programação – o que representa apenas 4,4% dos repórteres e apresentadores da emissora durante o período analisado.

Em pesquisa realizada em 2018, baseada na análise da composição da aparência de 56 jornalistas da Rede Globo em cinco edições dos três jornais de maior audiência da emissora (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje e Jornal Nacional), na qual as características observadas foram a cor da pele, o tamanho do cabelo, a forma do cabelo e a estrutura corporal, notou-se a existência de um padrão: a maioria das telejornalistas observadas eram brancas, de cabelos lisos e médio, com o corpo médio (DIAS, 2018, p. 46). A partir desse estudo, foi possível observar que esse

padrão não representava a população brasileira: de 56 jornalistas, apenas 2 eram negras (DIAS, 2018, p. 46) – enquanto, em nosso país, mais de 50% da população não é branca²². Para além dos dados demográficos brasileiros em relação à cor/raça, cabe aqui ressaltar que, de acordo com Lima (2021)²³, os jornalistas brancos representavam 67,8% - porcentagem menor do que a constatada na pesquisa sobre as telejornalistas de 2018, que foi de 96%. O padrão constatado, portanto, não é representativo nem em relação à população brasileira como um todo, nem em relação aos profissionais jornalistas.

A mesma pesquisa de 2018 demonstrou um padrão estético muito claro para as telejornalistas: a grande maioria era branca (54 de 56 analisadas), com cabelo médio, na altura do ombro (27 das 56 analisadas) e liso (39 das 56 analisadas), e tinham o corpo médio (28 das 56 analisadas) ou magro (25 das 56 analisadas) (DIAS, 2018, p. 46). Além disso, foi possível observar, também, que as características que fugiam do padrão – como corpo acima do peso, cabelos cacheados e pele negra não apareciam juntas; a única exceção foi a jornalista Zileide Silva, que é negra de cabelos cacheados e curtos, mas tem o corpo magro.

Em pesquisa realizada por Martino e Zancoper (2017), observando as apresentadoras dos principais telejornais da TV aberta, foi possível também constatar uma padronização: conforme os autores, esse padrão também resulta em um afastamento de jornalistas que não seguem estas especificações de cor de pele, tipo de cabelo, formato de corpo e idade, “independentemente da qualidade do trabalho da jornalista, que deveria ser o critério em jogo” (MARTINO E ZANCOPER, 2017, n.p.).

Em análise quantitativa, a pesquisa de Aureliano e Silva (2015) apresenta como padrão de aparência das apresentadoras fixas dos principais telejornais do Brasil a mulher branca, magra, de cabelos de tamanho médio a longo e castanhos.

Os dados das pesquisas realizadas em 2011, 2015, 2017 e 2018 pouco diferem dos apresentados em 2007 por Rosário. De acordo com a publicação, as

²² Conforme dados do IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. Disponível em <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em 27 mar 2022.

²³ Conforme dados da pesquisa “Perfil dos Jornalistas Brasileiros (2021)”. Disponível em <<https://perfildojornalista.ufsc.br/2021/11/24/mais-pessoas-negras-e-menos-mulheres-no-mesmo-trabalho-exaustivo-o-perfil-de-jornalistas-no-brasil-em-2021/>>. Acesso em 10 abr 2022.

apresentadoras de telejornais apresentavam, em sua maioria, cabelos castanhos ou pretos, de curtos a médios:

Assim, no que tange às mulheres, as normas dos formatos dos corpos eletrônicos relacionados à aparência parecem se multiplicar e as apresentadoras de telejornal diferem bastante das apresentadoras de programas de entretenimento, não só no que se refere ao cabelo. As primeiras, em geral, usando blaser, acessórios pequenos e maquiagem suave. Já apresentadoras de programas femininos ousam mais no figurino, intensificam a maquiagem, excedem nos acessórios, os cabelos são, em geral mais alourados e mais compridos. Enfim, enquanto as primeiras fazem o estilo executivas comportadas, as últimas formatam seus corpos sobre o brilho, com um pouco de sofisticação aliada ao modo excessivo – over nos termos da moda. (ROSÁRIO, 2007, p. 13)

É relevante observar, também, que para os homens das bancadas a relação com uma padronização estética é diferente. William Bonner assumiu a bancada do Jornal Nacional em 1996, há 25 anos, e segue como âncora mesmo com os cabelos brancos aparentes – característica que não é vista em nenhuma das colegas de ancoragem. Na afiliada gaúcha, RBS, Elói Zorzetto está à frente do RBS Notícias desde 1988 e, hoje em dia, apresentando rugas e cabelos brancos, segue como principal rosto do telejornal diário estadual do horário nobre. Sobre este ponto, Aquino (2011) ressalta que, na época de sua pesquisa, apenas um jornalista homem que apresentava o Jornal Nacional não possuía cabelos brancos (Mário Gomes).

Figura 3 – Capturas de tela de William Bonner apresentando o Jornal Nacional e Elói Zorzetto apresentando o RBS Notícias, ambos em 2022. Apresentam cabelos grisalhos e rugas aparentes



Fonte: Reprodução/Rede Globo e RBS

A discrepância entre a aparência de homens e mulheres no telejornalismo se torna ainda mais evidente se levarmos em consideração que as bancadas do horário nobre são formadas, geralmente, por um homem mais velho e uma mulher mais jovem. Em pesquisa exploratória realizada em 2021, pudemos observar esse

formato: no Jornal Nacional, William Bonner (57) divide a bancada com Renata Vasconcellos (49); no Jornal da Band, Eduardo Oinegue (57) divide a bancada com Lana Canepa (35); no horário da manhã também foi possível notar, no Bom Dia Brasil, Ana Paula Araújo (49) dividindo a bancada com Chico Pinheiro (68). A pesquisa de Martino e Zancoper (2017) constatou a mesma característica nos telejornais analisados.

De acordo com Vilas Bôas (2020), à medida que as mulheres vão crescendo nesse espaço, anteriormente dominado pela presença dos homens, elas vão se adequando a formatação do modo de vestir, agir e se apresentar que é reconhecida como predominantemente masculina – o uso de cabelos mais curtos, blazers e tailleurs, pouco uso de acessórios. Essa formatação busca trazer seriedade e credibilidade – como se considerasse que estas características não pertencessem naturalmente às mulheres.

Os corpos inseridos nas telas são produzidos em uma padronização, naturalizados como se fizessem parte da realidade cotidiana – um padrão branco e magro, que é diferente do que podemos observar ao sair nas ruas.

Observe-se, por exemplo, as formas físicas da grande maioria dos corpos que ocupam os cenários de apresentação da televisão brasileira. Entre os homens a variação de peso e de idade ainda é aceitável e no que se refere ao segundo item, por vezes, é até bem vinda; mas no âmbito do feminino, os excessos são proibitivos, o que repercute em exclusão. Portanto, formatos femininos de corpos eletrônicos precisam ser predominantemente magros e jovens. Em linhas gerais, a via da exclusão parece conservar, ainda, em alguns programas, padrões bastante rígidos quanto aos traços étnicos. Veja-se nos telejornais e nas televistas o número escasso de negros incluídos no âmbito dos apresentadores. (ROSÁRIO, 2007, p. 16)

O cenário apresentado nos leva a alguns questionamentos: que corpo é esse que representa a mulher no telejornalismo? Quais os *habitus* que se evidenciam nesse subcampo? Como os padrões estéticos se relacionam com o profissionalismo e se configuram como capital simbólico? Que sentidos são criados? Qual o peso que a aparência tem no mercado de trabalho para as profissionais do telejornalismo? Iniciando a busca por respostas, apresentamos a nossa primeira análise.

4.2 A APARÊNCIA DAS TELEJORNALISTAS DAS EMISSORAS DE SINAL ABERTO DO BRASIL: UMA ANÁLISE

Compreendemos que a investigação científica deve se basear em um levantamento de dados que passam por observação e análise. Para isso, conforme Britto Junior e

Junior (2012), são necessários três momentos: a pesquisa bibliográfica, a observação dos fatos ou fenômenos e a coleta de dados que não são possíveis apenas através dos dois primeiros. Conforme Augusto (2014), a escolha da metodologia não deve se dar simplesmente por uma questão de preferência – ela deve estar “relacionada com as questões que o investigador coloca, com a natureza do que se pretende conhecer, com o tipo de respostas que espera providenciar” (AUGUSTO, 2014, p. 2).

Dessa forma, tendo em vista que uma das respostas que buscamos pode estar relacionada a um possível padrão físico de mulheres apresentadoras e repórteres de telejornais de televisão aberta, optamos por testar essa premissa por meio de uma análise quantitativa, que também ajudará a identificar que padrão é esse. Compreendemos que esta é uma proposta interessante, já que, conforme Rangel, Rodrigues e Mocarzel (2018), as pesquisas com análises quantitativas possuem como elementos a hipótese de explicação de fatos observados, a verificação/refutação dessa hipótese a partir da coleta e análise dos dados, além do dimensionamento dos dados, variáveis e correlações.

Pretendemos, então, trabalhar com os corpos das mulheres apresentados na tela do jornalismo buscando reconhecer: Quais são esses corpos? Como eles se apresentam? Que características físicas se evidenciam? Que padrões se configuram nesse conjunto? A partir deste momento, nos propomos a analisar o perfil físico das apresentadoras e repórteres dos principais telejornais das principais emissoras de canal aberto. São eles: Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo, da Rede Globo; BoraBrasil e Jornal da Band, da TV Bandeirantes; SBT Brasil, do SBT; Fala Brasil e Jornal da Record, da TV Record.

O corpus foi formado pela quantidade de mulheres jornalistas que apareceram em tela nos telejornais acima citados, durante uma edição de cada programa – que foram analisados de 21 de fevereiro a 25 de março de 2022, em dias diferentes, buscando capturar uma quantidade maior de jornalistas que não se repetissem entre os telejornais. Acabamos por analisar uma maior quantidade de dias no mês de março²⁴, pela flexibilização do uso de máscaras em áreas abertas

²⁴ Em notícia de 09 de março de 2022, G1 afirma que, por conta da queda no número de hospitalizações e mortes por Covid, algumas capitais decidiram flexibilizar o uso de máscaras. Em São Paulo, ela deixou de ser exigida ao ar livre. O Rio foi além, liberando também para os lugares fechados. Disponível em <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/03/13/em-quais-situacoes->

em grande parte das cidades do Brasil, aparecendo em tela, dessa forma, o rosto inteiro das jornalistas.

Contabilizamos 64 mulheres telejornalistas – não analisando as jornalistas específicas tanto de quadros esportivos quanto do tempo e clima. A análise se deu a partir de registro, observação atenta dos detalhes físicos que se mostravam nas imagens e de anotação das características dos corpos das mulheres apresentadoras e repórteres dos telejornais, que foram assistidos via internet, nos sites/canais de cada uma das emissoras. Os dados foram anotados em uma ficha específica para garantir que os mesmos aspectos fossem observados em cada um dos corpos e, além disso, foi feita uma captura de tela no momento em que as analisadas apareceram, para ter um registro imagético e acrescentar a esse trabalho. Tendo em vista que as imagens das repórteres e das apresentadoras podem conter planos de câmera diferentes – planos médio e americano, geralmente – as características analisadas serão conferidas preferencialmente da cintura para cima. Certas características (como o uso de acessórios nas mãos, por exemplo) podem não constar nas imagens, tendo em vista que estas estão recortando apenas frame do vídeo, mas constarão nas anotações. Esses dados foram quantificados, criando estatísticas da prevalência de determinadas características corporais nestas mulheres.

As características observadas foram anotadas em uma ficha-questionário do Google Forms criado especificamente para a pesquisa, contando com as principais características analisadas, conforme listado abaixo:

Nome:

Idade²⁵:

Nome do telejornal:

Data de análise:

Cargo: () Repórter () Apresentadora

Cor da pele: () Branca () Negra () Amarela

Cor do cabelo: () Loiro () Castanho () Preto () Grisalho () Ruivo

Textura do cabelo: () Liso () Ondulado () Cacheado () Crespo

Tamanho do cabelo: () Curto () Médio () Longo

[ainda-e-recomendavel-se-proteger-com-mascara-contra-a-covid-especialistas-analisam.ghtml](#)>.

Acesso em 26 abr 2022.

25 Só foi possível encontrar a idade de algumas jornalistas. Ainda assim, consideramos um dado importante de trazer das que encontramos, mesmo que não quantifique nos dados finais.

Formato do rosto: () Redondo () Oval () Quadrado () Triangular invertido

Cor dos olhos: () Castanhos () Azuis () Verdes () Pretos

Formato de nariz: () Fino () Médio () Largo

Presença de rugas: () Sim () Não

Formato da boca: () Lábios finos () Lábios médios () Lábios grossos

Formato do corpo: () Magra () Corpo médio () Gorda

Maquiagem: [] Sombra clara [] Delineado nos olhos [] Sombra neutra []

Rímel [] Pele uniformizada [] Blush [] Batom neutro [] Batom vermelho []

Batom bordô [] Sombra colorida [] Outro:

Roupa: [] Blazer [] Camisa [] Saia de alfaiataria [] Calça de alfaiataria []

Calça jeans [] Saia fluida [] Vestido colado midi [] Vestido longo fluido []

Camiseta básica [] Blusa estampada de manga curta [] Blusa de manga

longa estampada [] Blusa de manga longa lisa [] Blusa de manga curta lisa []

] Outro:

Adereços: [] Óculos [] Anel [] Colar [] Brinco longo [] Brinco pequeno []

Relógio [] Pulseira [] Unhas escuras (vermelha, bordô, preta) [] Unha neutra

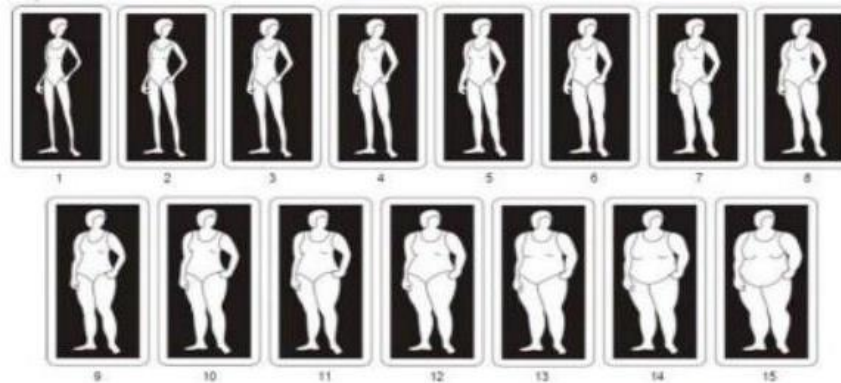
(nude, branca, francesinha)

Para cor da pele, consideramos branca, negra (considerando negras mulheres pretas e pardas, conforme a classificação utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)) e amarela (categoria reservada para as pessoas de origem oriental). Tendo em vista que existem diversos debates profundos acerca da miscigenação no Brasil (SANTANA, 2021), consideramos mulheres negras de acordo com avaliação própria da pesquisadora e também autodeclaração, conferida nas redes sociais das jornalistas. As jornalistas autodeclaradas negras serão sinalizadas ao longo do texto, em nota de rodapé. Para cor do cabelo, consideramos loiro, castanho, preto e grisalho - tendo em vista as tonalidades que mais se evidenciam; para comprimento, curtos quando acima do final da orelha, médio quando abaixo do final da orelha até acima do peito e longo abaixo da linha do peito. Quanto à textura do cabelo, consideramos liso, ondulado, cacheado e crespo. Evidentemente, de acordo com o penteado, a textura pode não se evidenciar (no caso de um coque) ou uma mesma mulher pode apresentar o cabelo ora liso, ora cacheado, por exemplo.

Para formato do corpo, foi considerado magra para mulheres com rosto e pescoço fino, ossos levemente aparentes e corpo longilíneo; corpo médio para

mulheres com bochechas mais cheias, ombros largos, porém sem barriga marcada; gorda²⁶ para mulheres com rostos cheios, braços cheios, barrigas marcadas, corpos amplos. Para ilustrar, de acordo com a Escala de Silhueta de Kakeshita e colaboradores (2009), consideramos magras mulheres de 1 a 6; corpo médio de 7 a 9; gorda de 10 a 15.

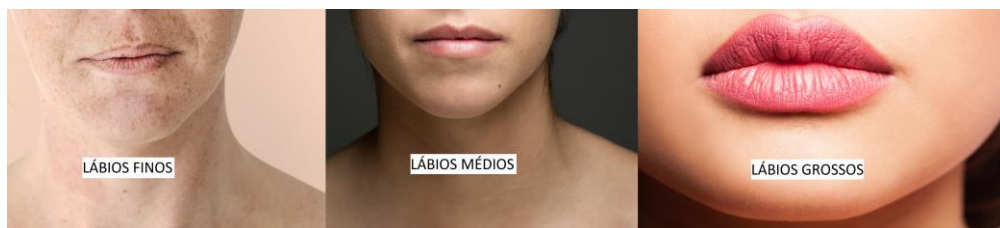
Figura 4 – Escala de Silhueta de Kakeshita et al. (2009).



Fonte: Kakeshita et al. (2009)

Formato do rosto consideramos redondo, quadrado, triangular invertido e oval, conforme Souza, Machado e Faria (2020). Para cor dos olhos, consideramos azuis, verdes, castanhos e pretos. Formatos de nariz consideramos finos, largos e médios. Para formato de boca, consideramos lábios finos, médios e grossos. Consideramos, também, a presença ou não de rugas – na volta dos olhos, nas bochechas, na testa, sulcos nasogenianos aparentes²⁷.

Figura 5 – Exemplos de lábios finos, médios e grossos.



Fonte: Compilação da autora, imagens do banco Freepik.

²⁶ Utilizamos aqui a palavra “gorda”, compreendendo essa sem uma associação pejorativa, e sim como uma classificação de mulheres com corpo identificado como fora dos padrões hegemônicos – principalmente a padronização da moda e da mídia. (CARVALHO, 2018)

²⁷ Linha de expressão conhecida como “bigode chinês”, se localiza nas linhas desde o fim das narinas até os cantos da boca.

Figura 6 – Exemplos de nariz fino, médio e largo.



Fonte: Compilação da autora, imagens do banco Freepik.

Além disso, deixamos espaços abertos para demais observações que pudessem ser feitas durante a análise. Tendo em vista que a pesquisa quantitativa foi realizada durante a pandemia da Covid-19, ainda que em momento de flexibilização do uso de máscaras, algumas das repórteres de rua utilizam a proteção durante as passagens. Por esse motivo, as observações de formato de rosto, nariz e boca contou também com a análise a partir de imagens coletadas em pesquisas no Google e nas redes sociais das jornalistas. Para estas, além das imagens capturadas no momento do telejornal, apresentaremos uma foto que mostre o seu rosto, coletadas em seus perfis pessoais.

A análise será apresentada, a seguir, da seguinte forma: primeiramente, dividida por emissora e jornal; após isso, os dados contabilizados no total e a discussão.

4.2.1 Rede Globo

Foram analisados quatro telejornais da emissora: Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo. Contabilizamos 28 jornalistas, eliminando aquelas que apareceram mais de uma vez durante a análise.

4.2.1.1 Bom Dia Brasil

O Bom Dia Brasil é exibido diariamente, de segunda a sexta-feira, às 8 horas e 30 minutos. O telejornal conta com apresentação de Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo e exibe as primeiras notícias do dia no Brasil e no mundo, repercutindo os fatos mais relevantes. Tem como foco política e economia, entrevistas e análises de comentaristas nacionais e internacionais. A edição²⁸ analisada do jornal matinal da Rede Globo foi da segunda-feira, 21 de março de 2022. As seis jornalistas observadas foram:

²⁸Edição assistida na íntegra no site da emissora. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/10408471/?s=0s>>. Acesso em 27 mar 2022.

Figuras 7 e 8 – Capturas de tela de Ana Paula Araújo



Fonte: Reprodução/Rede Globo

49 anos, apresentadora. Branca, cabelos castanhos, lisos (levemente ondulados nas pontas) e médios, rosto triangular invertido, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, com rugas (na volta dos lábios, nas bochechas e nos olhos), magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, rímel, blush e batom neutro; camisa branca, calça de alfaiataria cinza e sapato de salto; colar, brinco pequeno, pulseira e unhas escuras.

Figura 9 – Captura de tela de Ana Zimmerman



Fonte: Reprodução/Rede Globo

Repórter, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto redondo, olhos azuis, nariz médio, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos e nas bochechas), corpo médio. Usa pele uniformizada, rímel, sombra neutra, batom neutro; blazer preto e blusa de manga longa e gola alta rosa; anéis e brinco pequeno.

Figura 10 – Captura de tela de Geiza Duarte



Fonte: Reprodução/Rede Globo

Repórter, branca, cabelos castanhos (claros, com mechas), lisos e médios, rosto triangular invertido, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, com rugas (na volta dos olhos e sulco nasogeniano aparente), magra. Usa pele uniformizada, rímel, sombra neutra e batom neutro; camisa azul; anel e brinco pequeno.

Figura 11 – Captura de tela de Patrícia Falcoski



Fonte: Reprodução/Rede Globo

Repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, rímel, batom bordô, sombra escura e lápis de olho; blusa branca; anéis e pulseira de miçangas.

Figura 12 – Captura de tela de Luísa Doyle



Fonte: Reprodução/Rede Globo

Repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto oval, olhos verdes, nariz fino, lábios finos, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada e rímel; blusa vermelha e calça preta de alfaiataria; anel, pulseira, brinco pequeno e unhas escuras. Observação: a repórter estava grávida no momento da reportagem.

Figuras 13 e 14 – Captura de tela de Thais Andrioli e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @tha_andrioli no Instagram²⁹

Repórter, branca, cabelos pretos, lisos e longos, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, rímel e delineado nos olhos; blusa verde militar com babados nos braços; colar, brinco pequeno e unhas escuras. Observação: com tatuagem aparente no braço.

4.2.1.2 Jornal Hoje

O Jornal Hoje, apresentado diariamente às 13 horas e 25 minutos, de segunda-feira a sábado, por César Tralli, traz os destaques do dia no Brasil e no mundo. É um noticiário leve e informal, que aborda política, economia e temas internacionais. A edição³⁰ analisada do jornal vespertino da Rede Globo foi da terça-feira, 15 de março de 2022. As onze jornalistas observadas foram:

Figura 15 – Captura de tela de Cecília Malan



Fonte: Reprodução/Rede Globo

38 anos, repórter internacional, branca, cabelos castanhos, ondulados e curtos, rosto oval, olhos castanhos, nariz fino, lábios finos, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada e blush; camisa azul; anel e brinco pequeno.

²⁹ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CVVIPNeAK6B/>>. Acesso em 10 mai 2022.

³⁰ Edição assistida na íntegra no site da emissora. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/10391470/>>. Acesso em 27 mar 2022.

Figura 16 – Captura de tela de Bianca Rothier



Fonte: Reprodução/Rede Globo

42 anos, repórter internacional, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto redondo, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, com rugas (sulco nasogeniano aparente), corpo médio. Usa pele uniformizada, sombra clara, delineado nos olhos, blush e batom neutro; blusa de manga longa cinza e lenço estampado; brinco pequeno.

Figura 17 – Captura de tela de Raquel Krahenbuhl



Fonte: Reprodução/Rede Globo

Repórter internacional, branca, cabelos castanhos, ondulados e longos, rosto triangular invertido, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos e blush; camisa vermelha; sem acessórios aparentes.

Figura 18 – Captura de tela de Sandra Coutinho



Fonte: Reprodução/Rede Globo

55 anos, repórter internacional, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto oval, olhos verdes, nariz médio, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos e sulco

nasogeniano aparente), magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, rímel, sombra clara e batom rosa; jaqueta e lenço estampado; brinco longo e colorido.

Figura 19 – Captura de tela de Andréia Sadi



Fonte: Reprodução/Rede Globo

34 anos, apresentadora (comentarista de política), branca, cabelos castanhos, ondulados e longos, rosto oval, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, rímel e lápis de olho; blazer rosa e blusa rose; anel e brinco longo.

Figura 20 – Captura de tela de Elaine Blast



Fonte: Reprodução/Rede Globo

49 anos, repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto quadrado, olhos verdes, nariz fino, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos e nas bochechas), magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, rímel e delineado nos olhos; blusa de gola alta rosa; sem acessórios aparentes.

Figuras 21 e 22 – Captura de tela de Vanessa Rumor e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @rumoraroungtheworld no Instagram³¹

31 Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CsareiaMUWy/>>. Acesso em 10 mai 2022.

Repórter, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto quadrado, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada e delineado nos olhos; blusa branca; anel, relógio e brinco pequeno.

Figuras 23 e 24 – Captura de tela de Gioconda Brasil e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @giocondabrasil no Instagram³²

52 anos, repórter, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto quadrado, olhos verdes, nariz médio, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos e sulco nasogeniano aparente), corpo médio. Usa pele uniformizada, sombra neutra e rímel; camiseta básica branca e blazer lilás; anel, brinco pequeno, relógio e unha neutra (branca). A apresentadora também apresenta características de estrabismo (distúrbio em que os olhos não olham exatamente na mesma direção ao mesmo tempo).

Figuras 25 e 26 – Captura de tela de Ana Paula Rehbein e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @anarehbein no Instagram³³

Repórter, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto triangular invertido, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos), corpo

32 Disponível em <https://www.instagram.com/p/CpqZ_GfMclC/>. Acesso em 10 mai 2022.

33 Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CdJptO6uTLW/>>. Acesso em 10 mai 2022.

médio. Usa pele uniformizada, sombra neutra, delineado nos olhos e rímel; camisa azul; unhas escuras.

Figura 27 – Captura de tela de Manoela Messias



Fonte: Reprodução/Rede Globo

Repórter, branca, cabelos castanhos (com mechas), lisos e médios, rosto redondo, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, blush e rímel; blusa branca com texturas e babados; anel e brinco pequeno.

Figuras 28 e 29 – Captura de tela de Dulcinéia Novaes e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @dulcineia.novaes no Instagram³⁴

66 anos, repórter, negra, cabelos pretos, crespos e curtos, rosto oval, olhos pretos, nariz largo, lábios médios, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, rímel e delineado nos olhos; jaqueta verde e blusa laranja; brinco longo.

4.2.1.3 Jornal Nacional

O Jornal Nacional é exibido diariamente, de segunda-feira a sábado, às 20 horas e 30 minutos. Os apresentadores William Bonner e Renata Vasconcellos estão à frente do principal telejornal da Globo, que traz notícias do Brasil e do mundo,

³⁴Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CN99h7kFZv8/>>. Acesso em 10 mai 2022.

matérias de denúncia e investigação e séries especiais. A edição³⁵ analisada do jornal do horário nobre da Rede Globo foi da segunda-feira, 21 de fevereiro de 2022. As cinco jornalistas observadas foram:

Figuras 30 e 31 – Capturas de tela de Renata Vasconcellos



Fonte: Reprodução/Rede Globo

49 anos, apresentadora, branca, cabelos castanhos, lisos e médios (presos em um coque nessa edição), rosto quadrado, olhos castanhos, nariz fino, lábios médios, com rugas (nas bochechas e na volta dos olhos), magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, rímel e blush; blazer preto, camisa branca, calça de alfaiataria preta e sapato de salto preto; óculos com armação grossa marrom e anel.

Figura 32 – Captura de tela de Michelle Barros



Fonte: Reprodução/Rede Globo

42 anos, apresentadora (quadro específico da pandemia da Covid-19), branca, cabelos pretos, lisos e longos, rosto oval, olhos castanhos, nariz fino, lábios finos, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, sombra preta, rímel, blush e batom neutro; vestido midi azul-marinho e sapato de salto rosa pink; anel, colar, brinco pequeno e unhas escuras.

³⁵Edição assistida na íntegra no site da emissora. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/10323706/>>. Acesso em 27 mar 2022.

Figuras 33 e 34 – Captura de tela de Renata Ribeiro e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @a_renata_ribeiro no Instagram³⁶

Repórter, branca, cabelos loiros, ondulados e médios, rosto quadrado, olhos verdes, nariz médio, lábios finos, com rugas (nas bochechas), magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, delineado nos olhos e rímel; blusa de manga longa bordô e calça de couro preta; pulseira e unhas escuras.

Figuras 35 e 36 – Captura de tela de Bette Lucchese e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @bettelucchese no Instagram³⁷

52 anos, repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto redondo, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, com rugas (na volta dos olhos), gorda. Usa calça jeans, camiseta básica branca, camisa azul e botas de borracha³⁸; relógio; não é possível observar a maquiagem.

36 Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Ca6HMH5OyoJ/>>. Acesso em 10 mai 2022.

37 Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CVnQNZcJ5ha/>>. Acesso em 10 mai 2022.

38 Reportagem sobre a tragédia ocorrida em Petrópolis/RJ em fevereiro de 2022, por conta das fortes chuvas. Passagem feita na lama, portanto, uso de sapato adequado.

Figuras 37 e 38 – Captura de tela de Camila Oliveira e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @camilaoliveiratv no Instagram³⁹

Repórter, negra⁴⁰, cabelos pretos, lisos e longos, rosto oval, olhos pretos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra e rímel; blazer roxo, blusa preta e calça de alfaiataria preta; anel, brinco pequeno e pulseira.

4.2.1.4 Jornal da Globo

O Jornal da Globo é apresentado diariamente, de segunda a sexta-feira, em horários que vão de meia-noite e dez minutos até 01 hora e 20 minutos, dependendo da programação do dia na emissora. O telejornal apresenta as notícias do dia com a análise de comentaristas, espaço para a crônica e opinião, contando com a colaboração de colunistas em áreas como economia e cultura. A edição⁴¹ analisada do jornal do fim da noite da Rede Globo foi da segunda-feira, 07 de março de 2022. As seis jornalistas observadas foram:

³⁹ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Cc31iTnMDGI/>>. Acesso em 10 mai 2022.

⁴⁰ Autodeclaração conferida em publicação do Instagram.

⁴¹ Edição assistida na íntegra no site da emissora. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/10366516/?s=0s/>>. Acesso em 27 mar 2022.

Figuras 39 e 40 – Captura de tela de Renata Lo Prete



Fonte: Reprodução/Rede Globo

57 anos, apresentadora, branca, cabelos castanhos (com mechas), lisos e curtos, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos, bochechas e sulco nasogeniano aparente), magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, delineado nos olhos e rímel; camisa azul, saia de alfaiataria preta e sapato de salto preto; óculos com armação grossa vermelha, anel e brinco pequeno.

Figura 41 – Captura de tela de Ilze Scamparini



Fonte: Reprodução/Rede Globo

63 anos, repórter internacional, branca, cabelos loiros, lisos e longos, rosto redondo, olhos verdes, nariz fino, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos), corpo médio. Usa pele uniformizada, sombra neutra e rímel; casaco estruturado rosa e lenço rosa; sem acessórios aparentes.

Figuras 42 e 43 – Captura de tela de Malu Mazza e imagem coletada no perfil do LinkedIn



Fonte: Reprodução/Rede Globo e Malu Mazza no LinkedIn⁴²

46 anos, repórter, branca, cabelos pretos, lisos e médios, rosto triangular invertido, olhos pretos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, delineado nos olhos e rímel; blusa de manga longa azul-marinho; brinco pequeno.

Figuras 44 e 45 - Captura de tela de Giuliana Morrone e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @giulianamorrone no Instagram⁴³

54 anos, repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto quadrado, olhos castanhos, nariz fino, lábios finos, com rugas (nas bochechas e na volta dos olhos), magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, sombra neutra e rímel; blusa branca de manga longa, calça vermelha de alfaiataria; anel, brinco pequeno e unhas escuras.

⁴² Disponível em <<https://www.linkedin.com/in/malu-mazza-148a6585/>>. Acesso em 10 mai 2022.

⁴³ Disponível em <https://www.instagram.com/p/CaqpU_-Ma_e/>. Acesso em 10 mai 2022.

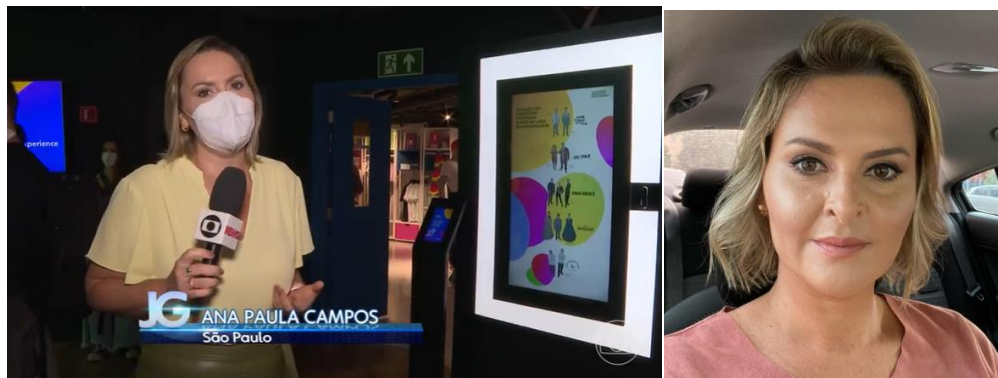
Figura 46 – Captura de tela de Fernanda Graell



Fonte: Reprodução/Rede Globo

Repórter, branca, cabelos castanhos (com mechas), ondulados e médios, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, com rugas (nas bochechas e na volta dos olhos), magra. Usa pele uniformizada e rímel; camisa rosa pink; anel, brinco pequeno e unhas escuras.

Figura 47 e 48 – Captura de tela de Ana Paula Campos e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Globo e @anapcamposreporter no Instagram⁴⁴

Repórter, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, sem rugas, gorda. Usa pele uniformizada, rímel e sombra neutra; blusa amarela e saia de couro verde; anel, brinco pequeno e relógio.

4.2.2 Rede Bandeirantes

Foram analisados dois telejornais da emissora: Bora Brasil e Jornal da Band. O terceiro jornal da emissora, Band Notícias, foi encerrado em janeiro deste ano. Contabilizamos 11 jornalistas, eliminando aquelas que apareceram mais de uma vez durante a análise.

⁴⁴ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CYGizFLLvFt/>>. Acesso em 10 mai 2022.

4.2.2.1 Bora Brasil

Bora Brasil vai ao ar de segunda a sexta-feira, às 7 horas e 30 minutos. O telejornal aborda as principais informações do Brasil e do mundo com leveza e interatividade, com apresentação de Joel Datena e Thaís Dias. A edição⁴⁵ analisada do jornal matutino da Rede Bandeirantes foi da quarta-feira, 23 de março de 2022. As três jornalistas observadas foram:

Figura 49 e 50 – Capturas de tela de Thaís Dias



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes

Apresentadora, branca, cabelos castanhos, ondulados e médios, rosto redondo, olhos castanhos, nariz largo, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, sombra neutra, rímel, blush e batom neutro; macacão de alfaiataria rosa sem mangas e sapato de salto nude; anel e brinco pequeno.

Figuras 51 e 52 – Captura de tela de Maiara Bastianello e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes e @maiarabasti no Instagram⁴⁶

Repórter, branca, cabelo castanho, liso e médio, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos e rímel; camisa preta; brinco pequeno.

⁴⁵ Edição assistida na íntegra no canal do Youtube da emissora. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1-FmGp8inZ4/>>. Acesso em 27 mar 2022.

⁴⁶ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CaVcrFblZXe/>>. Acesso em 11 mai 2022.

Figura 53 – Captura de tela de Iva Soares



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes

Repórter, branca, cabelo castanho, liso e longo, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada e rímel; blusa de manga longa lilás; sem acessórios aparentes.

4.2.2.2 Jornal da Band

O Jornal da Band é exibido de segunda-feira a sábado, às 19 horas e 20 minutos. Apresentado por Eduardo Oinegue, Lana Canepa, Joana Treptow e Paloma Tocci, o telejornal traz os principais fatos do Brasil e do mundo, relatados com profundidade. A edição⁴⁷ analisada do jornal do horário nobre da Rede Bandeirantes foi da sexta-feira, 25 de março de 2022. As oito jornalistas observadas foram:

Figura 54 – Captura de tela de Joana Treptow



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes

28 anos, apresentadora, branca, cabelos loiros, lisos e longos, rosto quadrado, olhos azuis, nariz fino, lábios finos, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada e rímel; macacão bordô e sandália de salto nude; anel, brinco pequeno e pulseira.

⁴⁷Edição assistida na íntegra no canal do Youtube da emissora. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=r1bS6dWccvE>>. Acesso em 27 mar 2022.

Figura 55 – Captura de tela de Lana Canepa



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes

35 anos, apresentadora, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto quadrado, olhos verdes, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, blush, batom neutro, sombra neutra, delineado nos olhos e rímel; blazer e blusa vermelhos; anel, brinco pequeno, relógio e pulseira.

Figura 56 – Captura de tela de Paloma Tocci



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes

39 anos, apresentadora, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto quadrado, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, rímel, blush e batom neutro; vestido midi rosa e sandália de salto nude; sem acessórios aparentes.

Figuras 57 e 58 – Captura de tela de Mariana Procópio e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes e @procopiojornalista no Instagram⁴⁸

Repórter, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto quadrado, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada e rímel; blusa de manga curta lisa verde; brinco longo e pulseira.

Figuras 59 e 60 – Captura de tela de Milene Rios e imagem coletada no perfil do Instagram:



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes e @milerios no Instagram⁴⁹

Repórter, branca, cabelos pretos, lisos e longos, rosto triangular invertido, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, com rugas (nas bochechas e na volta dos olhos), magra. Usa pele uniformizada, rímel e delineado nos olhos; camisa branca com mangas bufantes, calça jeans e cinto branco; relógio.

48 Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CcRQpQip-Xy/>>. Acesso em 11 mai 2022.

49 Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CWV3L0DIK0o/>>. Acesso em 11 mai 2022.

Figuras 61 e 62 – Captura de tela de Laura França e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes e @laurafrancaj no Instagram⁵⁰

Repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e longos, rosto quadrado, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, delineado nos olhos e rímel; blusa de manga longa rosa; anel, colar, brinco pequeno e piercing na orelha.

Figuras 63 e 64 – Captura de tela de Carolina Villela e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes e @carolvilleladf no Instagram⁵¹

Repórter, negra, cabelos pretos, lisos e médios, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, rímel, sombra escura e delineado nos olhos; blusa preta de manga curta com detalhe no colo; brinco pequeno e unhas escuras.

50 Disponível em <https://www.instagram.com/p/CpmGI_5HV62/>. Acesso em 11 mai 2022.

51 Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CZIVSaIM-D1/>>. Acesso em 11 mai 2022.

Figuras 65 e 66 – Captura de tela de Sonia Blota e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Bandeirantes e @soniablota no Instagram⁵²

Repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e longos, rosto quadrado, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, com rugas (na volta dos olhos e nas bochechas), magra. Usa camisa branca; anel, colar e brinco pequeno; não usa maquiagem.

4.2.3 SBT

Foi analisado um telejornal da emissora: SBT Brasil. Contabilizamos 9 jornalistas, eliminando aquelas que apareceram mais de uma vez durante a análise.

4.2.3.1 SBT Brasil

O SBT Brasil é apresentado de segunda-feira a sábado, a partir das 19 horas e 45 minutos. Apresentado por Márcia Dantas e Marcelo Torres, traz as principais notícias do dia. A edição⁵³ analisada do jornal do horário nobre da SBT foi da terça-feira, 22 de março de 2022. As nove jornalistas observadas foram:

⁵²Terceira foto do álbum. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CcVh2jVtryr/>>. Acesso em 11 mai 2022.

⁵³Edição assistida nas partes disponíveis no canal do Youtube da emissora. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K34r3r_uf9w>. Acesso em 27 mar 2022.

Figura 67 – Captura de tela de Márcia Dantas



Fonte: Reprodução/SBT

Apresentadora, branca, cabelos pretos, lisos e longos, rosto redondo, olhos castanhos, nariz fino, lábios médios, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, sombra colorida, delineado nos olhos, batom rosado e cílios postiços; blusa de manga longa azul, calça de alfaiataria rosa; brinco médio.

Figura 68 – Captura de tela de Flávia Travassos



Fonte: Reprodução/SBT

Repórter, branca, cabelos loiros, lisos e longos, rosto triangular invertido, olhos castanhos, nariz largo, lábios finos, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, rímel e sombra neutra; blusa de manga longa azul com detalhe no colo; brinco pequeno, relógio, anel e unhas escuras.

Figura 69 – Captura de tela de Soane Guerreiro



Fonte: Reprodução/SBT

Repórter, branca, cabelos pretos, lisos e longos, rosto redondo, olhos castanhos, nariz largo, lábios médios, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, sombra neutra, rímel, blush e batom neutro; blazer rosa com detalhes na manga e blusa preta; anel, brinco pequeno e pulseira.

Figura 70 – Captura de tela de Simone Queiroz



Fonte: Reprodução/SBT

Repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, rímel, blush, sombra neutra e delineado nos olhos; camisa azul; anel, brinco longo e relógio.

Figura 71 – Captura de tela de Yula Rocha



Fonte: Reprodução/SBT

Repórter internacional, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto oval, olhos azuis, nariz médio, lábios finos, com rugas (na testa, bochechas, volta dos olhos e sulco nasogeniano aparente), magra. Usa pele uniformizada, rímel, blush e batom neutro; cachecol vermelho; brinco pequeno.

Figura 72 – Captura de tela de Patrícia Vasconcellos



Fonte: Reprodução/SBT

42 anos, repórter internacional, branca, cabelos castanhos, lisos e curtos, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, rímel e batom rosa; blazer amarelo e blusa preta; colar e brinco pequeno.

Figura 73 – Captura de tela de Liane Borges



Fonte: Reprodução/SBT

Repórter, branca, cabelos loiros, ondulados e curtos, rosto triangular invertido, olhos castanhos, nariz fino, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, sombra clara, delineado nos olhos, rímel e batom neutro; blazer e blusa azuis marinho; anel, colar, brinco pequeno e unhas escuras.

Figura 74 – Captura de tela de Débora Bergamasco



Fonte: Reprodução/SBT

Repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e longos, olhos verdes, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, rímel, delineado nos olhos, blush e batom neutro; blazer branco e blusa preta; anel, colar e brinco longo.

Figuras 75 e 76 – Captura de tela de Nara Bandeira e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/SBT e @narabandeiratv no Instagram⁵⁴

Repórter, branca, cabelos pretos, lisos e médios, rosto redondo, nariz largo, lábios médios, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, rímel e sombra neutra; blusa de manga longa bege; anel, brinco pequeno e relógio.

4.2.4 Rede Record

Foram analisados dois telejornais da emissora: Fala Brasil e Jornal da Record. Contabilizamos 16 jornalistas, eliminando aquelas que apareceram mais de uma vez durante a análise.

4.2.4.1 Fala Brasil

O Fala Brasil vai ao ar de segunda a sexta-feira, às 8 horas 30 minutos, e aos sábados, a partir das 7 horas e 35 minutos, apresentando as principais notícias nacionais e internacionais. Conta com apresentação de Mariana Godoy e Sérgio Aguiar. A edição⁵⁵ analisada do jornal matutino da Rede Record foi da quinta-feira, 17 de março de 2022. As nove jornalistas observadas foram:

⁵⁴Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Ca3KPQbORg-/>>. Acesso em 11 mai 2022.

⁵⁵Edição assistida nas partes disponíveis no site da emissora. Disponível em <<https://recordtv.r7.com/fala-brasil>>. Acesso em 27 mar 2022.

Figura 77 – Captura de tela de Mariana Godoy



Fonte: Reprodução/Rede Record

52 anos, apresentadora, branca, cabelos castanhos, lisos e curtos, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, com rugas (na volta dos olhos), corpo médio. Usa pele uniformizada, rímel, delineado nos olhos e batom neutro; blusa azul de manga curta; anel, brinco pequeno e unha neutra (branca).

Figura 78 – Captura de tela de Micheli Rosa



Fonte: Reprodução/Rede Record

Repórter, branca, cabelos ruivos, lisos e curtos, rosto redondo, olhos castanhos, nariz fino, lábios médios, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, sombra neutra, rímel e blush; camisa branca; sem adereços aparentes.

Figuras 79 e 80 – Captura de tela de Fabíola Correa e imagem coletada no perfil do Instagram:



Fonte: Reprodução/Rede Record e @reporterfabiolacorrea no Instagram⁵⁶

56 Disponível em <https://www.instagram.com/p/CZWY-_nLTOS/>. Acesso em 11 mai 2022.

Repórter, branca, cabelos castanhos, ondulados e longos, rosto redondo, olhos verdes, nariz médio, lábios médios, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, sombra neutra, rímel, blush, delineado nos olhos e batom neutro; blusa de manga longa amarela; anel, colar e brinco pequeno.

Figura 81 e 82 – Captura de tela de Cleisla Garcia e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Record e @cleisla no Instagram⁵⁷

47 anos, repórter, branca, cabelos pretos, lisos e longos, rosto quadrado, olhos castanhos, nariz fino, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos), magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, rímel, delineado nos olhos e blush; blazer preto, blusa azul e calça de couro preta; anel, brinco longo e unha neutra (nude).

Figura 83 – Captura de tela de Ana Paula Gomes



Fonte: Reprodução/Rede Record

Repórter internacional, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto quadrado, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, com rugas (na testa e na volta dos olhos), corpo médio. Usa pele uniformizada e rímel; casaco estruturado rosa e blusa de gola alta rosa; anel, brinco pequeno e relógio.

57 Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CakCer6r9LH/>>. Acesso em 11 mai 2022.

Figura 84 – Captura de tela de Maria Carolina Paz



Fonte: Reprodução/Rede Record

Repórter, branca, cabelos pretos, lisos e longos, rosto oval, olhos verdes, nariz fino, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, sombra neutra, rímel e batom neutro; camiseta básica vermelha, calça de moletom preta; anel, colar e brinco pequeno.

Figura 85 – Captura de tela de Daysa Belini



Fonte: Reprodução/Rede Record

Repórter, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, sombra neutra, rímel, blush e batom neutro; blusa e jaqueta pretas; anel, colar, brinco pequeno, pulseira e unha neutra (branca).

Figuras 86 e 87 – Captura de tela de Silvia Kikuchi e imagem coletada no perfil do Twitter



Fonte: Reprodução/Rede Record e @silviakikuchi no Twitter⁵⁸

Repórter internacional, amarela, cabelos pretos, lisos e curtos, rosto oval, olhos pretos (e com dobra epicântica⁵⁹), nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, rímel e delineado nos olhos; jaqueta e lenço roses; anel e brinco pequeno.

Figura 88 – Captura de tela de Marceli Dutra



Fonte: Reprodução/Rede Record

Repórter, branca, cabelos loiros, lisos e médios, rosto redondo, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, sem rugas, gorda. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, sombra neutra, rímel, blush e batom neutro; blusa de manga curta com estampa preta e branca; anel, colar, brinco pequeno e unhas escuras.

4.2.4.2 Jornal da Record

Apresentado por Christina Lemos e Celso Freitas, o Jornal da Record vai ao ar de segunda a sexta, às 19 horas 55 minutos, e aos sábados, às 19 horas e 45 minutos, trazendo a cobertura dos principais acontecimentos no Brasil e no mundo,

⁵⁸ Disponível em <<https://mobile.twitter.com/silviakikuchi>>. Acesso em 11 mai 2022.

⁵⁹ A dobra epicântica é uma prega de pele da pálpebra superior, cobrindo o canto interior do olho. Está presente na maioria das pessoas de ascendência da Ásia Oriental, como japoneses, chineses e coreanos.

além de reportagens especiais e investigativas. A edição⁶⁰ analisada do jornal do horário nobre da Rede Record foi da sexta-feira, 11 de março de 2022. As sete jornalistas observadas foram:

Figuras 89 e 90 – Capturas de tela de Christina Lemos



Fonte: Reprodução/Rede Record

58 anos, apresentadora, branca, cabelos castanhos (com mechas), lisos e curtos, rosto quadrado, olhos castanhos, nariz médio, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos e nas bochechas), corpo médio. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, sombra neutra, rímel, blush e batom neutro; vestido midi roxo e sandália de salto nude; anel e brinco pequeno.

Figura 91 – Captura de tela de Thais Furlan



Fonte: Reprodução/Rede Record

42 anos, repórter, branca, cabelos castanhos, ondulados e médios, rosto quadrado, olhos verdes, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, sombra neutra, rímel, blush e batom neutro; camisa preta; anel, colar, brinco pequeno e unha neutra (branca).

⁶⁰ Edição assistida na íntegra no site da emissora. Disponível em <<https://noticias.r7.com/jr-na-tv/integras/videos/assista-a-integra-do-jornal-da-record-11032022-12032022>>. Acesso em 27 mar 2022.

Figura 92 – Captura de tela de Fernanda Sanches



Fonte: Reprodução/Rede Record

Repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e longos, rosto oval, olhos pretos, nariz fino, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, rímel e delineado nos olhos; camiseta básica preta; anel e brinco pequeno.

Figuras 93 e 94 – Captura de tela de Adriana Perroni e imagem coletada no perfil do Instagram



Fonte: Reprodução/Rede Record e @adriana.perroni no Instagram⁶¹

Repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto oval, olhos castanhos, nariz médio, lábios finos, sem rugas, corpo médio. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos, sombra neutra e rímel; vestido curto preto; brinco pequeno.

Figura 95 – Captura de tela de Renata Loures



Fonte: Reprodução/Rede Record

⁶¹ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CbG1zJZvIUJ/>>. Acesso em 11 mai 2022.

Repórter, branca, cabelos loiros, lisos e longos, rosto quadrado, olhos verdes, nariz médio, lábios médios, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, delineado nos olhos, rímel, blush e batom neutro; blusa de manga longa vermelha; colar, relógio e brinco pequeno.

Figura 96 - Captura de tela de Patricia Nielsen



Fonte: Reprodução/Rede Record

Repórter, branca, cabelos castanhos, lisos e médios, rosto oval, olhos verdes, nariz fino, lábios finos, sem rugas, magra. Usa pele uniformizada, sombra neutra, rímel e blush; jaqueta de couro bege com pelos; brinco pequeno.

Figuras 97 e 98 – Captura de tela de Catarina Hong



Fonte: Reprodução/Rede Record e @catarinahong no Instagram⁶²

Repórter, amarela, cabelos pretos, lisos e médios, rosto oval, olhos pretos (e com dobra epicântica), nariz médio, lábios médios, com rugas (na volta dos olhos), magra. Usa pele uniformizada, delineado nos olhos e rímel; blusa sem mangas de gola alta bege, calça de alfaiataria preta; anel e pulseira).

4.3 BRANCA, MAGRA E DE APARÊNCIA JOVEM: O PERFIL DA TELEJORNALISTA BRASILEIRA

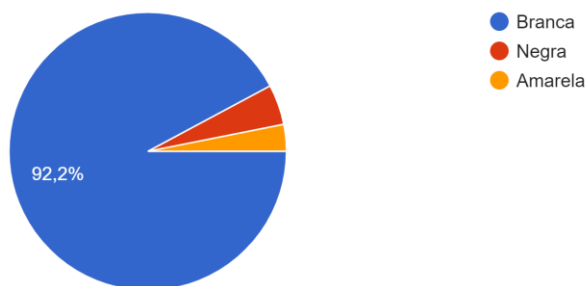
Como é possível observar por meio do levantamento de dados do físico das apresentadoras e repórteres analisadas, existem características predominantes entre as telejornalistas brasileiras de canal aberto. Os gráficos a seguir apresentam

62 Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CcEcVf0LLT1/>>. Acesso em 11 mai 2022.

as informações mais gerais capturadas a partir do preenchimento da ficha no Google Forms. Entre os principais dados, temos:

Gráfico 1 – Cor da pele

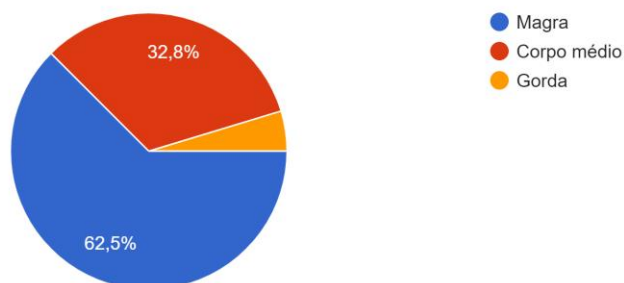
Cor da pele
64 respostas



(Fonte: Elaborado pela autora)

Gráfico 2 – Formato do corpo

Formato do corpo
64 respostas

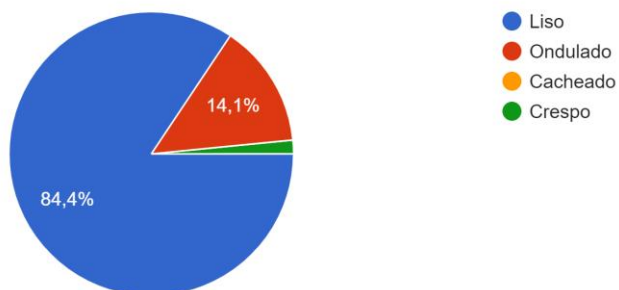


(Fonte: Elaborado pela autora)

Gráfico 3 – Textura do cabelo

Textura do cabelo

64 respostas

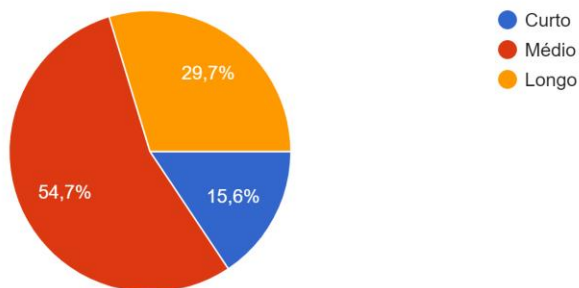


(Fonte: Elaborado pela autora)

Gráfico 4 – Tamanho do cabelo

Tamanho do cabelo

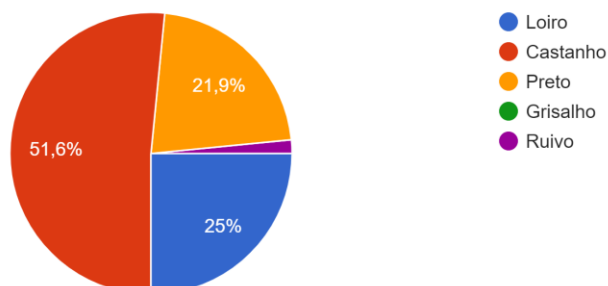
64 respostas



(Fonte: Elaborado pela autora)

Gráfico 5 – Cor do cabelo

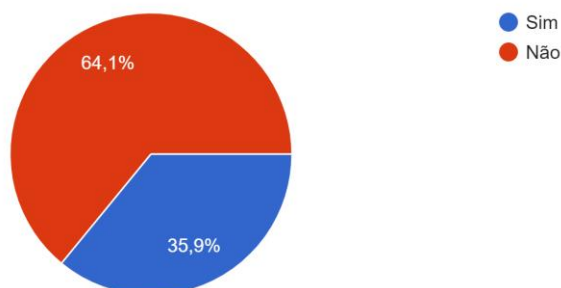
Cor do cabelo
64 respostas



(Fonte: Elaborado pela autora)

Gráfico 6 – Presença de rugas

Presença de rugas
64 respostas



(Fonte: Elaborado pela autora)

De 64 mulheres, 59 são brancas, 3 são negras e 2 amarelas. Esse é o dado com maior diferença entre as categorias consideradas – e um dado interessante de ser analisado tanto em relação à população brasileira no geral quanto em relação aos profissionais jornalistas. Como afirmado anteriormente, mais da metade da população brasileira se considera não branca - entre pretos e pardos, são 56,2%; amarelos representam apenas 1,1% da população. Em relação aos profissionais jornalistas, 29,9% são negros (entre pretos e pardos), enquanto 1,3% são amarelos.

Ainda observando os dados da pesquisa sobre os profissionais⁶³, a presença de pessoas negras entre jornalistas aumentou quase 7% de 2012 para 2021 – porém, esse crescimento não foi proporcional para os profissionais que atuam em frente às telas.

Outra questão que deve ser observada é que, apesar de considerarmos as mulheres amarelas como uma categoria pela questão étnica e por suas características específicas (como os olhos com dobra epicântica), a cor de suas peles ainda é clara, o que corrobora com a padronização de pele das telejornalistas.

É importante considerar, também, que as características que aparecem em menor quantidade e que tem maior diferença nas categorias – corpo gordo, cabelo crespo, cor da pele negra ou amarela – aparecem de forma isolada nas jornalistas: as profissionais, quando apresentam essas características, são gordas, porém brancas e de cabelos lisos; negras, porém de cabelos lisos e magras/corpo médio. A exceção é Dulcinéia Novaes, mulher negra de cabelos crespos.

Entre os traços faciais mais valorizados, estão o nariz médio (44), lábios médios (42) e rosto oval (26). Nariz largo apareceu apenas em 5 jornalistas, enquanto lábios grossos não apareceram em nenhuma. Quanto à maquiagem, de 64 mulheres, foi possível perceber em 62 delas a pele uniformizada com maquiagem – base, corretivo, pó, entre outros –, 62 usavam rímel, 39 delineador nos olhos, 34 sombra neutra. Além de trazerem ao rosto a pele lisa e livre de imperfeições (espinhas e manchas), esses elementos de maquiagem demonstram uma preocupação com a aparência em frente às câmeras, uma busca por aparentar arrumada e bela, mas sem uso de elementos que chamem muita atenção. Apenas duas não constam com maquiagem: a primeira, Bette Lucchese (Figura 35), pela distância de onde foi gravada a passagem, não foi possível identificar o uso ou não; a segunda, Sonia Blota, (Figura 65), não aparentava utilizar maquiagem – mas seu rosto estava parcialmente ocultado pelo uso de máscara.

Uma característica que pode ser observada, apesar de não estar quantificada neste estudo, é que as sobrancelhas das telejornalistas não estão com grandes marcações e nem são tão arqueadas, diferente do que é visto como valorizado atualmente no mundo da beleza (com o grande uso de maquiagens para

⁶³ Disponível em <<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2021/11/2021-11-12-Sum%C3%A1rio-Executivo-19%C2%BA-Encontro-da-SBPJor-RETIJ-VFINAL-REVISADA-2.pdf>>. Acesso em 10 abr 2022.

preenchimento dos pelos e micropigmentações). Não se pronunciando, as sobrelanceias ajudam a trazer neutralidade ao rosto, não enfatizam o olhar e a expressão facial.

Outra característica observada é a presença ou não de ruga. Apesar de aparecerem em 23 das 64 telejornalistas, as rugas são poucas em quantidade em cada uma das mulheres, o que não traz uma aparência clara de envelhecimento para a maioria que as possui. As linhas de expressão mais vistas foram na volta dos olhos, nas bochechas e o sulco nasogeniano aparente.

Além destes dados, também trazemos questões relativas ao figurino e uso de acessórios. Grande parte das mulheres utilizava roupas de alfaiataria, como camisa e blazer (15 e 11, respectivamente), blusas básicas de manga longa e curta também apareceram (14 vezes cada). Cores sóbrias, como preto, branco, azul e bege apareceram 25 vezes. Entre os acessórios, os que mais apareceram foram brinco pequeno (42 vezes) e anel (38). Porém, cores como rosa, vermelho, bordô, roxo e lilás também foram utilizadas pelas jornalistas (25 vezes somando todas as cores).

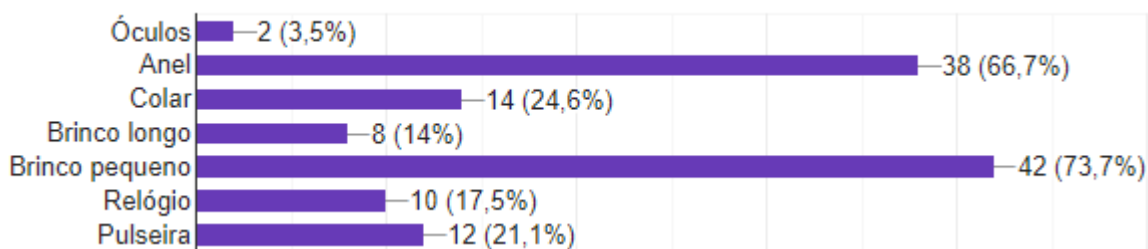
Das apresentadoras de bancada, observando especialmente as que apresentam os telejornais da noite (Renata Vasconcellos, Lana Canepa Renata Lo Prete, Márcia Dantas e Christina Lemos), podemos observar dois perfis de figurino: as três primeiras citadas utilizam roupas mais sóbrias em relação ao corte (blazers, camisas, saias e calças de alfaiataria) e maquiagens simples. Destas, Renata Lo Prete é a que apresenta o figurino associado a mulheres mais velhas, com sapato de salto baixo, saia abaixo dos joelhos e larga e camisa sem blazer. Christina e Márcia, por sua vez, utilizam roupas com cores vibrantes e cortes diferenciados. Márcia Dantas é a telejornalista mais maquiada, utilizando inclusive cílios postiços, o que foge do padrão apresentado de maquiagem. Em comum, todas são brancas e aparecem utilizando maquiagem e cabelo arrumado – ainda que algumas com escova modelando os fios, e outras com o cabelo liso mais reto. É importante ressaltar, ainda, que todas as apresentadoras dos telejornais analisados – também os dos matutinos vespertinos – são brancas.

Gráfico 7 – Recorte do gráfico de figurino: as principais roupas utilizadas



(Fonte: Elaborado pela autora)

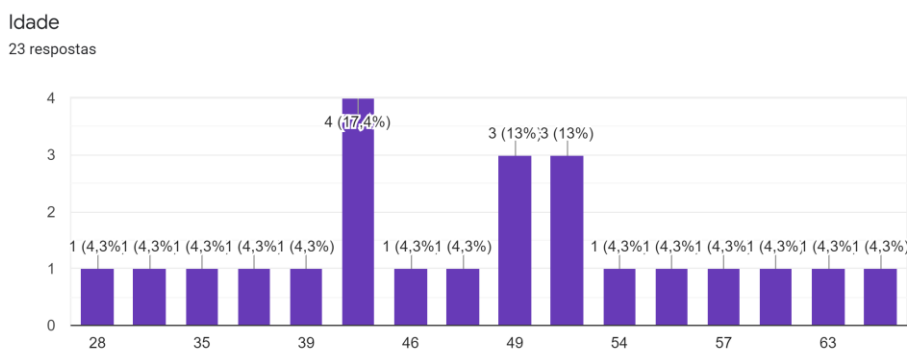
Gráfico 8 – Recorte do gráfico de adereços



(Fonte: Elaborado pela autora)

Ainda que não tenhamos conseguido contabilizar a idade de todas as telejornalistas, apresentamos os dados, que demonstram idades entre 28 e 66 anos. A mulher com idade mais avançada é Dulcinéia Novaes (Figura 28). Apesar de ter 66 anos, tem o rosto com a pele lisa, não apresentando rugas:

Gráfico 9 – Gráfico de idade das telejornalistas



(Fonte: Elaborado pela autora)

Alguns dados demonstram pequenas mudanças, especialmente considerando as pesquisas anteriores na área – principalmente a presença de mulheres de etnia oriental, o uso de cores mais quentes, a quantidade de jornalistas com os cabelos loiros e o uso de determinados acessórios, como piercings (1), tatuagem aparente (1), brinco longo (8), lenços e cachecóis coloridos (4).

Porém, a maioria dos dados demonstra que as características da aparência das telejornalistas brasileiras estão diretamente relacionadas com o padrão estético vigente na sociedade em geral, que é branco, de pele sem imperfeições, com cabelos lisos, magro e de aparência jovem. Além disso, mostram um padrão de profissional já apresentado em pesquisas anteriores – 92,2% (59 de 64) das jornalistas eram brancas, 62,5% magras (40 de 64), 84,4% de cabelo liso (54 de 64) e 64,1% (41 de 64) sem rugas.

A partir dessa investigação, podemos considerar que o perfil físico da telejornalista brasileira de canais abertos é uma mulher branca, magra, de cabelos lisos, médios e castanhos, sem rugas aparentes; que utiliza maquiagem leve, buscando uma pele uniforme, roupas de alfaiataria e acessórios pequenos. Se pensamos em um exemplo que está de acordo com todas as características citadas, podemos trazer a apresentadora Lana Canepa (Figura 55), ainda que ela tenha olhos claros, característica que não é tão comum ao perfil. Se pudéssemos atribuir a imagem da telejornalista a uma mulher, poderia ser esta:

Figura 99 – Mulher branca, de cabelos lisos, castanhos e médios, magra, sem rugas aparentes, com pele uniforme, acessórios pequenos e roupas de alfaiataria



Fonte: Banco de imagens Freepik

Algumas linhas de fuga são observadas. Bette Lucchese (Figura 35) aparece usando roupas simples e botas de borracha, sujas de lama, quando reporta a tragédia ocorrida em Petrópolis. Ainda que seja a roupa adequada para a

passagem feita no local, é uma aparência diferente das demais. Ana Paula Campos (Figura 47) é uma mulher gorda que, além de fazer reportagens para os jornais diários, eventualmente também é apresentadora do jornal Hora1, da Rede Globo, que vai ao ar durante a madrugada, às 4 horas. Micheli Rosa (Figura 78) é a única ruiva entre as 64 observadas. Essas são características que não estão de acordo com a maioria apresentada nesta análise.

Como vimos ao longo da pesquisa, o telejornalismo é um espaço masculino e, assim, as mulheres que trabalham nesse ambiente, muitas vezes, adquirem algumas características com essa marcação de gênero para buscar reconhecimento e valorização dentro do subcampo – como a credibilidade, por exemplo. Nesta pesquisa, foi possível observar algumas dessas marcações, principalmente no que diz respeito ao figurino, com o uso de roupas de alfaiataria, como camisas e blazers, de cores sóbrias, uso de pouca maquiagem, expressões faciais sérias e postura firme. Ainda assim, notamos a presença de marcações típicas femininas, como o uso de vestidos, brincos longos, maquiagens mais marcadas e coloridas, unhas pintadas de cores fortes, o que demonstra que os traços femininos se evidenciam nas mulheres analisadas. Outra marcação interessante é o uso de óculos com armações aparentes por Renata Vasconcellos e Renata Lo Prete. Apesar de ser um acessório muitas vezes usado apenas por distúrbios visuais, no total do figurino de uma apresentadora pode trazer um aspecto de seriedade e de intelectualidade.

Bourdieu (2007) defende que características corporais podem ser consideradas como capital dentro de determinados campos. Com o estudo feito neste capítulo, é possível compreender que características como pele branca, cabelos lisos, pele lisa e corpo magro são moedas valiosas dentro do subcampo telejornalístico, que auxiliam na tomada (e na permanência) de determinadas posições e, ao mesmo tempo, reforça padrões estéticos para esse espaço profissional e serve como espelho para o social. Ao que parece, essas jornalistas, além da competência específica de sua formação, precisam também possuir pelo menos alguns desses capitais estéticos – o que é demonstrado pelas tantas regularidades encontradas no levantamento feito. Quando as características que aparecem em menor quantidade entre mulheres observadas (corpo gordo, cabelo cacheado, cor de pele negra ou amarela) se evidenciam, levam a perceber uma dissonância e causam (ou podem causar) algum estranhamento. Pelo que pode ser

analisado, quanto maior o número de capitais corporais padronizados pelo ambiente telejornalístico, maior as chances de ingressar e permanecer em frente às telas.

Como observamos, ainda que as mulheres estudadas tenham traços das mulheres do nosso cotidiano, elas têm uma aparência mais elaborada e mais específica. Elas se diferenciam, inclusive, das demais mulheres televisivas e midiáticas, como as apresentadoras de programas de entretenimento, as personagens de telenovelas e as influenciadoras digitais. Se olharmos ao nosso redor, provavelmente encontraremos muito mais mulheres diferentes das que vemos na televisão, do que as semelhantes a elas.

Expostos às produções dos meios de comunicação, os sujeitos buscam identificação a partir do que assistem e consomem – e buscam a validação da sua identidade a partir desses meios. Se, como afirmado por Kellner (2001), os indivíduos buscam nas mídias as representações de si mesmos e da sociedade em que vivem, o que significaria para eles, então, assistir todos os dias – pela manhã, pela tarde e pela noite – um padrão estético que representa menos da metade da população? Em especial, o que esse padrão implica para as mulheres, especialmente as mulheres jornalistas?

No processo de identificação, então, esse tipo de padronização pode acarretar a busca de um corpo quase irreal – um padrão estético que pouco se aproxima da realidade da maioria das mulheres brasileiras. A problemática se torna ainda maior quando pensamos nas mulheres jornalistas. Além de criar um sistema de representações não representativo para grande parte da população, esse padrão tão fechado pode tornar mais difícil a entrada das jornalistas no mercado de trabalho televisivo – afinal, se elas se encontram fora do padrão e não se enxergam nesse lugar e nesse papel, dificilmente se sentirão aptas a buscar um lugar em um meio de comunicação televisivo tradicional.

Acreditamos que essa padronização acaba servindo tanto para quem assiste, quanto para quem produz a televisão. Num processo de retroalimentação, a TV torna visíveis os corpos brancos, magros e de cabelos lisos, e torna invisíveis outros corpos possíveis. Escolhendo as telejornalistas a partir dos padrões vigentes, os reforça e os regulariza a partir de suas escolhas.

Como afirmado por Rosário e Aguiar (2014, p. 178), e como é possível observar com as imagens, “a televisão e outros meios de públicos massivos não são espaços de experimentação”. Corpos gordos, mulheres trans e travestis, mulheres

fora do padrão estético e de feminilidade ainda são quase inexistentes nesses postos de grande visibilidade televisiva.

os textos midiáticos destinados a públicos numerosos funcionam dentro de um sistema que busca aplanar as contradições dos códigos, das estruturas, das linguagens, eliminando as contradições que aparecem na sua inevitável dinamicidade. O motivo principal disso parece ser a manutenção da audiência e, por consequência, do investimento financeiro de anunciantes – sobretudo nas tevês abertas. (ROSÁRIO E AGUIAR, 2014, p. 177)

Enquanto a imagem “limpa” de contradições continuar sendo utilizada na televisão, principalmente nos telejornais, os corpos diferentes do padrão continuarão sendo excluídos do protagonismo das telas. No telejornalismo percebemos que, quando aparecem, os corpos fora do padrão se mostram apenas em determinadas reportagens, como fontes, assumindo um papel de coadjuvante. Como consequência de não serem apresentados com destaque e, portanto, de serem excluídos, continuarão gerando contradições.

5 A APARÊNCIA DA TELEJORNALISTA BRASILEIRA: A EXPERIÊNCIA VIVIDA

*“Já chegou a ter vezes de eu chegar num lugar enquanto repórter e de me perguntarem ‘Cadê a repórter?’, entendeu, de não me reconhecerem enquanto repórter porque eu não parecia repórter para aquelas pessoas.”
(Entrevistada Nathalia, 22 de abril de 2022)*

Tendo como norte o problema de pesquisa e o objetivo de apurar experiências e vivências de apresentadoras e repórteres de telejornais na correlação com seu fazer profissional, buscando entender como elas tensionam o campo e como são tensionadas por ele, nesse momento trataremos das percepções internas do subcampo, ou seja, das observações feitas pelas próprias telejornalistas em relação ao tema. Compreendemos a necessidade de um segundo procedimento metodológico por crer que nem tudo está visível aos olhos – as inter-relações próprias do campo ou subcampo, suas regras, suas exigências e seus jogos de poder não transparecem de forma clara nas imagens nas telas. Por isso, contamos com o relato de quatro telejornalistas, que trazem elementos importantes para compreender a interferência do subcampo nos corpos televisuais.

5.1 ENTREVISTA COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A entrevista é uma importante técnica para a coleta de dados que não estão disponíveis em registros e fontes documentais, podendo ser fornecidos apenas pelas pessoas e se configurando como estudo qualitativo (BRITTO JUNIOR e JUNIOR, 2021). Dessa forma, realizamos entrevistas com mulheres que trabalham ou trabalharam no telejornalismo – repórteres e apresentadoras. Essas entrevistas têm como objetivo entender: as vivências e experiências dessas mulheres na correlação profissão e corpo; como essas mulheres compreendem a relação entre as formas do seu corpo e a sua atuação profissional; como essas mulheres se sentem em relação ao que o telejornalismo propõe em relação aos seus corpos; que tipo de incentivos e solicitações receberam no que diz respeito a cabelo, figurino, maquiagem e forma do corpo; se sofrem/sofreram discriminação pela sua aparência física; se têm relatos sobre acontecimentos relacionados a esse tema ocorridos com

elas mesmas ou com colegas de profissão; como entendem a relação entre imagem e atuação profissional para homens e mulheres.

Tendo em vista o tempo disponível para a execução da pesquisa e que ela busca encontrar tendências e não generalizações, determinamos o número de quatro entrevistadas, buscando mulheres de diferentes aparências, emissoras, idades e regiões do país. O contato com cada uma delas se deu de forma diferenciada: a primeira, Cláudia⁶⁴, foi indicação de uma colega da área acadêmica, que havia trabalhado com ela na emissora – entramos em contato pelo seu canal oficial. A segunda, Joana, foi indicação de uma colega profissional, que havia trabalhado com ela na emissora – entramos em contato via WhatsApp. A terceira, Bruna, era conhecida acadêmica da pesquisadora – entramos em contato via Instagram. A última, Nathalia, era desconhecida – entramos em contato via mensagem, no Instagram.

É importante apontar que, ao longo do período, entramos em contato com mais cinco jornalistas – todas sendo indicadas por pessoas próximas. Algumas seguiram a conversa por algum determinado momento e pararam de responder; outras não responderam nem ao primeiro contato. O convite foi feito avisando que a identidade seria protegida, porém, compreendemos que pode haver um receio das telejornalistas em compartilhar algumas informações e futuramente ter algum prejuízo profissional por esse motivo.

A configuração da TV aberta se dá por meio de emissoras e suas filiadas. As primeiras são chamadas pelas entrevistadas como “de rede”, isto é, que possuem transmissão nacional, e as afiliadas, que possuem transmissão regional. Neste trabalho, consideramos tanto jornalistas “de rede” quanto jornalistas “de afiliadas”, tendo em vista que as jornalistas de afiliadas também fazem reportagens de transmissão nacional, dependendo do conteúdo e regionalidade da notícia. Nos telejornais observados na análise do capítulo anterior, pudemos constatar que parte das mulheres não estão no eixo Rio-São Paulo e, sim, trabalhando regionalmente, com matérias que são veiculadas também em telejornais de transmissão nacional. Em nossa pesquisa, uma das jornalistas entrevistadas trabalhou em frente às câmeras de telejornais de transmissão nacional e as outras três em afiliadas.

⁶⁴ Todos os nomes das entrevistadas foram substituídos por nomes fictícios.

Devido ao cenário em que o trabalho foi feito, durante a pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas por meio de softwares de conversa por vídeo. A escolha foi a plataforma Zoom, tendo em vista que ela permite gravação e arquivamento automático do material em áudio. As entrevistas foram semiestruturadas (GIL, 1987), com algumas perguntas base enfocando nos temas principais a serem abordados, mas com a possibilidade de aprofundamento em informações que fossem consideradas importantes ao longo da conversa.

No início de cada entrevista, foi feita uma contextualização do estudo, buscando esclarecer possíveis dúvidas sobre a utilização das informações cedidas. Também encaminhamos e lemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Anexo A, para as entrevistadas, documento que garante a confidencialidade das informações prestadas. As entrevistas foram agendadas em horários de disponibilidade das entrevistadas, buscando deixá-las mais confortáveis para a conversa – criando uma atmosfera cordial e simpática, evitando que se sintam intimidadas ou pressionadas (BRITTO JUNIOR e JUNIOR, 2012). As perguntas e respostas foram gravadas – tanto pelas plataformas de conversa por vídeo, quanto por um gravador separado, para garantir o *backup* do conteúdo – para serem transcritas e analisadas.

Em relação a possíveis riscos, ressaltamos para as jornalistas que as entrevistas poderiam causar um determinado nível de cansaço, dado o tempo estimado de realização das conversas – entre 40 minutos e 1h30min. Também poderiam trazer desconfortos emocionais, como aflição e/ou recordações particulares sobre as experiências vividas em seu cotidiano profissional, que venham à tona a partir da conversa. Sobre os benefícios para as participantes, podemos ressaltar que a reflexão sobre as vivências das mulheres no telejornalismo em relação a seus corpos pode trazer importantes impactos para essa área do conhecimento, tanto em nível acadêmico quanto no mercado de trabalho. Além disso, pode trazer maior compreensão acerca do campo para as próprias jornalistas. Todas as informações relativas a benefícios e riscos estão presentes no TCLE, apresentado para todas as entrevistadas.

Tendo em vista que as entrevistas entrarão em assuntos pessoais e profissionais, que podem causar prejuízos nessas áreas, seus nomes, cidades de origem e locais de trabalho foram omitidos e/ou substituídos por nomes fictícios.

Consideramos a entrevista um método importante a ser utilizado, por permitir a obtenção de dados pessoais em profundidade, que podem ser sistematizados e classificados (GIL, 1987, p.114). Através dos relatos das entrevistadas, poderemos compreender e analisar melhor o subcampo, os corpos das telejornalistas nele apresentados e a relação entre esses dois elementos.

Compreendendo a estrutura e o roteiro da entrevista como um dos principais pontos para o sucesso da metodologia (GIL, 1987; BRITTO JUNIOR e JUNIOR, 2012), trazemos aqui o roteiro que utilizamos durante as conversas. As informações em parênteses são possíveis ganchos, caso a entrevistada não compreendesse a proposta do questionamento.

- 1 Gostaria que você descrevesse brevemente a sua aparência: cor da pele; formato do corpo; cor, forma e tamanho do cabelo;
- 2 É formada em jornalismo? Quantos anos você tem de formação?
- 3 A quanto tempo trabalha/por quanto tempo trabalhou na televisão e em que cargos?
- 4 Como foi o processo seletivo para ingressar?
- 5 Qual a sua opinião sobre o formato do telejornalismo atual? (e como era na sua época)
- 6 Você considera que a aparência é um ponto importante para o seu trabalho? (trazendo credibilidade, reconhecimento, espaço, oportunidades)
- 7 Você considera que pessoas com um determinado tipo de aparência tem vantagens na carreira do telejornalismo? (De onde vem essa vantagem? É apenas na televisão?)
- 8 Você considera que o tratamento em relação a aparência de mulheres e de homens é diferente? (E em relação ao trabalho, credibilidade, oportunidades)
- 9 Na sua percepção, qual é o corpo adequado ao telejornalismo? (Em questão de cor/raça, peso, características de rosto, etc.)
- 10 Você se sente/sentiu pressionada a manter alguma característica de aparência para seguir no trabalho?
- 11 Durante o seu dia a dia no trabalho, alguém da emissora já fez algum comentário, pedido ou incentivo em relação a sua aparência? Como foi?
- 12 Já presenciou algum pedido, motivação ou incentivo em relação a aparência de alguma colega? (Roupas, acessórios, maquiagem, corpo, rosto, cabelo) Como foi?

Acreditamos que, para este trabalho, as entrevistas trouxeram tendências e considerações sobre como o subcampo telejornalístico constrói os corpos das telejornalistas e sobre a importância desse tema para o trabalho dessas mulheres. Aqui, buscaremos alguns eixos de observação e análise: interferência do campo sobre o corpo e padronização do corpo; relação entre subcampo telejornalístico e o masculino; propriedades do subcampo e características do *habitus* telejornalístico. Ao longo do texto, frases que trazem algum desses eixos serão grifadas utilizando **negrito**. Serão trazidas, após, no subcapítulo 5.3.

5.2 AS ENTREVISTADAS E AS ENTREVISTAS

A partir desse momento, damos voz às percepções e análises de quatro telejornalistas sobre a realidade que vivem em seu âmbito profissional. Cada uma, com suas características e sua forma de contar a história, trouxe informações importantes para a percepção do subcampo. De forma resumida, trazemos os seus perfis, permitindo que as demais características de suas vidas e histórias sejam contadas a partir de seus próprios relatos.

Cláudia tem 44 anos, é jornalista formada e foi apresentadora durante 20 anos de telejornais nacionais de TV aberta. Formou-se após ingressar no telejornalismo, anteriormente trabalhava como modelo. Atualmente, trabalha em um jornal impresso e online.

Joana tem 41 anos, é jornalista formada. Dentro do jornalismo, trabalhou em diversas áreas, tanto em frente quanto atrás das câmeras. Foi apresentadora de telejornal de uma emissora educativa e repórter de cultura em uma afiliada de emissora de TV aberta.

Bruna tem 27 anos e é jornalista formada recentemente. Trabalhou como apresentadora de telejornal de TV a cabo e atualmente é videorepórter em uma afiliada de emissora de TV aberta.

Nathalia tem 35 anos, é formada em Comunicação Social com ênfase em Rádio e TV. Já trabalhou como repórter e apresentadora em uma emissora de TV a cabo e atualmente é repórter e apresentadora em uma afiliada de emissora de TV aberta, apresentando os telejornais principalmente em férias de colegas e finais de semana.

5.2.1 Cláudia

Cláudia foi a primeira entrevistada. Foi uma jornalista indicada por um contato acadêmico, que havia trabalhado com ela há alguns anos. Entramos em contato com ela a partir da sua página profissional, e recebemos a resposta positiva em pouco tempo – compartilhou seu número, conversamos via WhatsApp e marcamos a entrevista para as 7 horas do dia 25 de fevereiro. Às 23 horas do dia 24 de fevereiro, porém, Cláudia enviou uma mensagem avisando que precisaria modificar o horário, porque precisaria entrar ao vivo pela manhã para cobrir a guerra entre Rússia e Ucrânia. Reunião remarcada para o mesmo dia, às 19 horas.

Iniciando a entrevista, conforme as perguntas guias, Cláudia fez a descrição da sua aparência. Se definiu como “morena clara”, mas relata que, para a cidade em que nasceu, era morena demais. “E sofri até um certo racismo na época, e sofro, eu acho que até hoje, nas vezes que eu vou visitar a cidade, por ser uma cidade totalmente germânica. Então eu lidei com isso na minha cidade, eu lidei com esse preconceito também no jornalismo”, ressaltou. Ainda descrevendo a sua aparência, contou que tem 1,68 metro de altura e pesa 70 quilos – mas que já chegou a pesar 54 quilos no início da carreira.

Sempre tive um corpo que chamava bastante atenção por eu ter sido atleta, né. Então eu acho que isso também ajudou no início da carreira, mas também fez com que eu fosse olhada de uma forma não tão positiva, porque há 20 anos, mais ou menos **quando eu comecei no jornalismo, mulher bonita não era inteligente.**

Respondendo ainda a primeira questão, Cláudia diz que sente que houve uma mudança positiva no jornalismo desde que começou – que hoje, questões como o empoderamento, por exemplo, são trabalhadas, mas que passou por muitas situações difíceis, e que sente que é necessário falar sobre isso: “hoje se fala em empoderamento, mas talvez a gente nem sabia que tinha essa força dentro da gente, porque o mundo e a sociedade machista não deixavam a gente acessar isso, tornando com que a gente fosse pequena”, reforça.

Ela conta que a relação entre beleza e inteligência era uma questão que ouvia muito no início de sua carreira, o que fazia com que ela se sentisse diminuída:

Se eu era inteligente eu tinha que me tornar feia, eu tinha que me apagar, eu tinha que me esconder. Então eu me escondia através das roupas, eu me escondia através de não me maquiar, né, porque, se não, eu me tornaria muito mais bonita, então, quanto mais eu me escondesse, menos eu aparecia, então talvez eu seria, vamos dizer assim, eu seria chamada de uma mulher inteligente, e eu não poderia mostrar a minha beleza.

Essa foi uma questão de importância no início da carreira de Cláudia, tendo em vista que, antes de ser jornalista, ela foi modelo, participou de programas de entretenimento e havia posado nua em revista masculina. Ela relata que na época precisou lidar de frente com o machismo, e que sente que durante os 20 anos em que esteve dentro da televisão pôde observar mudanças, mas que ainda muitas coisas precisam mudar.

Nesse momento foi perguntado sobre a relação que ela observava entre as mulheres, a inteligência e a credibilidade. Cláudia disse que observa que muitas vezes as mulheres deixam de ser femininas para entrar no mundo machista, compreendendo que esse mundo só dá credibilidade para mulheres que se tornam ‘masculinas’:

E isso dentro da mente feminina gera um desconforto, e muitas vezes até uma desassociação, de não saber quem realmente nós somos, de realmente saber o que nós podemos. Hoje, eu, após 20 anos, é – eu comecei com 25, eu estou com 44, vou fazer 45 – hoje eu tenho a maturidade de entender que não, que eu sou uma mulher bonita e eu tenho o mesmo poder que qualquer outro homem pode ter na sociedade. Então por que que eu preciso me esconder? Dentro desses critérios que a sociedade exige da gente?

Cláudia responde sobre a sua formação em jornalismo, relatando que se formou com 30 anos, apesar de atuar na área desde os 24. Ela iniciou na área após a participação em um programa de entretenimento, quando foi convidada para participar de um teste de um jornal com o formato importado dos Estados Unidos – no qual, diferente do jornal tradicional, seriam duas apresentadoras mulheres, que trabalhariam tanto atrás de uma bancada que revelava parte do figurino, quanto caminhando dentro do estúdio. As apresentadoras apareciam com uma aparência bem feminina, com maquiagem evidente e roupas curtas.

[Foi] muito diferente do que o jornalismo era proposto, para a sociedade, que sempre foi aquele jornalismo atrás de uma bancada, dois apresentadores sentados, sempre o homem tendo a voz forte e a mulher sempre em segundo lugar. Ela não tinha tanta presença, tanto que não se usava muita maquiagem, não se arrumava muito o cabelo, era sempre as jornalistas, **a gente pode dar exemplo das grandes jornalistas, como a Fátima Bernardes, a Sandra Annenberg, que sempre tinham que ter o cabelo curto para poder mostrar uma força, uma certa credibilidade, elas não podiam ser tão femininas.** [...] Então, assim, a gente chegou batendo de frente com tudo aquilo que a sociedade achava que era o certo. Não que era errado, mas que era ditado como certo, né? Então eu acho que a gente foi muito massacrada, a gente foi muito humilhada, não só pela sociedade, mas pelos próprios jornalistas. E **o fato de que eu não era formada até então, aquilo mexia muito com o ego dos jornalistas que já estavam ali trabalhando há muitos anos,** que tinham aquelas mesmas regras e que a gente sabe que até hoje elas existem, né? E que eu acho que regras existem para ser cumpridas, mas que o novo é sempre bem-vindo.

Cláudia conta que naquela época, o fato de não ser formada corroborou com toda a crítica que estava recebendo por esse trabalho, mas ressalta que o que mais incomodou a sociedade e os jornalistas foi o choque de realidade que esse jornal trouxe. “Eu acho que foi uma quebra também de paradigmas, né? Porque depois disso as outras emissoras começaram a deixar com que as mulheres mostrassem um pouco mais de sua feminilidade. Eu acho que a gente ajudou de uma certa forma, mas sempre quem faz a mudança apanha”, destaca. Com essa grande quantidade de críticas, Cláudia foi se moldando ao que acreditava que seria o ideal para o telejornalismo.

Na época, você quebrar isso, esse paradigma que é exigido pela sociedade toda, é desconfortável. **Então eu também comecei a deixar de ser quem eu era, realmente.** Porque eu comecei a ficar um pouco mais sisuda, um pouco mais, até hoje em dia dizem que eu ainda sou, um pouco mais marrenta, mais brava, por quê? **Porque você começa a deixar o seu feminino de lado e adquirir uma personalidade mais masculinizada por causa do ambiente em que você trabalha.** E como eu passava muito tempo dentro da emissora, **aquele papel se tornou, vamos dizer assim, já não era mais um personagem, já estava aqui dentro.** Então eu comecei a deixar de usar calça jeans, eu comecei a deixar de usar blusa justa, qualquer coisa que me deixasse muito feminina eu comecei a deixar de usar. Por quê? **O ambiente machista em que eu trabalhava fez com que eu deixasse de ser a mulher que eu era.**

Continuando a narrativa sobre o questionamento, Cláudia traz que, após dois anos e meio apresentando esse jornal, ocorreram mudanças na emissora com a chegada de uma nova apresentadora, e ela e sua colega de bancada foram descartadas. Então, Cláudia passou um ano e meio trabalhando no entretenimento e foi convidada para apresentar um telejornal na companhia de um jornalista homem. Nesse momento, ela sentiu que poderia se permitir ser feminina.

Eu podia ser o feminino, porque tinha um outro homem no meu lado, mas eu podia ser feminina. Mas mesmo assim foi muito difícil, porque **no ambiente do jornalismo ainda está enraizado o machismo.** Tanto nas conversas, como 'ah, você não pode conversar ou contar alguma coisa pra mulher porque vai virar fofoca' e muitas vezes o mundo masculino é mais fofoqueiro do que o feminino [...] Então foi assim uma luta muito grande, né? **Eu fiquei 12 anos e mudei muito o meu jeito de ser. Nas minhas percepções, na minha forma de falar, na minha forma de agir, de me comportar,** por quê? Porque eu precisava ser firme, eu não podia mostrar a minha vulnerabilidade, né, porque nós mulheres somos mais sensíveis, realmente, e isso não é fraqueza, isso mostra o quão forte nós somos. Então **eu tive que novamente entrar nesse papel de 'o jeito que eu me vestia, o jeito que eu falava, cuidar o que falar', então eu deixei de ser quem eu era.** E eu acho que muitas de nós jornalistas deixamos de ser quem nós somos por causa dessa dualidade do feminino e do masculino que a gente precisa equilibrar o tempo inteiro para viver em uma sociedade machista.

Com essa necessidade de estar moldada ao ambiente, se fazer diferente do que é e pela pressão de se provar capaz, Cláudia conta que teve problemas psicológicos. Ela ressalta que hoje se sente confortável para falar abertamente sobre esse assunto – tanto da questão relativa à opressão que sofreu, quanto aos problemas que teve – porque sente que apenas de alguns anos para cá existe abertura para ouvir. Segundo a sua percepção, ela diz que “hoje a gente consegue ver um telejornal e cada pessoa poder ser quem ela realmente é, que ela não precisa entrar em um padrão exigido pelas emissoras principalmente de televisão, que **eram exigidas antes.**”

Sobre as exigências, Cláudia diz que existia uma comparação entre ela e sua companheira de bancada, porque ela sempre foi mais musculosa por ser atleta durante 10 anos, enquanto sua parceira era mais magra. Cláudia diz que quando ganhava 1 quilo, não parecia massa muscular, parecia estar ‘cheinha’.

Era difícil você estar do lado de alguém bem magra, por que no vídeo aparecia o que? Parecia que eu era gordinha, que eu estava com sobrepeso. Então isso era exigido de mim. “Cláudia, você está fazendo exercício, você está fazendo dieta?” Imagina isso na cabeça de uma pessoa que já estava ali lutando para fazer o melhor, dar o melhor, porque eu não tinha experiência nenhuma com televisão, eu nunca pensei em trabalhar em uma televisão, aquilo veio para mim como um presente, então eu via como um presente e eu me cobrava muito. Hoje eu vou para a academia porque eu amo ir para a academia, porque eu necessito dessa atividade física diária para eu funcionar melhor. **Mas lá atrás era para ser a mulher perfeita. Então isso era muito exigido**, eu entendo que hoje já não é mais tanto, e eu acho isso maravilhoso, porque você poder ser quem você é sem entrar em um padrão de beleza, em um padrão de fala, em um padrão de... **lá antes era tudo padrão.** Você tinha que seguir o padrão. e eu sou de uma geração, que quem tem a minha idade, 44 anos, nos últimos 10 anos ou 20 anos, era a "geração saúde", que de saúde não tem nada, porque está todo mundo louco. Por quê? Porque foram tão exigidos, tão exigidos que chegaram no seu limite. [...] **Foram durante muitos anos exigidos consciente e inconscientemente. Porque você tinha que estar perfeito, porque você tinha que ter... porque como o jornal era diário, você tinha que estar com o corpo perfeito, com o cabelo perfeito, a voz perfeita, você não podia tomar um sorvete, porque se você aparecesse no outro dia com a voz ruim é porque você tinha feito alguma coisa errada.**

Mesmo com tantas exigências, Cláudia não poderia deixar de fazer o que era pedido, porque veio de família simples e todo o dinheiro que ganhava era para auxiliar os seus familiares. “Eu não tinha como dizer ‘não, eu não quero isso para mim, não, **eu vou comer uma lasanha hoje à noite** e eu quero mais é que se lasque’, não tinha como dizer.” Assim, durante muitos anos Cláudia seguiu na mesma emissora, apresentando telejornais diferentes, e relata que a sua saída foi um momento de liberdade e de reencontro consigo mesma.

É mais difícil ainda você voltar de ser você mesma depois de durante 20 anos quase você ter entrado dentro de uma caixinha e achar que aquilo era

uma verdade absoluta. Então, quando você começa a fazer esse caminho de volta para casa, que eu digo que é o caminho que a gente volta para a gente mesmo, é muito difícil. Hoje eu consigo dizer que eu estou muito feliz pelo processo, mas é muito difícil porque a sociedade te cria isso, **o jornalismo em si cria um perfil e você tem que seguir aquele perfil. E quando você não segue esse perfil você é tirado fora. Quando você não pensa como eles querem que você pense você é tirado fora.** Então nós somos descartáveis quando a gente não é mais necessário.

Abordando esse papel que o jornalismo dá para os jornalistas, Cláudia diz que o trabalho a ensinou a ser mais fria, racional e metódica, o que foi positivo, já que consegue trazer os dois polos – racional e emocional – juntos. No entanto, afirma que foi necessário muito tempo para conseguir absorver e compreender a necessidade desse equilíbrio. “Mas eu vou dizer para você que isso ficou tão enraizado que muitas vezes eu me vejo novamente sendo aquela Cláudia dura, fria e muitas vezes machista”, conta. Ela acredita que os jornalistas precisam estudar muito a própria mente, ter autoconhecimento, porque “a empatia de saber se colocar no lugar do outro, a gente já tem isso, eu acho que **o jornalista ele é muito humano, aquele que vai para a rua, que conhece as histórias**”, destaca.

Cláudia ressalta que durante 20 anos foi apenas âncora de telejornal, então não teve essa proximidade com a rua, que apenas hoje em dia está tendo essa oportunidade. E nesses 20 anos, relembra mais uma vez que teve que trabalhar com homens machistas e passar por situações desconfortáveis.

Existe isso no meio jornalístico, o assédio...e muitas vezes eu escutei calada, no início. Depois que eu comecei a me apoderar de mim mesma, daí eu comecei 'ah, pera aí, já que não vão me respeitar, eu tenho que me dar o respeito'. Daí eu comecei a “não é desse jeito não, querido, não é dessa forma que você vai me tratar”. Só que daí você começa a agir de outras formas, porque, assim, eu apresentei muitos telejornais, com muitos homens diferentes, com muitas mulheres diferentes, e, em determinados momentos, você acha que você precisa daquilo, daquele assédio. ‘Pera aí, pra que que eu preciso daquilo?’. Mas você só se dá conta depois de muita bagagem. [...] Só que eu posei nua, participei de um programa de entretenimento, já tinha aquela pressão dos homens dando em cima, né, do assédio, eu já lidei muito bem com isso. Então assim, entrava por um ouvido e saía no outro. **Até que um dia eu fui gravar um off⁶⁵ com um apresentador, e daí a gente tinha que gravar esse off juntos, e começou a mão na cintura, a mão na bunda, descendo um pouquinho, aquela brincadeira tola, deixei uma vez, duas, na terceira vez eu cheguei para a editora chefe e falei: “Ó, eu não gravo mais junto com ele, ele grava sozinho e eu gravo sozinha.” “Ah, mas você precisa gravar com ele pra ficar a mesma entonação”. O que que eu vou falar? Eu, Cláudia, que tinha posado nua, que tinha participado do programa de entretenimento, vou chegar pra editora chefe e falar: “Querida, é o seguinte, ele está passando a mão em mim.” Quem ia levar a fama? A Cláudia.** Então eu comecei a me colocar no meu lugar de mulher para ser respeitada no meu âmbito de trabalho. [...] Eu consigo olhar para trás, e ver

⁶⁵ Gravar um “off” é a gravação de um áudio que posteriormente será coberto por imagens para a inserção em uma reportagem.

que eu agi da maneira certa. Eu fui a chata, mas todos os homens que trabalharam comigo, todos, isso depois que eu saí de lá e fiquei sabendo por outras pessoas, sempre falaram “a Cláudia sempre foi a mulher mais séria do telejornalismo”.

A jornalista diz que, por passar muito tempo dentro da emissora, muitas vezes a vida pessoal e a profissional acabam se misturando, fazendo com que se conte coisas pessoais para pessoas que podem utilizar essas informações de forma prejudicial. “Eu lembro muito bem, quando eu tive Síndrome do Pânico⁶⁶, quem foram as pessoas que ligaram para mim. Se eu contar nessa mão, eu preciso arrancar quatro dedos, entende?”. Assim, ela ressalta que é necessário separar vida pessoal e vida profissional.

Retornando às perguntas guias, é questionado se ela considera que existe tratamento diferente em relação à aparência e ao trabalho de mulheres e homens no telejornalismo. Cláudia diz que existe muita diferença, porque o machismo está enraizado e, por isso, homens só confiam em homens. Ela observava que as entradas ao vivo geralmente eram feitas apenas pelos homens e durante 12 anos apresentou o telejornal gravado, porque o seu parceiro de bancada não gostava de entrar ao vivo.

Quando foi falado para ele que tinha que entrar ao vivo ele falou que não ia entrar, foi demitido. Aí foi perguntado para mim: “Cláudia, você quer?”, “É o que eu mais quero na vida, eu já venho fazendo todo o sábado ao vivo, eu quero mostrar o meu trabalho, eu quero poder estar ali conversando com as pessoas, eu quero levar a informação ao vivo, trocar essa energia”. **Mas durante 12 anos eu não pude. Por quê? Porque o homem, tão forte, não tinha coragem de entrar ao vivo.**

Ainda nessa temática, ela ressalta que não sabia impor a sua opinião de forma tão direta e, também, não sabia dizer não para determinadas coisas, e acredita que isso se deu por ser mulher dentro desse ambiente.

Eu não sabia [dizer não]. **Eu gravava o jornal de madrugada, na época em que eu ia para a faculdade, fazia faculdade, chegava às 3 horas da manhã em casa, às 6 horas eu estava acordada para ir para a faculdade, voltava pra casa, ia para a academia, porque tinha que estar bonita, né, tinha que estar magra, depois vinha para casa de novo, descansava um pouco, estudava tudo que estava acontecendo no Brasil e no mundo para chegar lá sabendo das coisas. Porque se eu fizesse algo errado, é porque eu era mulher.** Agora se o homem faz alguma coisa de errado, não, é porque passou, passou batido.

⁶⁶ Condição psicológica caracterizada pela ocorrência repentina e inesperada de crises de ansiedade aguda, marcadas por muito medo e desespero, associadas a sintomas físicos e emocionais. Durante o ataque de pânico, em geral de curta duração, a pessoa experimenta a nítida sensação de que vai morrer, ou de que perdeu o controle sobre si mesma e vai enlouquecer.

Refletindo, ela questiona “até quando a gente vai deixar isso acontecer?”. Para Cláudia, isso só vai mudar quando as mulheres tomarem à frente do mundo e deixarem as raízes machistas. “A imagem da jornalista perfeita, ela vai ser passada a partir do momento que nós nos aceitarmos do jeito que nós somos. Essa é a perfeição. E isso já começou, esse movimento já começou”, afirma.

Ela ressalta que nos últimos 5 anos, foi possível observar em algumas emissoras a mudança de paradigma, as telejornalistas apresentando com roupas diferentes e não só de blazer. “Se você soubesse o quanto de roupa eu doei nesses últimos 3 anos, depois que eu saí do telejornalismo, **eu não tinha uma roupa para sair. Eu só tinha roupa para trabalhar. Só que eu me vestia como jornalista 24 horas por dia. Aquela jornalista presa dentro de uma caixinha**”, ressalta.

Nesse momento, é questionado se ela lembra de algum momento em que a emissora exigiu alguma questão relativa a figurino e aparência física. Cláudia diz que sim, e relembra que logo no início, no telejornal em que começou, era uma exigência diferente da tradicional, tendo em vista que ela e sua parceira de trabalho apresentavam as notícias de saia, mostrando muito do corpo:

E tinha essa exigência, porque era contado os dedos do nosso joelho para cima à medida que tinha que ter a saia. Teve um dia que eu usei uma saia que tinha um tecido que esticava. Então, foi feita a bainha, e com o peso, conforme o dia foi passando, a saia foi cedendo. O próprio dono da emissora ligou para a nossa editora chefe e falou assim: “a Cláudia está com algum problema?” “Por que?” “Posso falar com ela?” Daí me chamaram, eu fui e atendi, era o dono da emissora falando assim: **“Cláudia, seu namorado tem ciúme ou seu pai não gosta que você use saia mais curta?”**, e eu disse assim: **“Não, não tem problema nenhum, eu acho que a saia deve ter alongado por causa do tecido”**. **“Ah, então a culpa é da camareira?”**, eu disse **“Não, não estou colocando a culpa em ninguém”**. **“Ah, então você pode pedir para a camareira trocar a sua saia?”**. Então para você ver a que nível chegava, o nível de mostrar os braços, que até então nenhuma jornalista mostrava os braços, de mostrar a gente com as pernas cruzadas, virando de uma câmera para a outra, então, assim, a gente passou muitas situações, **só que não tinha como você dizer não. Duas jovens, início de carreira, o que que você vai dizer se é o dono da emissora te ligando ali no dia a dia e pedindo para fazer? “Ó, você vai cortar o seu cabelo assim. Eu quero assim, desse jeito e desse jeito”. É como se fosse uma novela, com roteiro.** Entendeu? E isso fica na sua mente.

A jornalista afirma que esse tipo de exigência vai se tornando parte do dia a dia e, quando se passam tantos anos no mesmo ambiente de trabalho, é difícil desvincular o que é gosto pessoal e o que foi adquirido com as necessidades do mercado de trabalho. Nesse momento, ela conta que quando foi convidada para esta entrevista, já escolheu uma roupa social para o horário marcado, mesmo sabendo que a imagem dela não apareceria no estudo.

Porque ainda está no meu subconsciente de que eu preciso ter um comportamento mais sisudo quando eu vou dar uma entrevista. Mas por quê? **Porque foi exigido muito. Eram 24h por dia.** daí quando você saia um pouquinho da linha vinha alguém e te puxava "não, você tem que usar isso" "mas está muito apertado", "mas tem que usar" "mas daí a voz não sai direito" "mas tem que usar". **Daí você para de usar brincos espalhafatosos, colares espalhafatosos, daí hoje você olha dentro da sua necessaire de brinco, só tem brinco pequenininho. Porque você não pode mostrar a sua verdadeira identidade. [...]** E eu tinha um excesso de cobrança minha comigo mesma, **porque antes do outro me cobrar eu me cobrava.** Então antes de alguém chegar e falar: "ó, isso não pode", eu já me cobrava, **eu já saía de casa com salto alto, a unha tinha que estar perfeita, o brinco perfeito, a blusa perfeita, o blazer perfeito, sapato... tudo perfeito. tinha que estar perfeito. Para que? Para ninguém cobrar.** Então pensa uma pessoa viver isso durante 16, 17, 18, 19 anos, não podendo respirar. Foi bom? Foi bom, eu não posso reclamar. Mas eu estou só mostrando o que eu vivi. E não estou me queixando de nada. Mas eu acho que é necessário falar isso. Por quê? **Para jornalistas que estão vindo hoje não deixarem de ser quem elas são. Hoje autenticidade é o mais importante.**

Ela traz como exemplo a jornalista Fátima Bernardes, imaginando que ela também tenha passado por um processo difícil de se permitir ter outra forma de agir quando saiu do telejornalismo formal – Jornal Nacional – para o programa atual, Encontro com Fátima Bernardes. Cláudia diz que pensa que o processo de Fátima tenha sido ainda mais difícil, tendo em vista que ela seguiu em frente às câmeras.

Eu ainda não sei se eu estou pronta para voltar. Não sei se eu quero. Porque eu estou encontrando vida fora, e que eu não preciso passar por aquilo. Ah, ganho menos? Ganho. Consigo hoje viver com menos? Consigo, e mais feliz. Porque daí você acorda todos os dias querendo algo novo, não entrar dentro de uma caixinha. Você quer saber o que a vida tem de novo para te mostrar e antes você não conseguia enxergar porque você estava assim (*faz sinal com as mãos tapando as laterais do rosto*). Então eu acho que não é por acaso que a gente está falando sobre isso hoje. **Talvez se você fosse fazer essa entrevista comigo há 3 anos eu não saberia nem o que responder.**

A partir do que foi abordado por Cláudia, a pesquisadora trouxe o tema efeitos psicológicos das exigências do telejornalismo para as mulheres que trabalham na área. Cláudia diz que essas marcas psicológicas não ficam apenas com as mulheres, mas também com outros grupos, como os homossexuais: “Imagina eles em um universo machista. Pensa isso. Eu ouvi cada coisa que é de assustar, sabe?”

Ela observa que não apenas ela se sentia moldada ao ambiente, como sentia a necessidade de moldar as pessoas que conviviam com ela para esse padrão. Começou a analisar que não permitia mais que seus pais falassem palavrão, que não deixava eles exporem suas dores, e percebeu como fez mal para a sua família: “porque a gente tinha que seguir um padrão de perfeição. E o quanto eles deixaram de ser eles porque eu estava lá. Porque o meu irmão ‘você é irmão da Cláudia?’.

Então o quanto ele também teve que deixar de ser ele para entrar nesse padrão.” Ela conta que uma das primeiras coisas que fez quando saiu do telejornalismo foi reunir a sua família e pedir perdão por ter tentado refletir neles essa padronização exigida dela no trabalho.

E eu hoje sou vista, depois de sair da televisão, como a ovelha negra da família. Daí hoje o meu irmão me pergunta "mas, mana, **não vem nenhum convite para você voltar para a TV?**". **Eu prefiro dizer que não. Vem, mas eu prefiro dizer que não, porque eu não quero mais voltar para aquilo.** E eu sei que se eu voltar, com a mente que eu tenho hoje, com o conhecimento que eu tenho hoje, eles não vão entender.

A partir dessa citação do irmão de Cláudia, questionamos sobre a visão que as pessoas externas ao campo têm sobre o glamour e a grandeza que é trabalhar na televisão, que entendem que é uma oportunidade que não pode ser deixada de lado. Cláudia diz que ela começou há alguns anos a observar esse passado e apenas agora consegue ressignificar essas lembranças, entendendo que a TV não é mais o seu lugar. Hoje ela compreende que a Cláudia que entrou na televisão fez o que estava ao alcance dela naquele momento, com o entendimento que tinha naquele momento. Afirma que faria tudo de novo, mas que hoje escolhe não voltar para as telas porque percebe que novas oportunidades de trabalho no jornalismo surgiram.

Nesses últimos 5 anos se abriu um leque de possibilidades, e aí com a pandemia, mais ainda, em que a gente pode olhar para dentro realmente, eu já vinha nesse processo, então eu vi assim: **não tem perfeição, tem você seguir as regras do jogo, e nada mais é do que um jogo. E, no final, eu vou usar uma velha frase, né: que reis e peões voltam para o mesmo cesto.** Então, é você estar ali, você fazer o que é necessário naquele momento para você aprender, evoluir.

Cláudia afirma que ela busca sempre se atentar nas suas ações, para não voltar aos velhos hábitos. No dia da entrevista, conta que tinha uma reunião e estava calor, e a primeira roupa que pegou foi uma calça social e uma blusa social. Refletiu: deveria ir de terno, nesse calor? Escolheu ir de short. “Ninguém ficou olhando para as minhas pernas. Porque eu estava mais presente, mostrando a minha força, o meu entendimento, o meu discernimento na reunião, ninguém nem teve tempo de olhar para isso”, destaca. Ela diz que acredita que existe um auto boicote, um achismo de que existem algumas regras e que, em determinados locais, não é necessário pensar nisso.

A gente pode ser quem a gente realmente é. Se a gente tem um pouquinho de peso a mais, tem espinha no rosto, se a gente não tem mais o colágeno

que a gente tinha antes... Que a gente seja livre, que a gente possa realmente ser quem a gente é. A gente vai bater de frente? Vai, vai bater de frente, mas é só assim que a gente faz a mudança. Talvez precisou que outras mulheres viessem antes, fizessem um pouco de mudança, que nós viéssemos depois, e agora vocês venham e continuem essa mudança. Não retrocedam. Porque se não a gente sempre vai dar um passo a mais, e a outra vai retroceder. **Então, segura uma na mão da outra e vamos, e vamos em frente.**

Compreendendo que todas as questões tinham sido trabalhadas, em maior ou menor grau, encerramos a entrevista – que foi feita na sexta-feira que antecedia o feriado de Carnaval. Quando foi desejado um “bom feriado”, Cláudia corrigiu, em tom de brincadeira: “vou estar trabalhando, jornalista sempre segue trabalhando, acho que você sabe disso. Seja bem-vinda ao grupo”.

5.2.2 Joana

Joana foi a segunda entrevistada. O contato com ela foi feito diretamente pelo WhatsApp, com o número compartilhado por uma colega de trabalho. Marcamos a entrevista para o dia 1º de março, terça-feira de Carnaval, às 14 horas, via Zoom. Porém, perto das 13 horas, Joana solicita que a entrevista fosse adiada para às 15 horas.

Iniciamos, como as demais entrevistas, com a contextualização sobre o TCLE e a descrição da aparência. Joana se definiu como uma mulher negra – não retinta, de pele um pouco mais clara –, com cabelo crespo castanho escuro e curto; possui olhos castanhos, 1,73 metros de altura e 41 anos.

Joana foi perguntada sobre a sua formação. Ela é formada em jornalismo desde 2011, precisou fazer a graduação em sete anos, três anos a mais do que os tradicionais quatro que o curso exige, porque estudava em uma universidade particular. Já no segundo semestre de faculdade, ingressou em um estágio remunerado da TV da universidade, recebendo uma bolsa que não era o suficiente para cursar mais cadeiras. Porém, conta: “teve uma hora que eu não aguentava mais e em um ano eu fiz 10 [disciplinas] assim, me formei, daí já era.”

Quando questionada sobre os seus cargos dentro da televisão, Joana conta que a sua relação com a TV se deu pelo ambiente em que convivia, da cultura urbana, hip-hop e skate, então antes mesmo de ingressar na graduação em jornalismo, trabalhou como freelancer durante cerca de seis meses fazendo matérias

de skate para uma emissora de TV aberta. Nessa época, Joana estudava educação física, e esse trabalho foi o que a fez decidir mudar de carreira.

No segundo semestre ela ingressou no estágio da TV da universidade e seguiu neste posto durante toda a sua graduação. Conta que desde que entrou no curso já queria trabalhar na televisão, e o professor que coordenava a televisão da sua faculdade viu ela no corredor e quis colocá-la no vídeo. “Eu fui chamada para fazer o teste de vídeo [...] foi horrível, mas eu entrei, fiz a seleção pro estágio, eu fiz produção no primeiro momento, mas foi muito pouco tempo, eu fazia café, uma coisa bem produção mesmo, estagiária”, conta.

Depois desse período, Joana passou a fazer a apresentação de um programa voltado para o público jovem, em conjunto com um colega, também estudante. “**A gente fazia tudo, produzia, ia para a rua fazer reportagem, então eu fazia produção, reportagem e apresentação**”, destaca. Após essa primeira experiência, ela quis trabalhar na parte de reportagem, mas conta que se saiu muito mal. “O meu professor disse: ‘eu vou te deixar de castigo um tempo na produção pra tu pegar um pique’. Foi a melhor coisa assim, eu fiquei fazendo produção um tempão e adorei, foi muito legal.”

Em seguida, foi chamada para o telejornal da universidade para atuar como apresentadora e editora, e seguiu neste cargo durante todos os anos seguintes de faculdade. “Seis anos fazendo telejornal ao vivo todos os dias ao meio-dia”, conta. Quando formada, fez a seleção para um canal educativo para atuar na mesma área – como apresentadora e editora. “[Era] uma seleção enorme assim, de não sei quantas mil pessoas, mas eu fui, fui, fiz, são três etapas, fui, passei e fiquei. Lá eu fiquei 2 anos e meio, se não me engano”, relembra.

Para este cargo, saiu de seu estado de origem e, quando foi trocar de emprego, não queria retornar: “as emissoras do estado nunca me interessaram muito”, conta. No lugar em que estava, conseguia realizar muitos freelas diferentes – como apresentação, mediação, produção de jingles e outros trabalhos. “Uma das melhores coisas que eu ouvi no estágio: **‘sempre te relaciona com o mercado’**, então eu fiz muito freela aqui, ainda faço, sempre fiz muito freela, **tudo que as emissoras em que eu trabalhei me permitissem, eu fiz**”, destaca.

Depois de algum tempo trabalhando como freelancer, Joana foi trabalhar em um grande programa de informação e entretenimento, como editora de texto. Era um trabalho de seis meses e ia virar um contrato, mas na época um apresentador de

outro programa da emissora decidiu trocar a cidade em que realizaria as gravações e muitos dos trabalhadores desse programa foram realocados para as vagas internas:

Para [a emissora], no processo de seleção, é muito mais prático que eles consigam pegar as pessoas de dentro. Acaba que numa produção, as pessoas se realocam lá dentro. Então, foi bem na época, quando estava acabando o meu contrato, tinha eu e mais uma editora, **a gente estava super bem trabalhando lá, e eles iam ficar com a gente, fizeram mil entrevistas, mil etapas, iam ficar certo com a gente. Só que daí o [apresentador] vazou e tipo assim: “quem quer vem, que não quer, tchau e bença”**. Então, uma galera com família né, não tem como mudar de uma hora para a outra. **A galera que estava na produção do [apresentador] se espalhou por toda a [emissora] e pegaram as nossas vagas**. Eu não consegui ficar, e tudo bem, mas foi uma experiência bem massa, lá eu fiquei só como editora de texto.

Porém, apesar de gostar muito do trabalho, Joana sempre preferiu trabalhar no vídeo. Como a apresentadora e o diretor na época gostavam do seu portfólio, ela sentia que existia uma possibilidade de ela ser chamada para trabalhar com reportagem neste programa. Por conta dessa redistribuição dentro da emissora, não aconteceu.

Joana conta que toda vez que saiu de um trabalho, buscou direcionar cada vez mais o que ela busca como propósito profissional:

Quando eu saí do [canal educativo], eu decidi não fazer mais telejornal. Porque eu já tive a oportunidade de trabalhar em telejornais que eram de TV educativas, né. [...] Então já tinha um outro olhar, né, nunca foi de geral, eu detesto fazer geral, nunca gostei, odiava pauta de geral. Eu fui então aproximando a minha carreira da arte, da cultura... não digo entretenimento, mas da cultura e da arte, que é o que eu gosto como pessoa, né, e também como profissional.

Assim, depois de sair, seguiu trabalhando como freelancer em diversas cidades do Brasil. Foi passar férias na sua cidade natal “e fazendo aquele network de sempre, aí marca um cafezinho com um diretor, com outro e tal, daí várias pessoas me disseram: Joana, está tendo um projeto novo na [emissora] com a Lúcia⁶⁷, que eu acho que é a tua cara”, conta. Conseguiu o telefone e o e-mail de Lúcia com outros diretores, e assim que fez o contato, recebeu a resposta: “[Me falaram sobre ela] assim: ‘Joana, ela só demora muito para responder, mas ela é legal’, e ela me respondeu super-rápido, ‘Joana, quero muito, a gente está justamente procurando alguém do teu perfil’.

⁶⁷ Nome fictício.

Joana fez um programa como convidada, gostaram da sua apresentação, ela novamente foi convidada de outro programa que tinha rotatividade de apresentadores e acabou ficando. “E foi engraçado que eu fui para ficar 15 dias, então, eu tive pouquíssimo tempo para ir para [a cidade em que estava antes] fazer o meu último fim de semana, porque eu era apresentadora, ficava 4 horas ao vivo nesse formato”, conta.

Quando estava em contato com a emissora para fazer o contrato, realizar exames de admissão e todas as questões relativas ao novo trabalho, Joana recebeu um telefonema da emissora anterior para voltar a trabalhar no programa.

Isso já tinha passado um ano que eu tinha saído do [programa]. “Oi, Joana, tudo bem? aqui é fulana, aqui da [emissora], então, a gente está te ligando porque o diretor queria te chamar de novo para trabalhar aqui”. Eu falei “cara, é a mesma função? é aquele contrato temporário?”. **Eles faziam, para não gerar vínculo, a [emissora] tem um setor dentro que é contratos temporários, né, não sei se ainda existe isso, então eram contratos de 6 em 6 meses. Tem gente lá que ficou anos trabalhando assim, trabalha 6, para 6, trabalha 6, para 6...**, mas é bom que pode fazer várias produções, né. Mas, por outro lado, né, você não tem direito. O contrato é bom, carteira assinada e tal, mas, enfim... aí eu perguntei se era o mesmo, ela “É, é o mesmo, o nosso formato”, eu falei “ah, cara...” agradecei. **Aí depois até mandei e-mail para o [diretor], porque lá na [nova emissora] ia ser contratada e ia voltar para o vídeo, que era a minha prioridade de carreira, então foi uma escolha.** E na cidade que eu estava tava difícil, tava muito caro, os freelas tavam parados, tava uma situação bem difícil.

Na nova emissora, Joana acabou ficando pouco tempo, porque o projeto para o qual foi contratada acabou. Porém, o diretor perguntou o que ela pretendia fazer da carreira dela. “Daí ele ‘Ah, Joana, a gente queria muito continuar contigo, **mas agora a gente não tem uma vaga para o teu perfil.** Mas eu queria saber se tu terias o interesse, para a gente manter o contato’.” Seis meses depois, chamaram ela para trabalhar como repórter de cultura e arte no principal jornal da emissora, onde trabalhou durante dois anos e meio. Após esse período, fez mestrado, mudou de cidade e seguiu trabalhando como freelancer.

Não tive ainda vontade de procurar emissora, [...] só um produtor de uma emissora me chamou, mas era para fazer outra coisa. Então, não tive muito interesse assim. Acho que também foi recíproco assim, **não é um lugar mais que eu acho que tem espaço para mim,** não que eu seja melhor que ninguém, mas eu digo, perfil de profissional que eu sou.

Seguindo as perguntas guias, Joana respondeu o questionamento sobre os processos seletivos para o ingresso nas emissoras. Ela conta que os únicos processos de seleção foram para o estágio da Universidade e para a TV Educativa.

“Depois eu nunca mais fiz processo seletivo na vida. Tudo é relacionamento, né”, destaca.

Questionada sobre a saída da última emissora que trabalhou, ela conta que foi demitida, “eu e mais uma galera”, ressalta. Ela conta que a relação da emissora com os funcionários, desde que entrou no primeiro projeto, estava complicada.

Eu não sei se tu já trabalhou em emissora, **mas é muito raro promoção, aumento. Aumento, cara, só se tu sobe de cargo. E é uma coisa que demora, sabe? É muito difícil. Então daí a galera que estava ralando há muitos anos e que tenta propor coisas novas e nem sempre... não é nem ouvida.** Daqui a pouco vem um projeto enorme, com investimento de milhões, e eles não são nem convidados a participar do processo, então ficou um ranço interno assim. Era uma coisa tão desagradável. E aí depois, quando eu fui para a [emissora], eu vi as pessoas falando mal do [projeto], sabe? Não de mim, nem dos colegas em si, mas do projeto, sabe, aí, **foi muito mal administrado essa construção, sabe? Eu acho que é muito um perfil de lidar, de uma empresa muito familiar, né. Branca, de homens brancos velhos, né, e da mesma família, classistas, né... Então, homofóbico, né,** a Lúcia foi muito discriminada por ser uma mulher homossexual e à frente, né, que ganhou carta branca do presidente para trabalhar, e competentíssima. Então foi difícil isso, então, enfim, quando eu cheguei no [projeto] já estava essa crise aí, né. Aí, quando eu saí, antes de eu sair, já começou uma leva de novo, de um monte de demissão. **E a minha função, eu era repórter especial, o meu contrato era um dos contratos bem caros, eu era repórter especial 2, não era um salário ruim, sabe? Meu salário era, eu não lembro, acho que era uns 6 mil reais, bruto, né, líquido vinha uns 5. Então, assim, para um repórter, pô! Repórter ganha mil reais. Então uma vez eu fiz a cagada de comentar uma coisa com uma colega que era repórter de geral há anos, cancheira, está lá ainda, ela ficou tão puta, ela não conseguiu disfarçar quando ela descobriu qual era o meu formato de contrato.** Eu não tiro a razão dela, de certa forma.

Quando saiu, Joana ouviu de uma amiga que era um luxo muito grande, porque era uma profissional muito cara. Ela conta que a saída não foi complicada, e que não enxerga sua demissão como demérito – sente que a demissão fala muito mais da empresa do que dela enquanto profissional.

Eu acho também que o meu perfil de profissional, eu tenho uma relação difícil assim, pra mim é muito, como ativista né, do movimento do feminismo negro, como pesquisadora, é muito difícil pra mim, eu nunca me submeto, **eu acho que [as emissoras] colocam as pessoas negras em um lugar específico que não me cabe, sabe? Que eu não me sujeito assim.** Eu tenho todo o respeito pelos colegas que estão lá, acho os trabalhos todos magníficos, mas é um lugar muito específico, né? E eu não me vejo nesse lugar. Então, eles me chamaram pedindo pra eu falar, pra eu questionar, pra eu... mas quando eu questionava eu era arrogante, eu era grossa, eu era... então... tive situações muito delicadas internamente, sabe, que a chefia se colocava em um lugar neutro e me deixava ser um pouco atingida eventualmente. Não foram coisas gravíssimas, foram coisas miúdas, mas que vão somando assim. Então a gente nunca sabe o real motivo, né, eu acho que foi meio tudo isso assim, sabe? **Não me submeter, eu insistir para que a oferta de conteúdo fosse para além do geral** ali de sertanejo, samba e né... eu queria que a relação com a arte fosse mais aprofundada,

eu acho que eu consegui construir isso. Então eu entendo que foi por isso assim, sabe. Mas tudo bem, **eu acho que não era o perfil que tinha que estar ali e está tudo certo assim.**

Joana continua contando que na sua saída já estava muito cansada, porque fazia de tudo: “podia inclusive ter feito um processo de acúmulo de função”, relata. Apesar de ter uma editora, ela trabalhava sozinha, fazia produção, edição, roteiro, produzia externa, solicitava equipe – e, durante o mestrado, descobriu Transtorno de Déficit de Atenção, o que, segundo ela, tornava todo o processo complexo de trabalho ainda mais exaustivo. “Saí de lá muito doente. Então eu vou te dizer que foi um alívio, de certa forma. Eu queria ter ficado um pouco mais, porque eu tinha me programado para sair depois do mestrado”, conta.

Questionamos se ela considera que aparência é um ponto importante para o trabalho no telejornalismo. Joana acredita que sim. “É uma mídia visual, né, então uma aparência asseada e minimamente ordenada assim. Eu acho é importante”, e segue:

Porque a gente se comunica pela roupa, né, [...] a gente se comunica pelo corpo, né, então a moda, os acessórios, o que a gente veste faz parte do nosso conjunto, então eu acho que [...] interfere no comunicar, até porque se tu estás muito, inadequada não é a palavra, mas se tu estás com uma roupa muito diferente do que está comunicando, né, a pessoa perde o foco da atenção na informação. Não é à toa que o telejornalismo é muito neutro visualmente. Agora a gente vê, né, estou com a Globo News aqui, a **apresentadora está com um óculos mais bacanudo, um brincão, que até pouco tempo era quase inadmissível**, né. Mas acho que isso também se refere a novos tempos, mas ainda assim ainda é um pouco mais neutro, de certa forma. Mas eu acho que sim, eu acho que faz parte sim.

Sobre a diferença em relação a aparência de homens e mulheres, Joana afirma que existe e que pode ser vista em diversos momentos:

Primeiro pela idade, né. **Os homens envelhecem muito bem na TV, as mulheres são descartadas muito rápido a partir do envelhecimento.** E além disso, roupas, né, **os figurinos das mulheres são sempre muito senhoras, a relação de seriedade ainda está muito ligada a idade, né. Pessoas que aparentam ser jovens são sempre tratadas como menos inteligentes ou imaturas, né, jovenzinha assim, imatura.** Então as meninas que são muito jovens ficam com o rosto muito envelhecido e é muito hipócrita, porque as mulheres que realmente são mais velhas são descartadas porque são velhas, então, qual é a lógica, né?

Ela traz o relato de algumas colegas da antiga emissora, em que observava que as mulheres jovens utilizavam sempre figurinos que remetem a mulheres mais velhas. E conta que os profissionais que trabalhavam no figurino da empresa que atuava, por ser afiliada de uma emissora, participavam de convenções em que

certos padrões eram reforçados. “E era muito desagradável, porque eles usavam a [apresentadora] como um exemplo do que não vestir, eu achei aquilo machista, misógino, sabe? Péssimo. Da coisa da cor, dos acessórios, do dourado. Ela adora um dourado, deixa ela, sabe, não atrapalha em nada, ela já tem o amor do povo.” E continua: “é deselegante falar disso de uma colega, de uma mulher, uma profissional, qualquer profissional, né, então... não vi ninguém falar isso do [apresentador], por exemplo”, ressalta.

Sobre a pergunta que questiona a existência de um corpo adequado para o telejornalismo, Joana diz que sempre percebeu a existência de gordofobia no ambiente – porém, relata que, particularmente, sempre se sentiu “blindada” nesse sentido. Na época da TV universitária, conta que recebia dicas, construía figurino em conjunto, mas que ninguém dizia nada sobre a necessidade de emagrecer. E quando foi para a última emissora em que trabalhou, já chegou blindada: “ó, a Joana veio fazer matéria de cultura e arte, ela é ativista do feminismo, ela vai trazer pautas também...’, então assim, as pessoas já meio que, né...”.

Ela conta que, antes dela, existia um repórter que cobria as pautas de cultura e arte, também negro, e tinha uma relação de acreditar que ela estaria substituindo ele. “Então a chefe foi na redação e fez toda uma fala antes de eu chegar pra dizer ‘a Joana não está substituindo o Márcio⁶⁸’, e mesmo assim as pessoas ainda achavam que eu estava. Até hoje as pessoas acham, inclusive”, destaca.

Joana diz que se sentia muito independente dentro da emissora, e que isso lhe garantia um determinado respeito em relação ao seu figurino e ao seu corpo

Então, as pessoas não tinham a audácia, o desrespeito, de me dizer o que eu tinha que vestir, o que eu tinha que usar, o corpo que eu tinha que ter, entendeu. Porque eu era uma pessoa muito independente ali dentro. Mas eu via comentários entre os colegas de coisas que elas já tinham ouvido um tempo atrás, das meninas da geral, então sempre tem, né, eu nunca passei por isso diretamente. Uma vez só no canal educativo que uma figurinista implicou muito comigo, que era impossível achar roupa do meu tamanho, e eu nem era gorda, eu sempre fui alta, né, eu tenho as costas largas, eu sou uma mulher grande, mas eu não sou uma mulher gorda, sabe? Mas ela estava acostumada a vestir uma colega que estava lá, que era um vara pau, assim, que era apresentadora antes de mim. E o meu editor teve que ir lá se meter e dizer “olha só, a gente contratou a Joana pela profissional que ela é, do jeito que ela é, ela vai vestir o que ela quiser”. A mulher se demitiu... trabalhava há anos com o canal, se demitiu. Claro, eu acho que ela também era meio racista, sabe. Daí veio uma figurinista negra, uma mulher jovem, e foi ótimo, ela trouxe uns figurinos lindos, o maquiador era maravilhoso, ah, como eu tenho saudade

⁶⁸ Nome fictício.

do maquiador desse canal, é o melhor maquiador que eu já tive em TV. [...] Me ensinou muito, da minha pele.

Joana sente, então, que ela teve muita sorte de construir uma carreira na qual sempre conseguiu expressar seus gostos e sua personalidade. “E eu não fiz geral, né, no geral [...] o profissional vira meio tipo... tá, traz a informação aí e vai para a próxima. Não dá tempo de colocar a sua personalidade ali. Alguns só que conseguem, então... comigo foi assim pelo menos”, conta.

Porém, ela afirma que precisou insistir no seu perfil estético e nas suas escolhas de figurino.

Bater pé, de não vou usar. Assim, mesmo que não tenham me pedido, vinham com argumentos de que ‘não sei onde comprar, não sei...’ então, o figurino [da última emissora] teve de novo essa situação, sabe. E também teve uma coisa muito racista, assim, que na mesma época que eu estava lá, chegou o César e o Leandro⁶⁹, que são amigos da antiga, né, do movimento hip hop dos anos 90, a gente se conhece há muitos anos, são pessoas ótimas, competentes nas suas áreas. E aí eu recebi umas roupas da LAB, da Laboratório Fantasma⁷⁰, né, por ter proximidade com o Emicida, com o Fióti, que são amigos nossos aqui, meu e do meu namorado, **e elas simplesmente pegaram as minhas roupas e distribuíram para eles também, porque achavam que podiam... ‘Ah, é o mesmo estilo’... Eu falei ‘olha, nós não somos uma pessoa só, vocês tinham que ter me pedido, seria tranquilo, mas...’**. Aí criou todo um clima entre eu e eles, sabe? É uma coisa desnecessária que foi bem racista e também entendi aquilo como um repúdio de que eu tive que fazer elas trabalharem a mais. Então ficou muito desagradável isso. A minha relação com o figurino da emissora foi muito difícil. E achei que foi muito classista, foi muito racista, então... muito gordofóbico, sabe? Então... porque eu não uso nada justo, umas roupas coladas, eu não uso. No canal educativo foi assim, **eu tive apoio do meu chefe, então eu sei que não é a realidade da maioria das jornalistas, né, das repórteres.**

Quando questionada sobre o formato do telejornalismo, Joana afirma que acha “chato”. Que, por isso, nunca quis trabalhar em telejornal e nunca quis trabalhar com reportagens de geral. “Na [última emissora] eu brigava muito porque eu tinha que fazer plantões de domingo, achava um saco aquilo, e achei um absurdo, ‘cara, eu não fui contratada para isso, vocês sabem’”, conta. Relata que não cumpria com os plantões, porque não lembrava que tinha que fazer. Quando surgiu o primeiro plantão de domingo, ela questionou se poderia criar, sugerir pautas próprias, o que foi negado. “Fui lá, uma das poucas vezes que eu fui, voltou a nota coberta, porque eu não vou ficar insistindo pra um cara me dar entrevista, um cara lá com uma situação precária, não sei o que, uma treta, não vou... não vou, cara”. E

⁶⁹ Nomes fictícios. Repórteres negros que cobrem pautas de cultura e arte.

⁷⁰ Linha de roupas do rapper brasileiro Emicida.

continua: “quer me demitir, me demite, não fui contratada para fazer isso. **Se vocês têm esse esquema de plantão furado, explorando todo mundo, não é culpa minha.** Bom, me odiaram para o resto da vida, né”, conta.

Joana ainda ressalta que gosta da redação, mas não gosta do ambiente de redação, de telejornal diário, porque é muito cansativo. Ela percebe que o formato não muda: “**acho racista, acho ainda misógino, né, acho classista, as repórteres se colocando em um lugar muito de superioridade.**” Mas vê possibilidade de mudanças, com ressalvas: “acho que tem uma geração nova muito boa, [...] acho que é uma geração interessante, tem umas matérias com cara de especial, mas eu acho tudo meio igual ainda. Eu acho que o que mudou foi uma coisa de texto e uma coisa de, obviamente, tecnologia, né, que tem coberturas incríveis”.

Ainda sobre o formato do telejornalismo, diz que considera ele chato para trabalhar. No geral, pensa que é um tipo de jornalismo competente, mas que existem questões muito complicadas que devem ser levadas em consideração:

A gente tem umas questões políticas muito complexas no Brasil, né, é difícil a gente assistir... É uma pequena parte da população que consegue discernir os posicionamentos políticos da informação. Não tem emissora neutra, né, então eu acho que isso é uma pena, um povo que não tem oportunidade de estudo para questionar o posicionamento político das emissoras. Porque daí é uma escolha tua, e ao mesmo tempo também tu tens a oportunidade de receber a informação e discernir o que tu quiser, só que a nossa população não tem isso, né. Nos EUA já tem ali, tanto que as emissoras se posicionam politicamente, né, não é essa coisa disfarçadinha que a gente tem aqui. Isso eu acho uma pena, né. Mas, enfim, é o jornalismo brasileiro.

5.2.3 Bruna

Bruna, a terceira entrevistada, é a mais jovem – tem 27 anos. Além disso, é a que está a menos tempo trabalhando na TV aberta. O contato foi feito via mensagem direta no Instagram, que foi prontamente respondida. Marcamos a entrevista na quinta-feira, 31 de março, às 20 horas. Segundo ela, este seria o melhor horário, pois se precisasse entrar ao vivo no último telejornal da emissora seria no máximo até as 19 horas.

Após a contextualização do estudo e as informações sobre o TCLE, iniciamos com as perguntas guias. Ao definir sua aparência, Bruna citou que possui cabelo médio, castanho e liso, que possui um estereótipo de corpo magro, considerado padrão, possui olhos claros e pele branca. Sobre a sua formação, conta que está

formada na faculdade há dois anos, mas que trabalha na televisão há quatro: “Comecei como repórter estagiária e depois passei pro cargo de jornalista, fui apresentadora e repórter [em uma emissora de TV fechada] e hoje eu sou repórter [em uma emissora de TV aberta]. Videorepórter, na verdade”.

Quando perguntada sobre o processo seletivo para ingressar nos cargos em que trabalhou, Bruna conta que todos foram seleções. O primeiro, por ser estágio, foi um contrato feito por uma empresa parceira ao local onde trabalhava, então houve uma seleção com entrevistas e com o envolvimento desta empresa que realizava a integração do cargo. Quando foi selecionada para trabalhar como jornalista, não houve uma seleção de fato: “Foi, digamos assim, uma promoção. Eu não era ainda contratada daquela empresa, mas eu trabalhava no mesmo ambiente que aquela empresa atuava. Então, pode-se dizer que foi uma promoção, só que eu fui contratada.”

Já para o cargo em que trabalha atualmente, na afiliada de uma emissora de TV aberta, participou de uma seleção com três entrevistas: com o RH, com o coordenador e com o supervisor geral da região onde trabalha. Questionamos como foi feito o primeiro contato com este novo cargo, se havia sido via currículo ou por indicação. Ela conta:

Eu fui atrás, na verdade, do coordenador da região onde eu trabalho e, enfim, entrei em contato manifestando o meu interesse, e aí, por acaso, naquele momento, havia uma vaga aberta. E eu enviei o meu currículo, enviei portfólio, e aí fui direcionada para essa entrevista com o RH. E depois do RH, eu fui para a entrevista com ele e para a outra, até a seleção final assim.

Seguindo as questões guia, Bruna versa sobre a sua opinião em relação ao telejornalismo atual. Relata que desde que começou a atuar na TV, quando ainda estava na universidade, até o momento, não percebe grandes mudanças. “O que eu vejo de mudanças hoje é o formato de se fazer, hoje a gente trabalha sozinho, enfim, é tudo muito por conta do repórter, que antes não era, tinha uma equipe mais completa”, ressalta. Mas em relação a forma de fazer o jornalismo, de levar o conteúdo até o telespectador, ainda é a mesma que aprendeu na faculdade. E segue contando:

Só o que muda, realmente, **eu acho que é essa sobrecarga que está caindo em cima do jornalista cada vez mais.** Eu acho que isso tende a ser cada vez mais assim, e não se manter dessa forma, **a gente abrangendo cada vez mais cargos que antes eram distintos, que reunia sei lá, 5 profissionais, hoje um só faz.** Então, eu acho que o que eu vejo

de mudança assim, é isso, mas o jeito de fazer jornalismo é aquele que a gente aprendeu na faculdade mesmo.

Quando questionada sobre considerar ou não a aparência como um ponto importante para o trabalho na televisão, Bruna aponta que mudou de visão depois de ingressar em uma emissora maior: anteriormente, considerava que só iria se destacar se tivesse uma aparência mais “padrão”. Porém, hoje pensa diferente: “eu vejo que eu não tenho esse problema de pensar 'ah, mas se hoje eu não estiver com o meu cabelo lavado, solto, escovado, eu não vou passar credibilidade'. Hoje eu não acredito mais nisso, mas quando eu estava na faculdade eu acreditava, eu acho que era muito porque colocavam na nossa cabeça que tinha que ser assim.”

Porém, apesar de ter mudado de opinião, ainda consegue enxergar um padrão existente: “eu acredito muito que existe um padrão, só que eu não sinto isso como uma cobrança, por exemplo, ninguém nunca me falou ‘Bruna, tu precisa aparecer sempre com teu cabelo escovado, penteado’, nunca ninguém me cobrou isso no local onde eu trabalho”, ressalta. Conta que, pela visão que as pessoas têm de fora, esse padrão pode acabar se mantendo, mas ela nunca sentiu essa cobrança específica.

Seguindo na temática de cobranças em relação à aparência, Bruna relata que em relação ao cabelo e à maquiagem não existiu uma cobrança, porém:

Quando a gente começa a trabalhar, **a gente tem uma orientação com uma figurinista** de que não pode usar estampas, por exemplo, isso é uma regra, digamos assim. E aí a gente precisa se adaptar, **a gente recebe um figurino que é mais ou menos padronizado, mas a gente também precisa se organizar com o nosso figurino pessoal, acervo pessoal, para que a gente não utilize roupas que tenham estampas muito chamativas**, enfim. E a questão de maquiagem, **a gente também recebe um kit de maquiagem**, digamos assim, mas não tem nada de ‘ai, tu não pode usar...’, se tu quiser fazer o delineado gatinho, por exemplo, não tem nenhuma orientação que diga que eu não posso fazer tal coisa. Em relação a cabelo também, como eu disse antes, nunca foi me cobrado nada assim de ‘precisa entrar dessa forma, precisa estar maquiada para entrar’, **isso é questão pessoal mesmo, nunca entrei sem maquiagem.**

Seguindo as perguntas guias, Bruna responde sobre o tratamento diferente com relação à aparência de homens e mulheres. Ela diz que acredita que existe sim uma diferença, mas que dentro da sua emissora não sentiu uma cobrança maior por ser mulher: “eu já senti que teve cobrança assim com colega, por exemplo, com questão de barba, que eu, por exemplo, nunca tive com cabelo, digamos”, relata. Nesse momento, buscamos compreender qual era a realidade da emissora em que

trabalhava, na divisão entre homens e mulheres. Bruna trabalha em uma equipe de 10 pessoas, onde três são homens e o restante são mulheres. Essa configuração se dá porque as afiliadas de emissoras maiores possuem subdivisões em regiões específicas de cada estado, além da filial na capital. Bruna trabalha em uma das regiões.

Seguindo o roteiro de perguntas, questionamos sobre a existência de um corpo mais adequado ao telejornalismo. Bruna diz que sente que existe sim, ainda que não tenha recebido orientações de que deveria aparecer de determinada forma em frente às câmeras. E complementa:

Eu sinto que tem, e eu sinto, assim, que **acaba se destacando mais ou crescendo mais rápido aquela pessoa que tem... que digamos assim, no vídeo fique mais... 'agradável', enfim, que esteja mais naquele padrão que a gente já conhece. No vídeo, eu acho que ela tem uma tendência a crescer, a caminhar mais rápido dentro da empresa** na questão do telejornalismo do que uma que, enfim, aparece mais de cabelo preso, tem o cabelo, enfim... [que] não é aquela coisa padronizada que a gente conhece, loira de cabelo liso, ou, enfim, que aparece sempre muito arrumada... porque assim como, eu, particularmente, eu me maquio e é isso, o meu cabelo é o meu cabelo de todos os dias, **mas existem colegas na equipe que fazem escova, fazem cachos todos os dias, e eu vejo que isso acaba chamando mais atenção, e eu acho que acaba, ali, dentro da equipe, parece que dão mais credibilidade para a pessoa assim.**

Porém, Bruna relata que, apesar dessa consideração, ela percebe que existe uma mudança a caminho. Conta que consegue ver, em rede nacional principalmente, estereótipos diferentes do que costumamos ver. “Só que eu acho que, ainda assim, **a grande maioria é o padrão, tanto de mulheres quanto de homens**”, destaca.

Compreendendo que as demais questões já estavam respondidas, buscamos entender mais sobre a observação que Bruna tinha do dia a dia do jornalismo dentro da televisão aberta. Perguntamos sobre como funcionava a escolha das pautas. Bruna conta que todas as pautas são propostas por ela: “o meu trabalho também é fazer essa ronda de pautas e sugerir diariamente para os nossos jornais. Então isso é minha função: **achar as pautas, achar as fontes e levar os assuntos e sugerir, como a gente diz, vender a pauta** para o [jornal do] estado, enfim, para a [emissora nacional].”

Perguntamos quais as características que ela compreendia que eram mais marcantes e necessárias para o trabalho do jornalista. Ela conta que, de forma particular, considerava que uma grande característica era a curiosidade e a

observação. “Eu sempre acho que [o jornalista] vai tentar olhar para as coisas assim pensando em um viés 'hum, mas como eu posso transformar isso em uma pauta?'. E, principalmente, a gente que precisa fazer tudo isso sozinha, que precisa, ó, andar para diariamente ter o que sugerir”, ressalta. Segundo Bruna, essa não é só uma característica, mas é um hábito que acaba se criando, de ter esse tipo de visão. Ela traz um exemplo:

Esses dias eu estava andando na rua aqui [na cidade em que moro e trabalho], e isso era uma coisa que em outra cidade que eu morava também já tinha me chamado atenção, só que aqui eu nunca tinha percebido, mas estava andando na rua e eu demorei, umas 4 ou 5 quadras para achar uma lixeira para largar o saquinho de cocô do meu cachorro, e eu fiquei pensando 'olha, isso é uma pauta. Tá faltando lixeira na rua'. Então **eu acho que esse hábito da gente ter esse olhar crítico** e tentar pensar 'olha, mas isso aqui é uma coisa que talvez a comunidade também pense assim como eu estou pensando, talvez isso também seja um problema para a comunidade'. E aí é onde o jornalista deve interferir. Então **eu acho que isso aí é um jeito de ser jornalista, assim que a gente acaba trazendo do trabalho para a vida da gente.**

Outra questão relativa ao trabalho que Bruna ressaltou algumas vezes durante a conversa foi a sobrecarga (e o acúmulo de funções). Ela conta que ela trabalha geralmente sozinha, o que não é uma problemática apenas pela sobrecarga de trabalho, mas que a preocupa pela diminuição dos postos de trabalho – o que uma equipe de seis pessoas poderia fazer, é feito por apenas uma. “Eu sempre enxerguei a parte negativa dessa forma, que são postos de trabalho que estão caindo, e que o profissional que acaba ficando com toda essa carga ele não é remunerado da maneira como seriam seis profissionais, né”, destaca. Porém, ela também conta que, por ser a sua primeira experiência trabalhando sozinha, achou que teria mais dificuldade. “Tu acaba te acostumando a trabalhar sozinho, e aí quando tu tens ali uma necessidade de trabalhar com outra equipe, aí tu já começa a sentir uma dificuldade. E, claro, é tudo questão de readaptação, né. [...] Não é nada que eu não consiga fazer, tudo eu me adaptei muito bem”, relata.

Por fim, quando questionada sobre a questão de horário de trabalho e plantões, Bruna conta que a carga horária é bem respeitada dentro da empresa em que trabalha: “eu não faço hora extra, porque, enfim, o sindicato não permite que eu faça mais de 2 horas extras, mas isso é uma questão que é bem cobrada assim, que a gente respeite muito o horário, a empresa não gosta que a gente faça, [...] **justamente por conta dessa cobrança do sindicato**”. Ela afirma que, muitas

vezes, quando se está fazendo alguma pauta específica e acaba o horário, ou se deve deixar para finalizar no dia seguinte ou passar para algum colega.

Já sobre os plantões, ela conta que é de rotina para os colegas – no plantão, se cobre o que é factual ou se utiliza o tempo de plantão para produzir algum material da semana que não foi possível finalizar. E segue:

No plantão ou eu estou na redação fazendo ronda, pegando o factual, que raramente assim, nesse tempo que eu estou aqui, raramente eu cubro factual de plantão na rua. É, assim, desde que eu estou aqui nunca aconteceu nada que a gente precisasse sair no plantão, um acidente, por exemplo. Hoje em dia, os acidentes mesmo, a gente raramente vai no local cobrir. Acho que isso acaba ficando mais no centro, sabe, nos grandes centros, tipo [a capital do estado], acredito, mas no interior acaba não acontecendo isso. Se não é essa questão dessa produção mais... que tu precisa sentar, escrever um texto, selecionar imagens, e aí tu acaba aproveitando o plantão para fazer isso, **porque a rotina do dia a dia não te permite porque é corrida.**

Finalizou afirmando que, por essa correria, nem sempre é possível respeitar o horário de almoço, mas que é muito bem orientada pela emissora que os horários sejam cumpridos.

5.2.4 Nathalia

Nathalia foi a última entrevistada. O contato foi feito por mensagem direta no Instagram, que foi respondida rapidamente com o aceite. Marcamos a entrevista para quarta-feira, 20 de abril, às 15 horas. Abrimos a reunião e Nathalia não apareceu. Avisou no dia seguinte, pela manhã, que houve um imprevisto e pediu para remarcar para sexta-feira, 22 de abril, às 14 horas. No dia, ela solicitou que adiantássemos para as 13 horas e 30 minutos.

Como Nathalia era a única desconhecida de todas as entrevistadas, sem ter sido indicada por alguém ou conhecida da pesquisadora, iniciamos a chamada no Zoom com uma apresentação mais extensa, buscando trazer mais conexão tanto com a pesquisa, quanto com a entrevistadora. Após abordar algumas questões relativas ao TCLE, iniciamos a conversa com a primeira pergunta. Nathalia é uma mulher de 35 anos, que se reconhece enquanto negra, segundo ela: “por várias questões, mas sobretudo pela cultura da minha família, pela minha cor da pele, embora também tenha traços indígenas e pessoas da família da minha árvore genealógica também indígenas”. Considera-se baixinha, com 1,55 metro de altura. Sobre a composição corporal, conta que não é nem magra nem gorda.

Quando trouxe a sua composição corporal, Nathalia relatou que recentemente passou por uma gestação, então seu corpo ainda está passando por mudanças.

Meu filho completou dois anos recentemente e nesse período inteiro eu não saí do vídeo, eu trabalhei até o nono mês, sai faltando uma semana e meia para o parto, mas eu pude trabalhar e apresentar do estúdio e também trabalhar na rua durante toda a gestação, no pós [gestação] também, mesmo com todas as transformações, ainda amamentando, enfim. Como você pediu para descrever essa questão do corpo, ainda que eu não tivesse me sentindo totalmente bem, tentando me enxergar e me reconhecer nesse novo corpo após a gestação, eu fui acolhida nesse sentido, pelo menos, e me senti à vontade de permanecer no vídeo enquanto repórter e também apresentadora, mesmo amamentando, mesmo com o corpo um pouco disforme, mas as pessoas foram... eu acredito que acolhedoras comigo.

Sobre a sua formação e cargos de trabalho, Nathalia conta que não é formada em jornalismo e sim em Comunicação Social com ênfase em Rádio e TV. Mesmo tendo a pretensão de estudar jornalismo desde criança, as universidades públicas perto de sua cidade natal não possuíam o curso. No entanto, ressalta que atua no jornalismo há quase 18 anos – isso porque iniciou o trabalho na área quando tinha 17 anos, no segundo semestre da faculdade. Nesse início, Nathalia trabalhou com campanha política, primeiramente com a produção de material para televisão. Essa campanha foi feita com um canal a cabo contratado, onde a entrevistada permaneceu trabalhando durante alguns anos.

Comecei fazendo tráfego de material mesmo, cadastrando matérias que entravam, disponibilizando o material para equipe. Depois fui para a produção de jornalismo. Depois fui para edição, depois fui para reportagem, depois fui para apresentação. **Era uma emissora muito pequena, então, por isso, me permitiu em curto espaço de tempo desenvolver várias funções**, até porque eles tinham necessidade de demanda.

Após essa experiência, foi contratada para a empresa onde está atualmente, vinculada a uma grande emissora de televisão aberta. Iniciou também como estagiária na reportagem, onde permaneceu quando foi efetivada. Realizava matérias em diversos municípios de uma determinada região do seu estado. “Em todos os lugares, eu atuei como repórter para poder fazer reportagens do cotidiano diariamente para os telejornais, também para poder fazer link ao vivo e, paralelo a isso, também apresentava em folgas e férias dos meus colegas”, ressalta. Apesar de não ser titular de nenhum jornal, Nathalia apresenta muitas vezes aos finais de semana e em plantões. Além disso, faz transmissões de jogos de futebol, que conta que é a sua verdadeira paixão. “Eu espero trabalhar só com esporte um dia, que é

um campo extremamente difícil, ainda limitado, fechado, [...] é um meio ainda muito masculino”, destaca.

Questionada sobre os processos seletivos para o ingresso nas emissoras em que trabalhou, Nathalia conta que tem um tio que foi repórter de TV, que é a sua grande referência e também foi uma ponte quando ela ingressou na universidade. Por conta dessa referência, ela sempre teve vontade de estar em frente às câmeras, e buscou oportunidades nessa área. Sobre o seu início, ela relata:

As pessoas com quem eu tive contato primeiro me diziam que eu era nova demais que tinha que amadurecer um pouco mais. Porque antes o jornalismo era mais sisudo, né? Era mais limitado, era mais quadrado. **Então você tinha que parecer mais velha para você ter mais credibilidade, né?** Eu lembro que na época da faculdade eu tinha um cabelo curto cacheado, e desde então as pessoas me diziam... não me diziam que não era o padrão, mas **professores, técnicos, cinegrafistas me sugeriram mudar, me sugeriram escovar para que o cabelo ficasse mais num padrão mais sério, mais naquele perfil daquelas outras pessoas que já trabalhavam com televisão.** Então de lá para cá, eu comecei a escovar o cabelo por isso, para parecer mais madura, não era que me diziam que era feio, eu nunca tive isso assim, diretamente ninguém nunca falou, mas me falavam que minha imagem tinha que passar credibilidade para parecer mais velha, porque eu tinha só 17 anos quando eu comecei, **era melhor que eu tentasse trabalhar essa imagem desde o cabelo, mas também com relação à roupa, à maquiagem. Enfim, então todo um padrão que o telejornalismo tinha antes e que eu tentei me enquadrar para poder trabalhar com isso porque eu sempre gostei muito.**

Diretamente sobre as seleções, conta que na época era necessário enviar um material gravado (em uma fita) para que pudessem analisar se o repórter ficava bem ou não em frente às câmeras. Ela relata que foi tranquilo, não sentiu nenhuma cobrança específica em relação às seleções, e que a única coisa exigida (e que é até hoje) foi um acompanhamento com fonoaudióloga, para trabalhar as questões vocais e de dicção.

Apesar de reconhecer que não teve nenhuma determinação direta nesse início, Nathalia relata que algo que os repórteres do seu estado (que fica na região Nordeste do Brasil) percebem é a presença de chefias do sul do país. “São pessoas que culturalmente têm outras influências, por isso alguns criticavam o tamanho de cabelo, algumas coisas assim”, conta.

Ainda abordando sobre processo de seleção, Nathalia narrou uma história recente, em que concorreu a uma vaga de apresentadora do jornal esportivo da sua emissora. Para essa vaga, concorreram várias mulheres, e a empresa deixou claro que priorizariam pessoas “da casa”. Ela conta:

Eu sabia que eu tinha experiência suficiente e qualidade também suficiente para poder ocupar o cargo, porém eu não sei se eu não estava no padrão que eles queriam. **A pessoa que passou na seleção tinha um outro padrão, era uma mulher branca, magra, parecendo o padrão de modelo. Mesmo tendo um terço do tempo de casa que eu, mesmo tendo muito menos experiência na área de esporte** – porque eu já cobri os campeonatos daqui, outras modalidades esportivas, tive a grande felicidade de trabalhar diretamente na Copa do Mundo por 41 dias [...]. Mesmo com toda minha influência do esporte, por já fazer transmissão, para minha surpresa, quem passou para poder se tornar apresentadora foi essa outra pessoa, que aparentemente até os colegas estranharam, porque era uma pessoa com menos tempo de casa, com menos experiência que eu. Na época, a justificativa que eu recebi do meu próprio chefe foi que **eles tinham contratado uma empresa de assessoria e que essa empresa tinha feito uma pesquisa de mercado e que na pesquisa de mercado indicava que a pessoa que era mais indicada para poder assumir aquela vaga e apresentar o esporte era ela**. Foi isso que eu recebi de resposta, e eu fiquei muito muito muito chateada.

Seguindo o roteiro de perguntas, e tendo em vista que ela havia comentado sobre o jornalismo, quando ela iniciou, ser mais “sisudo”, questionamos sobre a percepção em relação ao formato do telejornalismo atual e possíveis mudanças que ela tenha percebido. Nathalia afirma que existe uma mudança significativa, e que ela foi pautada pela era digital. De acordo com ela, essa diferença em relação a antigamente está tanto na forma de fazer o jornalismo quanto na estrutura, nos padrões e nas exigências feitas aos jornalistas. Ela relata que, pela facilidade de acesso a determinadas tecnologias, alguns protocolos mudaram também, como a possibilidade de pessoas do interior fazerem matérias para os jornais de exibição nacional, além da mudança na linguagem dos telejornais em si, que buscaram se aproximar mais da população: “a gente foi entendendo que o nosso público era diverso e era composto por pessoas que, em sua maioria, eram de uma classe social da qual a gente não falava a mesma linguagem. [...] Hoje a gente passa ainda por um processo de reorganização, da troca de informações dentre colegas, do jeito que a gente se comporta na redação, como também na rua, como também o material que vai.”

Nesse momento, Nathalia quis pontuar uma questão que incomodava muito no formato do telejornalismo, principalmente quando ela trabalhava no interior do seu estado: não existiam repórteres negras nem em sua emissora, nem nas demais da cidade. Nathalia conta que seu espanto se dá muito porque o seu estado tem uma população de maioria negra, e isso não era visto na televisão. Ela relata que até hoje não existem repórteres ou apresentadoras negras em nenhuma das emissoras da região e que chegou a ter mais colegas proveniente de outros estados

– do sudeste e sul do país – do que do próprio local em que trabalhava, mesmo que a cidade tivesse profissionais qualificados.

Eu tive isso, pessoas de fora, então o apresentador do jornal no interior do [estado] era um homem branco de olhos azuis. Não que aqui a gente não tenha pessoas brancas de olhos azuis, mas não é a maioria. Mas a gente poderia ter o branco de olhos azuis, mas a gente poderia também ter um negro, e a gente não tinha, entendeu? Isso foi realmente um processo de construção, porque já chegou a ter vezes de eu chegar **num lugar enquanto repórter e de me perguntarem ‘Cadê a repórter?’**, entendeu, de não me reconhecerem enquanto repórter **porque eu não parecia repórter para aquelas pessoas**, sabe como é que é? Então isso já aconteceu comigo algumas vezes.

A entrevistada diz que percebe que existe uma mudança de mentalidade nesse sentido. Acredita que hoje existe uma preocupação muito grande, pelo longo tempo que passou sem nenhuma ou com pouca representatividade: na sua emissora ela vê que estão buscando a contratação específica de pessoas negras. Sobre esse assunto, ela ainda relata que na sua emissora existe um programa que ocorre duas vezes por ano, que é apresentado, produzido e editado apenas por pessoas negras. Entretanto, ela nunca foi convidada a participar. “Eu acho que eu não tô no [programa] por uma questão óbvia, eu faço escova no meu cabelo. Eu ouvi de uma colega que tava fazendo a parte de cenografia e tal: ‘você quer participar? Massa, mas com esse cabelo?’”, destaca. Ela conta que ela faz escova no cabelo porque se identifica dessa forma, considera mais prático e, por começar o trabalho às 4 horas da manhã todos os dias, ela precisa de praticidade nesse sentido. Ela ressalta: “se antes, no início da minha trajetória, eu tive que escovar para poder parecer mais madura, para poder estar dentro de um padrão, usar ele mais curto, usar ele daquele jeito, como as outras mulheres que já estavam na televisão tinham, hoje é o contrário. É ótimo que eu seja negra, que eu seja mulher, porque é uma busca desse perfil, porém eu preciso ter meu cabelo cacheado.”

Nathalia conta que, neste momento, prefere não abordar esse assunto com seus colegas, afinal, ainda existe a necessidade de debater questões mais básicas em relação ao racismo. “Talvez quando a gente já tiver resolvido algumas questões básicas em relação a racismo, eu possa falar sobre colorismo e eu possa falar sobre essas outras questões, sabe?”, destaca.

Na sequência, abordamos a importância da aparência no trabalho da telejornalista. Nathalia afirma que, sem sombra de dúvidas, a aparência é importante, principalmente tendo em vista que o jornalista está diariamente na vida

das pessoas. Dessa forma, ter um determinado tipo de rosto e corpo, para ela, traz também uma noção de representatividade, de papel social dentro da televisão.

É na prática, na busca todos os dias de tentar fazer o nosso papel da melhor forma, mas também entendendo **que a gente tá ali, e tá comunicando que várias outras pessoas também podem [estar]**. Parece pequeno, mas **eu não vivi isso quando eu era criança**, apesar de ter meu tio trabalhando como repórter, **eu não tinha um referencial, né? Eu não tinha uma mulher negra, por exemplo, na televisão**, como hoje existem várias, para poder falar: olha a apresentadora na bancada do Jornal Nacional negra. Não tinha, né? E durante um tempo não tinha espaço para isso.

A entrevistada destaca que, junto com toda a mudança que a era digital trouxe, também veio a possibilidade de dar espaço e abrir portas para pessoas diferentes. Ela conta que, atualmente, consegue fazer reportagens para todos os jornais de exibição nacional da sua emissora. Essa mudança foi importante, entre tantos motivos, porque antes era necessário estar “no lugar certo, na hora certa” – as reportagens de jornais de rede eram feitas majoritariamente por repórteres da capital, que se deslocavam até o interior. “Hoje em dia, já há uma aposta, já há uma movimentação para dar outras oportunidades, e não precisa cair um avião e tu tá naquela hora para que seja você a fazer, entendeu? [...] A primeira vez que eu entrei no [jornal de exibição nacional], foi quando um ônibus caiu matando sete pessoas e nenhum outro repórter ia conseguir chegar a tempo lá”, conta. Hoje em dia, ela percebe que existe uma liberdade e aceitação maior em propor e fazer as suas próprias reportagens.

Trazendo a questão entre a diferença no tratamento de homens e mulheres no telejornalismo, Nathalia afirma que essa distinção é visível em diversos momentos, como, por exemplo, na recente abolição do uso de gravatas nos telejornais. A entrevistada afirma que as mulheres usam trajes mais leves, cotidianos, e os homens ainda estão presos em ternos e camisas. Ela traz uma possível explicação:

Ele precisa ser essa figura afirmativa, né? Não sei, eu acho que precisa desse referencial ainda, sabe, de que ele é sério, ele é para **passar aquela credibilidade**. Enfim, eu acho que o homem ainda existe para isso no telejornalismo, às vezes é um programa, um jornal que poderia ser apresentado por uma mulher, mas tem a figura do homem ali também sempre ao lado, dificilmente você vê uma mulher apresentar sozinha. Tem sempre a figura masculina. É muito difícil você ter só uma mulher, normalmente tem a mulher com um homem do lado. Aqui no [estado], felizmente nós temos pares nos jornais da manhã e do meio-dia. À noite é um homem. Eu apresento todos os três, mas volta e meia eu apresento da noite, eu tiro férias do da noite, eu fico feliz com isso, porque é entender que é o principal jornal da casa – eles dizem, por conta de audiência, por conta

de ser resumão do dia – e que bom que, na hora de tirar férias, seja uma mulher, eles se permitam isso. **Mas eu acho que a figura do homem ainda é muito quadrada, eu acho que os homens ainda são mais limitados mais cobrados nesse sentido. Ele é o certificador ali, entendeu? Tipo, ele tá ali então tá tudo certo.** A sociedade ainda é muito machista, né?

Ainda nesse sentido, Nathalia traz que em debates políticos, por exemplo, é muito raro que uma mulher seja mediadora: “mulher parece que eles não vão respeitar quando ela disser que o tempo acabou.”

Quando questionada sobre se sentir pressionada pela emissora a manter ou modificar alguma característica, Nathalia conta que isso é feito de forma sutil. Como se definiu no início da entrevista, ela é uma mulher negra e baixinha e, como apresenta aos finais de semana e nas férias de alguns colegas, a luz e a bancada do estúdio não estão ajustados para a sua cor de pele e sua altura. **“Eu já ouvi do diretor de TV ‘poxa, eu não consigo fazer esse enquadramento com você, porque eu tenho que compensar e você fica muito escura, senão eu estouro o fundo’.**” Além disso, relata que já ouviu alguns comentários em relação a cores de roupas: “Ah, não usa preto ou **não usa branco porque você fica mais escura, o branco contrasta muito’.**”

Essas questões narradas em relação à luz do estúdio e às cores de roupa, de acordo com Nathalia, são reclamações também de outros colegas de emissora, da estrutura não estar preparada ou ser adaptável para essas diferenças de corpos. Ela conta que esse tipo de comentário é velado, disfarçado, e muitas vezes ela só percebe algum tempo depois.

Ainda na questão da influência da emissora na aparência, foi perguntado sobre a existência de maquiador e figurinista. Nathalia afirmou que os dois profissionais existem na emissora, e que acaba tendo um problema em relação ao figurino, porque não gosta e não se sente à vontade com as roupas que escolhem para ela.

Eu acho que isso compromete diretamente meu desempenho. Eu tento desvincular, mas certamente **você só vai estar à vontade de falar se você estiver bem, se você estiver com mobilidade, se você estiver confortável, se você estiver segura.** Então, assim, aqui funciona desse jeito: pega a roupa nas lojas, a gente usa e devolve para as lojas. **A gente tem um acervo próprio, mas a gente também tem essas roupas que a gente pega emprestado de lojas. E é isso, tipo, pega emprestado em lojas que eu não compro, que eu não usaria, que eu não me identifico e que eu acho horrível ter que fazer isso,** porque eu acho que as pessoas, a partir do momento que eu tô com a roupa que eu não me identifico com ela, ou que é o que eu não represento, aquilo rouba a atenção também. E o

telespectador olha tudo, o pessoal olha tudo, e são vários comentários muitas vezes. Eu tento sempre afinar, mas às vezes é difícil.

Nathalia ressalta que, entendendo que o corpo e a roupa também passam uma mensagem, é um desafio bem grande para ela nesse sentido, principalmente depois de passar pelo período de transição do corpo por conta da gravidez. Ela conta que não sentiu nenhuma cobrança diretamente da chefia em relação ao formato do corpo ou seu peso, mas que ouvia de alguns colegas: **“Claro que os colegas comentam. ‘Nossa, mas menina, tá enorme. Nossa, mas seu nariz na televisão tá desse jeito e tal’**. Enfim, eu fui levando na esportiva, mas grávida e com os hormônios aflorados, eu dava as respostas assim também”, relata.

Quando questionada sobre as exigências ou comentários feitos a algum colega de profissão, ela comenta que percebe que hoje em dia, na sua emissora, existe uma flexibilidade em relação a estilo – os homens podem usar barba, alguns colegas negros usam tranças e cabelo *black power* –, mas ela acredita que esse é um movimento que vem ocorrendo de alguns anos para cá, com essa percepção da importância da representatividade na tela. Nathalia traz o exemplo de um repórter, colega de emissora:

Durante um tempo, pessoas homossexuais também não tinham espaço. Ou você se vestia de uma armadura para poder ter aquela posição, você não podia ter uma voz mais afeminada ou mais sisuda, né? Você tinha que ter aquele padrão, você não podia transparecer a sua orientação sexual, né? E hoje nós temos um colega, que ele tem um parceiro. Inclusive ele assume nas redes sociais, ele é assumido mesmo na vida, para a sociedade e no jornalismo. Ele não precisa se vestir de uma pessoa ou encostar uma voz para poder parecer uma coisa que ele não é, eu acho isso bacana.

Sobre essa mudança, a entrevistada também ressalta que, anteriormente, bastava apresentar bem e falar bem para ser um bom apresentador, não precisava necessariamente ter um grande conhecimento, porque o texto já estava escrito. Porém, hoje em dia é necessário ter conteúdo e jogo de cintura para lidar com imprevistos em programas ao vivo. “Você precisa de pessoas com conteúdo, você precisa de pessoas que consigam ter um outro olhar para além das questões óbvias para você conseguir fazer render. E a prioridade, sobretudo, é a notícia, a prioridade, sobretudo, é o fato”, destaca.

Nathalia finaliza frisando que existe ainda um longo caminho de desconstrução, porque muitas pessoas ainda se chocam com as mudanças:

Tem um longo caminho, é um processo de construção e desconstrução continuamente e é importante, principalmente, a gente debater tudo isso,

das pessoas também desenvolverem isso, porque eu acho que durante um tempo elas foram acostumadas a uma coisa e agora a gente está desconstruindo. E então tem muita gente que estranha. Tem muita gente que fala. Tem muita gente que manda mensagem ainda dizendo que não gosta de tal repórter, não diz claramente o porquê, mas a gente entende ali por trás que é uma questão, sabe? Que envolvem outras questões, tipo, **não é somente porque não gosta porque ele falou errado alguma coisa, porque a notícia que ele disse não foi daquele jeito, porque ele tem a credibilidade questionável, não é? É por causa da aparência dele, sabe, por não reconhecer ele naquele espaço ali ou ela então isso ainda acontece.**

5.3 ANÁLISES E OBSERVAÇÕES

A realização das entrevistas foi de suma importância no processo de construção das considerações sobre o problema de pesquisa. Apesar de a primeira análise apresentar resultados impactantes com relação à configuração da aparência das telejornalistas brasileiras, é com os relatos que concretizamos a percepção de que o subcampo, de fato, configura esses corpos – em maior ou menor grau.

Todas as entrevistadas percebem a padronização dos corpos dentro da televisão, as diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito à aparência e a exigência em relação a determinadas características físicas (mesmo que, no caso de Bruna, não seja tão explícita). Além disso, inquietações e problemas concernentes ao campo e ao modo de fazer telejornalismo aparecem em todas as falas.

Como trouxemos na delimitação da metodologia, vamos analisar as falas das entrevistadas nos seguintes eixos de análise: interferência do subcampo sobre o corpo e padronização do corpo; relação entre o subcampo telejornalístico e o masculino; propriedades do subcampo e características do *habitus* telejornalístico. Traremos, em cada eixo, as falas grifadas ao longo do texto, explicitando as nossas percepções.

5.3.1 Interferências do subcampo sobre o corpo e formas de padronização

As interferências do campo sobre os corpos e as formas de padronizá-los aparecem de diversas formas na fala das entrevistadas. Seja de forma mais explícita, como para Cláudia e Nathalia, ou de forma mais implícita, como para Joana e Bruna.

Cláudia, que tem mais tempo de televisão, cita diversas vezes a padronização que sofreu durante seus anos de apresentadora, que ia para além do corpo: entrava

em questões comportamentais também. Ela observa que suas formas de agir, de se comportar e de falar tinham que seguir determinadas diretrizes, o que fez com que sentisse que estava deixando de ser quem era. Ela relatou diversas falas que ouviu com relação ao seu corpo. Quando estava trabalhando ao lado de uma mulher mais magra, o que a tornava, em comparação, “gordinha”, escutou frases como “Cláudia, você está fazendo exercício, você está fazendo dieta?”. Também quando conta a sua rotina corrida, na época em que fazia o jornal de madrugada e faculdade concomitantemente, chegando às 3h da manhã em casa, saindo às 6h, e ainda tendo tempo para ir para academia – o que mostra uma realidade bastante rígida para jornalistas de modo geral e, no que diz respeito às mulheres, uma camada a mais de preocupações relativas à estética. Não se pode afirmar que o telejornalismo esteja se diferenciando dos demais campos no que diz respeito às expectativas sobre as mulheres, tendo em vista que ele faz uma reprodução do social. Contudo, percebemos que existem especificidades próprias que destoam do jornalismo impresso, por exemplo, justamente pela aparência dos corpos delas nas telas.

Sobre o vestuário, Cláudia expôs fortes interferências dele sobre sua vida profissional e pessoal, que estão explicitadas em, pelo menos, três trechos da entrevista: a) quando relata que o dono da emissora ligou insatisfeito com o comprimento de sua saia, questionando se ela tinha parado de usar saia mais curta por ciúmes de pai ou namorado; b) quando conta que, após sair do telejornalismo, não tinha mais roupas de passeio, afirmando que só tinha roupas para trabalhar e que se vestia como “jornalista” o dia inteiro; c) quando diz que parou de usar acessórios “espalhafatosos”, percebendo que dentro de sua necessidade só haviam brincos pequenos.

Como abordamos anteriormente, no campo existem forças e lutas na transformação da relação dos agentes. Assim, mesmo que inconscientemente, os sujeitos dentro do campo, a partir de suas ações, buscam manter ou melhorar a sua posição, conservando ou aumentando os capitais exigidos por ele (BOURDIEU, 1989). Na fala de Cláudia, isso fica claro. Por um lado, no início da carreira, ela se sentia intimidada e tinha dificuldade de dizer não, uma vez que, para se consolidar no telejornalismo e obter legitimidade, sabia que precisava aceitar determinadas regras. Essas opções tinham a ver com a necessidade e a vontade de seguir com o seu trabalho – tanto por questões econômicas, quanto por questões da sua vocação subjetiva e por sua missão objetiva (BOURDIEU, 1989). Ao que parece, é bem

próprio dos campos profissionais imporem padrões aos “novatos” para que eles se enquadrem nas normatizações deste ambiente, que muitas vezes já estão absorvidas e são reproduzidas pelos agentes “veteranos” do campo. Contudo, o que se problematiza aqui é a especificidade do subcampo do telejornalismo para compor o profissionalismo das mulheres atrelado a sua aparência física.

Nesse mesmo sentido, Nathalia relatou que percebeu as interferências do subcampo no que diz respeito à sua aparência desde que começou a trabalhar com telejornalismo. Ela conta: “tentei me enquadrar para poder trabalhar com isso porque eu sempre gostei muito”. Aqui também percebemos o que Bourdieu (1989) traz sobre a missão objetiva (o que esperam que a pessoa faça) e a vocação subjetiva (o que a pessoa considera que nasceu para fazer). Pela grande vontade de trabalhar na área, Nathalia se submeteu a certas lógicas do subcampo para ingressar e se manter nele.

Cláudia, inclusive, afirma que foram anos de imposições sendo feitas de forma consciente e inconsciente. Relata que era exigida dela a perfeição em todos os aspectos – corpo, cabelo, voz, dentre outros. Essa dificuldade de negar as regras do subcampo também aparece em outras falas, quando Cláudia traz que o jornalismo cria um perfil e é necessário segui-lo, caso contrário o profissional é tirado fora.

Para Joana, que tem mais de 10 anos de experiência em telejornalismo, a questão da padronização também aparece, mas de um modo um pouco diferente, principalmente quando ela ressalta que teve que “insistir” em seu “perfil estético”. Ela se coloca como um “perfil”, tanto esteticamente quanto profissionalmente. Acreditamos que essa questão está diretamente relacionada ao fato de ela ser uma mulher negra. Nesse sentido, podemos compreender, a partir das pesquisas quantitativas apresentadas, esse perfil como específico e menos presente dentro do telejornalismo. Ela relata que, na sua experiência, as emissoras colocam as pessoas negras nesse lugar específico - que não cabe a ela e ao qual ela não quer se sujeitar. Joana traz essa questão também em outros dois trechos: quando um diretor afirma que, na ocasião mencionada, não havia vaga para o perfil dela na emissora, mas que gostaria de seguir em contato; e quando ela mesma afirma que aquele não é mais um lugar onde ela percebe que tem espaço para ela, para o perfil de profissional que ela é. A questão da criação de um “perfil” para as pessoas negras aparece novamente em sua fala, quando ela relata que distribuíram roupas do seu acervo pessoal, sem pedir permissão para ela, para dois outros jornalistas negros do mesmo segmento. Nesse contexto, eles foram tratados como se os três

representassem a mesma pessoa – por serem todos negros e trabalharem no mesmo tipo de pauta. Percebemos que a palavra “perfil” é utilizada com certa ambiguidade na fala de Joana, podendo representar tanto a questão de aparência quanto a questão profissional. Como ela usa os dois sentidos, percebemos que pode haver uma conexão entre os dois âmbitos, formando um perfil completo: uma mulher negra, jornalista de cultura.

Joana traz a sua percepção sobre a padronização das jornalistas algumas vezes, falando sobre as experiências de suas colegas. Ela diz que percebe que o figurino das mulheres é muito pensado para “senhoras”, conectando a seriedade a uma idade mais avançada, o que demonstra, para ela, que ainda há uma estereotipação das mulheres mais jovens como menos inteligentes e imaturas. Nesse sentido, ressalta a hipocrisia desse formato de figurino, tendo em vista que as mulheres que são mais velhas de fato são descartadas justamente por serem velhas. Essa questão, que relaciona a aparência “madura” com credibilidade e seriedade, aparece também na fala de Nathalia. Por ser muito jovem quando iniciou na carreira, com 17 anos, as pessoas à sua volta afirmavam que ela deveria parecer mais velha para passar credibilidade. Assim, precisou fazer escova em seus cabelos cacheados, adotando cabelos lisos (que seguem assim até hoje), além de escolher roupas que se assemelhavam às das jornalistas que já estavam nas telas. Essa relação é paradoxal, quando compreendemos que existe uma valorização da aparência jovem (pele lisa, sem rugas), ao mesmo tempo que características de maturidade (nas roupas, maquiagem, acessórios, postura) são bem-vistas. Nesse contexto, consideramos que a maturidade é diferente do envelhecimento, ainda que a relação desses conceitos de forma geral seja estreita. A velhice é mal-vista, enquanto a maturidade é almejada.

Joana relatou que, no momento da entrevista, ela estava com o canal a cabo Globo News ligado, e que a apresentadora estava com um óculos “mais bacanudo, um brincão”, e que isso até pouco tempo era inadmissível. Ela percebe que essa mudança vem com os novos tempos, mas que o jornalismo “ainda assim é um pouco mais neutro”. Essa fala, além de abordar uma abertura que ocorre na imagem das mulheres na televisão ao longo do tempo, demonstra que a padronização é diferente para as jornalistas de TV aberta e de TV a cabo.

Mesmo percebendo que a sua posição dentro do telejornalismo era mais independente que a de muitas jornalistas, Joana ainda relata uma situação que viveu com uma figurinista na emissora em que trabalhou. A profissional implicava com o seu tamanho, por ser uma mulher alta e grande – mesmo que não se considere uma mulher gorda –, dizendo que era impossível achar roupa para ela,

principalmente porque estava acostumada a vestir uma colega de emissora de Joana, que era muito magra. Podemos perceber, a partir dessa fala, uma falta de diversidade de tamanhos dentro do acervo de figurinos da emissora, que foi pensado para mulheres magras e pequenas. Podemos adicionar aqui, ainda, que talvez as lojas que fornecem roupas para a emissora não consideram pessoas grandes; o que reflete a realidade do mercado da moda. Também é possível observar características da própria figurinista, que Joana afirmou que considerava racista. Nessa ocasião, o editor de Joana interferiu e disse que ela foi contratada pela profissional que era, e que ela deveria se vestir como quisesse. Podemos perceber a importância do papel de editores e chefes para quebrar certas padronizações, e a necessidade desse tipo de posicionamento para que se defenda boas profissionais, com outros capitais simbólicos valorizados, mesmo que não tenham as características físicas “esperadas” pelas figurinistas – ainda que reconheçamos que esta não seja a realidade da maioria das profissionais.

Bruna já inicia a entrevista se colocando como uma mulher padronizada – tanto pelo seu biotipo, quanto pelo cabelo e cor da pele. Ela traz em alguns trechos da entrevista questões relativas às interferências do subcampo com relação à sua aparência, como a orientação com uma figurinista logo que inicia a carreira. Além disso, as jornalistas recebem um figurino, nas palavras de Bruna, “mais ou menos padronizado assim”, mas também devem se organizar com seu acervo pessoal de roupas, buscando não utilizar estampas chamativas. Ela relata que também recebeu um kit de maquiagem – ainda que não tenha recebido orientações diretas sobre o uso, ela diz que, por “questão pessoal”, nunca entrou sem maquiagem. Podemos subentender, pela fala de Bruna, que a falta de cobrança no que tange à sua aparência se dá justamente por ter características físicas que estão dentro do padrão.

A jornalista também abordou que sente que as pessoas que estão mais próximas de um padrão, que aparecem de “melhor forma” no vídeo, têm a tendência de crescer mais rápido dentro da empresa. Ela diz que ela se maquia de forma simples e deixa o seu cabelo natural, mas que percebe que existem colegas que fazem um esforço a mais em relação a aparência, como fazer escova e cachos nos cabelos. Esse esforço, nas palavras da entrevistada, acaba “chamando mais atenção [...] e parece que dão mais credibilidade para a pessoa.” Bruna abordou que sente que existe uma mudança em relação à aparência dos repórteres e apresentadores de telejornais, mas que, ainda hoje, a grande maioria está dentro de um padrão. Essa percepção de que existe uma mudança acontecendo foi percebida

em todas as falas das entrevistas – ainda que na análise quantitativa tenha sido possível observar uma grande prevalência de uma padronização.

Outro relato importante é o de Nathalia sobre a seleção para apresentar um telejornal esportivo, que ocorreu recentemente. Nessa fala, a entrevistada traz que, apesar de sua grande experiência na área e de seu tempo de casa, a apresentadora escolhida foi outra – uma mulher branca e magra. A justificativa dada por sua chefia é de que esse foi o perfil que a população queria, com base em uma pesquisa de mercado. Assim, a aparência escolhida foi baseada na questão mercadológica e econômica, no perfil que mais agradaria a audiência; perfil esse que se assemelha mais ao padrão estético vigente do que o de Nathalia. Essa fala demonstra o que trouxemos ao longo do trabalho, mas mostra uma perspectiva diferente: existe um padrão estético das telejornalistas; este padrão está próximo ao padrão estético vigente; parte do público (e, conseqüentemente, a empresa) querem esse padrão na televisão. Para este último ponto, é preciso fazer um adendo: a apresentadora escolhida foi para um telejornal esportivo, que tem suas padronizações específicas. E, considerando a temática, a escolha da profissional provavelmente teve uma perspectiva muito mais masculina – devido ao maior público do programa.

Ainda sobre padronização, Nathalia ressaltou que, apesar de estar em um estado em que a maioria da população é negra, essa representatividade ainda não está nas telas – o padrão branco permanece. Isso se deu de diversas formas: tanto na contratação de jornalistas de outras regiões do Brasil, como Sul e Sudeste, quanto na escolha de apresentadores e repórteres brancos. Com essas definições, Nathalia ressaltou que, muitas vezes, as pessoas não a enxergavam como jornalista. Esse trecho demonstra que o padrão estético da telejornalista brasileira não está só na televisão, ele transcende a tela e vai para o social. Se torna uma regularidade esperada pelo público.

Sobre a interferência direta do subcampo em relação à sua aparência, Nathalia traz mais três relatos: a questão da luz e do enquadramento do estúdio, que não estavam adequados a sua cor de pele e a sua altura, e as reclamações do diretor quanto a isso; o uso de roupas emprestadas de lojas, que não condizem com a sua personalidade ou gosto pessoal na hora de vestir; os comentários sobre o seu ganho de peso após a gestação e sobre usar ou não determinadas cores.

Por fim, trazemos um trecho do relato de Nathalia que destaca um dos grandes problemas da padronização nas telas: a falta de representatividade. A entrevistada relatou que, durante a sua infância, ela não tinha um referencial feminino: “eu não tinha uma mulher negra, por exemplo, na televisão, como hoje existem várias, para poder falar: olha a apresentadora na bancada do Jornal

Nacional negra.” Mesmo que Nathalia tenha ressaltado que hoje existem várias mulheres com essas características, a nossa pesquisa demonstrou que não são tantas assim, e as que estão nas telas não estão em lugares de destaque, como a apresentação de telejornal.

Como foi possível observar ao longo do trabalho com relação aos padrões estéticos ao longo dos anos, o belo esteve (e está) relacionado a algumas características, tais como aparência jovem, pele branca, cabelos lisos, corpos magros, entre outras. Essas características são as que apareceram na pesquisa quantitativa. Além disso, no relato das entrevistadas percebemos que as exigências feitas pelo subcampo vão no sentido de padronizar seus corpos para que se tornem mais próximos a essas características.

5.3.2 Relação entre subcampo telejornalístico e o masculino

A relação entre o subcampo telejornalístico e o masculino, que abordamos a partir da perspectiva de Silva (2010), aparece diversas vezes nas entrevistas, de forma mais forte no relato de Cláudia. Podemos considerar que, pelo grande período em que trabalhou na televisão, viveu tempos em que o machismo era mais presente e de certa forma “aceito” na sociedade. Desde o início de sua fala, ela aborda diversas vezes as opressões que sofreu dentro do subcampo por ser mulher. Joana e Nathalia também trazem questões referentes ao assunto.

Primeiramente, Cláudia aborda a relação entre inteligência e mulher, dizendo que na época em que começou no jornalismo, mulher bonita não era inteligente. Dessa forma, precisava se tornar “feia” ou “menos feminina” para ser validada enquanto profissional. Ela diz que percebe que muitas mulheres passaram pelo mesmo processo que ela, adquirindo características mais próximas ao masculino para terem credibilidade: na entrevista, traz o exemplo de Fátima Bernardes e Sandra Annenberg que, na época em que trabalhavam nas bancadas do telejornalismo, usavam cabelos curtos. Além da aparência, Cláudia ressaltava que teve que adquirir certos traços de personalidade mais próximos ao que se considera masculino, pelo local onde trabalhava: se tornou mais “sisuda”, brava e ríspida em sua forma de falar.

Foi quando começou a trabalhar em par com um homem na bancada que conseguiu se permitir ser mais “feminina” – justamente pela autoridade e seriedade estarem com o seu colega de trabalho. Esta relação entre os pares de apresentadores também aparece na fala de Nathalia, quando ela afirma que os homens ainda hoje usam trajes muito formais porque servem, muitas vezes, como

uma figura afirmativa, como um referencial. Ela diz que programas que poderiam ser apresentados somente por mulheres possuem um homem ao lado com essa característica de certificador, de credibilizador da fala. Além disso, Nathalia expõe que vê que os homens ainda são privilegiados em algumas áreas do telejornalismo – como a mediação de debates políticos, por exemplo – justamente por possuírem a “seriedade” como característica.

Além dos locais privilegiados, identificamos uma propensão a uma maior valorização da fala dos homens dentro do subcampo, como exposto por Cláudia. Durante os anos que passou com este colega de bancada o telejornal era gravado, porque ele não gostava de entrar ao vivo – o que Cláudia adorava. Durante 12 anos ela precisou se sujeitar a essa decisão, que foi tomada com base na vontade (e no receio) do colega.

Outra importante questão trazida por Cláudia foi o episódio de assédio que sofreu. Ela conta que já ouviu muito calada até conseguir se posicionar, tendo em vista a sua trajetória. Ela conta, então, que um dia, durante a gravação de um áudio off com um apresentador, foi assediada e se sentiu acuada para reclamar. A questão do assédio sexual no jornalismo não é nova, e já foi pauta de campanhas, como a #DeixaElaTrabalhar⁷¹, que reuniu depoimento de diversas jornalistas, principalmente da área de esporte, denunciando as violências sofridas dentro e fora das redações.

Joana trouxe algumas questões relativas ao tópico. Primeiramente, afirmou que os homens envelhecem muito bem na TV, enquanto as mulheres são descartadas rapidamente conforme vão envelhecendo. Como observamos, essa percepção é um paradoxo, tendo em vista o que foi relatado por ela e por Nathalia em relação à necessidade de parecer mais velha para apresentar credibilidade. Se exige das mulheres uma aparência jovem no que diz respeito ao rosto e ao corpo, mas também uma postura madura que pode ser feita através de modificações no cabelo, maquiagem e figurino.

Essa discriminação em relação às mulheres apareceu na fala de Joana quando contou dos padrões que eram reafirmados em convenções de figurinistas da emissora. Na ocasião, uma apresentadora da sua afiliada era utilizada como exemplo de como não se vestir. Ela ressalta que acha muito machista e deselegante falar isso de qualquer profissional, e que percebe que ninguém falaria isso de um

⁷¹ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/politica/1521823054_844544.html#:~:text=Sob%20a%20marca%20%23DeixaElaTrabalhar%2C%20um,sociais%20est%C3%A3o%20entre%20as%20agress%C3%B5es.>. Acesso em 27 abr 2022.

homem, por exemplo. Falando sobre o formato do telejornalismo, Joana ressaltou que considera racista, misógino e machista.

5.3.3 Propriedades do subcampo e características do *habitus* telejornalístico

Como vimos ao longo do trabalho, o subcampo telejornalístico possui propriedades, relações, ações e processos específicos, que o configuram como um microcosmo relativamente autônomo dentro do macrocosmo social, mas em correlação com o campo jornalístico. As entrevistadas trouxeram diversos pontos importantes em relação ao seu funcionamento.

O campo, para ser definido, precisa de um grupo que possui conhecimentos especializados e os reivindica. No caso do campo jornalístico, esses conhecimentos carregam uma peculiaridade: apesar de muitos serem aprendidos no ensino formal, na faculdade de Comunicação ou Jornalismo, não existe a obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão. Esse é um debate importante da área, e na época em que Cláudia iniciou sua carreira já era uma questão levantada: ela começou como apresentadora sem estar formada ou estudando. Ela conta que isso incomodou os colegas jornalistas que estavam trabalhando há muitos anos, devido ao fato dela ser colocada numa função importante mesmo sem ter finalizado o estudo formal.

O relato de Cláudia traz muitas questões relativas às exigências do subcampo em relação ao corpo e ao comportamento dos jornalistas, reforçando a necessidade de determinados padrões da forma de vestir, de falar e de agir.

Já o relato de Joana, de Nathalia e de Bruna trazem muitos pontos concernentes às questões trabalhistas desse campo. Joana e Nathalia, ao trabalharem em emissoras menores (como o canal universitário, no caso de Joana, e o canal de TV a cabo, no caso de Nathalia), tinham que trabalhar em diversos cargos. Joana relata que fazia tudo, desde a produção até a apresentação. Nathalia afirma que começou fazendo tráfego de material, depois foi para a reportagem, depois para a apresentação. Por estar em uma emissora muito pequena, precisou desenvolver várias funções em um curto espaço de tempo. Em emissoras menores, é comum ver o mesmo profissional exercendo diversas funções.

Porém, o que chama a atenção é que, mesmo nas emissoras de TV aberta, esse acúmulo de funções acontece. Joana e Bruna trazem relatos relacionados a esse assunto. Joana contou que quando foi demitida já estava muito cansada,

afirmando que “podia inclusive ter feito um processo de acúmulo de função”. Além disso, ela relatou que, apesar de ter uma editora em sua equipe, ela trabalhava sozinha, fazendo produção, edição, roteiro, produção externa, solicitando equipe, entre outros.

Bruna citou esse acúmulo em diversos momentos da entrevista. Ela reportou que existe uma sobrecarga em cima do jornalista, e que hoje um profissional faz o trabalho que poderia ser feito por uma equipe de cinco pessoas. Além disso, relatou que faz parte do seu trabalho encontrar as pautas, achar as fontes, propor os assuntos e “vender” as pautas para os jornais do estado e de exibição nacional. Quando abordamos esse assunto, ela disse que o que mais preocupa não é só a sobrecarga do profissional, mas a diminuição de postos de trabalho dentro da comunicação desencadeado pelo acúmulo de funções.

Joana trouxe algumas questões em relação aos vínculos empregatícios do campo. Primeiro, citou que realizou diversos “freelas”, ou seja, trabalhos sem vínculo em projetos específicos, e que fazia isso sempre que era permitido pelas empresas em que trabalhou. Além disso, ela relatou que em uma emissora de rede (nacional) os contratos eram feitos de forma específica para não criar vínculo empregatício, de seis em seis meses, em que se trabalhava seis meses e ficava sem trabalhar nos outros seis. De acordo com ela, existem profissionais que ficaram anos fazendo esse tipo de contrato temporário.

A realização de freelas, segundo Joana, se deu muito pelo bom relacionamento que ela tinha com o mercado, o que foi uma dica que recebeu quando fez estágio. Essa relação foi citada novamente quando questionamos sobre os processos seletivos que ela havia feito. Ela inclusive destacou que, depois do primeiro processo seletivo que fez, nunca mais fez outro: “Tudo é relacionamento, né”. Bruna também reportou que o processo seletivo para ingressar na emissora em que trabalha atualmente foi por meio de contato direto, e não de um processo seletivo aberto.

Outra questão abordada por Joana é a remuneração. Dentro do campo jornalístico, principalmente na televisão, é comum ver relatos de pessoas que recebem salários baixos, apesar da alta demanda. A entrevistada expôs que existiam pessoas que recebiam mil reais. Em primeiro de janeiro de 2022, o piso da categoria no Rio Grande do Sul, por exemplo, foi reajustado para R\$ 2.791,68 na capital e R\$ 2.377,19 no interior – enquanto o salário-mínimo no país é de R\$

1.212,00. Quando Joana relatou o quanto recebia (cerca de R\$ 5.000,00, na época) para uma colega, percebeu que foi um erro, porque ela não conseguiu disfarçar que havia ficado brava. Joana ouviu de uma amiga que ela era um “luxo” para a emissora, tendo em vista que era repórter de uma área especializada e que recebia um salário mais alto que os demais repórteres.

Joana e Bruna também relataram a questão dos plantões de domingo. Joana, por ser repórter especial, não concordava com o rodízio, tendo em vista que ela não havia sido contratada para cobrir pautas gerais. Ela conta que brigava muito por ter que fazer plantão, e inclusive chegou a dizer “se vocês têm esse esquema de plantão furado, explorando todo mundo, não é culpa minha”. Já Bruna tratou com naturalidade a necessidade do plantão, afirmando que é algo comum e que, até o momento, não precisou cobrir nada de muito importante, usando esse tempo para produzir matérias que não puderam receber a atenção que precisavam durante a semana, devido a “rotina corrida do dia a dia”. Acreditamos ser interessante frisar, também, que Bruna trouxe a “cobrança do sindicato” como um dos motivos pelos quais a empresa em que trabalha respeita os horários de entrada e de saída.

Relacionando o que foi percebido através das entrevistas, podemos considerar algumas características que aparecem no subcampo telejornalístico – compreendendo que muitas delas estão diretamente relacionadas com o campo jornalístico também. Como foi trazido por Joana e Bruna, principalmente, existe uma tendência à precarização do trabalho, acúmulo de funções e salários baixos. Como abordamos, a pesquisa de Lima (2021) traz diversas dessas características como parte do perfil do jornalista, como as contratações sem vínculo empregatício, tais como freelas, PJ e MEI e as jornadas de trabalho diárias superiores a oito horas. Sobre os salários, da mesma forma que Joana expôs, a pesquisa de Lima demonstra que 60% dos jornalistas entrevistados recebem salários inferiores a R\$ 5,5 mil por mês. Como vimos, a pesquisa de Bergamo, Mick e Lima (2012) demonstrou que as mulheres ganham ainda menos que os homens na área. Com as baixas remunerações, os profissionais têm baixo capital financeiro, o que pode fazer com que se mantenham mais dependentes das empresas e, conseqüentemente, com que eles se submetam a mais exigências feitas para se manter trabalhando.

Existem características, porém, que notamos que são mais relacionadas ao subcampo telejornalístico, como as exigências em relação à aparência, em prol de que as mulheres estejam mais próximas da padronização (cabelos lisos e alinhados,

corpo magro, pele sem imperfeições), bem com a busca por conseguir espaço nos telejornais de transmissão nacional, buscando “vender” as pautas.

Como trouxemos anteriormente, o *habitus* é uma forma de ser e agir impulsionada por regras e propriedades do campo, é uma disposição incorporada e quase postural, que identifica determinado grupo. Diz respeito à transposição de estruturas externas, da sociedade e do campo, para estruturas internas, de personalidade e formas de agir. No relato de Cláudia, a forma em que o *habitus* é incorporado fica muito clara, tendo em vista as diversas vezes em que cita que o ambiente fez com que ela tivesse característica X ou Y.

A entrevistada afirma que, como passava a maior parte do seu tempo dentro da emissora, o papel que ela desempenhava e as exigências feitas acabaram se tornando parte dela. Em alguns trechos, ela conta o quanto já não se reconhecia, por ter absorvido tantas características do local em que trabalhava. Isso se estendeu desde a sua relação com o corpo (através da necessidade de fazer academia sempre para se manter magra, da escolha de não comer determinados alimentos, como lasanha e sorvete, citados por ela, para manter a silhueta), com as roupas (quando ela afirma que doou diversas roupas porque só tinha peças para trabalhar, não para sair) e na forma de agir (quando ressalta que ficou mais brava, sisuda e racional). As exigências externas passam a ser autoexigências: antes mesmo do subcampo cobrá-la, ela já havia se cobrado. Assim, ela já tinha incorporado as regras para se manter dentro da área.

Cláudia citou mais algumas características do *habitus* do jornalista, como a rotina corrida, as longas horas dentro do local de trabalho e o fato de que o profissional está sempre trabalhando, que foi reforçado ao final da entrevista, quando ela relata que estaria trabalhando durante o feriado. Essa questão dos horários de trabalho também apareceu na marcação da entrevista, quando ela solicita a remarcação do horário, tendo em vista que iria entrar ao vivo no horário marcado anteriormente para reportar.

Bruna trouxe como característica do *habitus* o olhar atento e curioso ao que acontece na rua, sempre pensando na possibilidade de transformar o que observa em uma pauta para o jornal. Ela contou que busca compreender se o que ela considera uma questão também é uma questão para a comunidade em que se insere e, assim, cria conteúdo sobre o assunto.

Na questão do *habitus* da telejornalista, é importante ressaltar que Joana, de todas as entrevistadas, é aquela que menos o incorporou. Podemos considerar que isso ocorreu por questões relativas à sua subjetividade que entravam em conflito com as regras do subcampo, como a militância do feminismo negro, por exemplo. É possível considerar que, por esse motivo, ela está mais às margens do subcampo, realizando freelas. Essa questão se dá de forma mútua: ela ressaltava que não quer se submeter a determinadas exigências feitas, e também diz que sente que as emissoras não têm lugar para o perfil de profissional que ela é.

Percebemos que o *habitus* da telejornalista brasileira tem relação com as características do *habitus* do jornalista de forma geral, como o fato de estar sempre atento e em observação, de estar disponível para cobrir pautas de última hora, de ter uma rotina corrida e cansativa, ter credibilidade e seriedade. Contudo, assim como as características específicas do subcampo, existem questões relacionadas apenas às telejornalistas: o principal é o cuidado com a aparência, conectado com o cuidado com o corpo, com as roupas, com a maquiagem, com o cabelo e com os acessórios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como norte a pergunta: de que forma o subcampo telejornalístico configura os corpos de mulheres apresentadoras e repórteres de telejornais? Assim, primeiramente buscamos cercar os dois principais pontos dessa questão: o subcampo telejornalístico e os corpos das mulheres.

Iniciamos trazendo o conceito de campo de Pierre Bourdieu. O autor francês considera que, dentro do macrocosmo social, existem microcosmos, pequenos mundos sociais relativamente autônomos, nos quais existem propriedades, processos e regras particulares. Nesses campos estão inseridas forças e lutas, e os agentes estão sempre em disputa buscando conquistar ou melhorar a sua posição. Essa conquista ou melhora de posição pode ser concedida a partir dos capitais materiais e simbólicos, que são uma espécie de “moeda” valiosa para aquele determinado campo – cada campo tem as suas moedas mais valorizadas. Os campos se mantêm a partir de um equilíbrio instável, isto é, os princípios de poder que sustentam eles não partem de um motor específico (um mandante, um chefe), mas partem das lutas que são produzidas dentro do campo, que reproduzem as estruturas e hierarquias dele. Esses princípios de poder aparecem nas ações e reações dos sujeitos do campo que tentam, a todo momento, manter ou melhorar a sua posição dentro dele, tentando conservar ou aumentar os capitais específicos que o campo exige. Assim, os agentes do campo contribuem para a manutenção da dominação a partir das suas atitudes, mesmo que de forma inconsciente, justamente pela necessidade (e desejo) de se manter dentro do campo. Essa vontade de estar inserido neste contexto se dá, muitas vezes, pela vocação subjetiva e missão objetiva dos agentes, que sentem que pertencem àquele lugar porque nasceram para estar ali, então se percebem subordinados à lógica do campo para ali continuar.

Deste modo, de forma teórica e direta, já é possível compreender as relações entre o conceito de campo e o jornalismo. O processo de pesquisa permitiu entender que todo o campo tem suas regras, seus processos, bem como seus movimentos de forças e de lutas que permitem o seu funcionamento. O que percebemos em relação ao que chamamos de subcampo do telejornalismo se conecta com o que Bordieu defende como microcosmos. A dimensão do telejornalismo está estreitamente ligada ao microcosmo do jornalismo como um todo. Contudo, funciona com certas

singularidades e especificidades, sobretudo no que se refere ao corpo das mulheres que aparecem na tela. E, nesse sentido, a proposta da pesquisa foi, justamente, problematizar esse aspecto como um capital relevante nesse subcampo. Há, nesse aspecto, processos e regras particulares que podemos explorar no exame do perfil de apresentadoras e repórteres no capítulo 4, bem como por meio da voz de mulheres que trabalham neste domínio, o que consta no capítulo 5.

Relativamente autônomo, o campo jornalístico possui influência do campo político e econômico, principalmente, bem como os influencia. Os jornalistas – agentes que sentem que pertencem àquele lugar, como uma vocação com a qual nasceram, e sentem que devem estar ali como uma missão objetiva, o que esperam que eles façam – buscam possuir alguns capitais específicos para melhorar sua posição dentro desse campo.

Percebemos que no foco dessa investigação, o telejornalismo, se destacaram para as mulheres os capitais cultural, social e corporal. O capital cultural, dentro desse contexto, trata dos conhecimentos que o profissional precisa possuir. Além dos conteúdos aprendidos na formação acadêmica, que percebemos ser muito valorizada dentro do subcampo, como abordado por Cláudia, também os conhecimentos técnicos sobre a produção de reportagens, matérias, entrevistas e a capacidade de abordar pautas sobre os mais diversos assuntos. O capital social, nesse campo, trata dos contatos com as fontes, com pessoas influentes, buscando boas reportagens, boas entrevistas e bons postos de trabalho. A questão do capital social foi fortemente abordada pela entrevistada Joana, que afirmou que, dentro da área, ter contatos “é tudo”, além de revelar que a maioria das vagas de trabalho para as quais ingressou foi por indicação direta de alguém. Além destes, o capital corporal, em especial para os tipos de jornalismo em que o jornalista está na tela (telejornalismo e jornalismo multimídia), trata sobre possuir características específicas que beneficie o jornalista dentro dessas áreas – que, como podemos ver ao longo do trabalho, para as mulheres, estão diretamente ligadas à pele branca, ao corpo magro e à aparência jovem. Existe uma busca para conquistar esse capital e conseguir ingressar e/ou se manter no campo, que pode ser vista nos relatos das entrevistadas. Cláudia mencionou, frequentemente, a busca por se manter magra para aparecer bem em frente às câmeras, a necessidade de estar dentro do figurino, a maquiagem utilizada e os acessórios escolhidos. Bruna ressaltou, já no começo da entrevista, que tem uma aparência bem padronizada, o que podemos concordar a

partir da sua definição de características corporais. Nathalia relatou algumas das modificações que fez para ingressar no telejornalismo, sendo uma delas fazer escova nos cabelos, deixando-os lisos.

As entrevistadas também deixaram visíveis a existência de forças e de lutas no âmbito do telejornalismo que são específicas. Os agentes disputam espaços, apresentam os seus capitais e buscam reconhecimento para conquistarem melhores condições no campo. Entretanto, há distinções entre esses agentes e, para além disso, o que podemos chamar aqui de ‘capital de gênero’ se impõe, proporcionando mais legitimidade e credibilidade aos homens. Esse é um fator que torna as movimentações e as disputas no telejornalismo desiguais, é quase um ‘desequilíbrio instável’ reformulando as palavras de Bourdieu que trouxemos nos parágrafos anteriores. Esse ‘motor’ que move o subcampo do jornalismo, entretanto, impõe às mulheres a possibilidade de aumentar seu capital pela estética física. Assim, elas estabelecem outras lutas que provocam ações e reações variadas, como contribuir para a manutenção da dominação (como a sujeição parcial à padronização para se manter nesse domínio), ou, ainda, lutas para alterar as normas e os padrões (o que sem dúvida é necessário, mas que torna o percurso mais difícil).

Bourdieu também apresenta o conceito de *habitus*, que versa sobre o modo de ser e agir do corpo socializado. Dentro de cada campo, os agentes adquirem conhecimentos e práticas, e incorporam estes aspectos na sua forma de agir. Esse “jeito de ser” identifica determinado grupo, formata gostos, opiniões, percepções e ações, formando uma espécie de “matriz” para os indivíduos que possuem socializações semelhantes (como aqueles que fazem parte do mesmo campo). Assim, percebemos que existe um *habitus* do jornalista, que é marcado por diversas características – das mais caricatas, como o fato de “nunca desligar”, sempre tomar café, carregar papel e caneta para todos os lugares; até as mais práticas, como a busca por “imparcialidade”, o comprometimento com a verdade, os conhecimentos técnicos específicos da área. Dentro desses aspectos adquiridos e valorizados para os profissionais da área, a maioria, conforme apresentado por Silva (2010), possui marcações do gênero masculino, tais como coragem, pioneirismo, pró-atividade, credibilidade e seriedade. As entrevistadas apresentaram também questões relativas ao *habitus*: o cuidado com a aparência, que passa pelo figurino, acessórios, maquiagem, cabelo e corpo, o olhar observador buscando pautas em todas as

ocasiões, a postura séria e 'sisuda', ter uma rotina corrida e cansativa e estar sempre preparada para mudar os planos caso precise entrar ao vivo.

Afunilando ainda mais, entramos nas características do subcampo telejornalístico, compreendendo que este, além de carregar as características do campo jornalístico, adiciona três elementos que o diferenciam – a presença imagética dos sujeitos de fala (apresentadores, repórteres e fontes), a composição audiovisual (que une imagem e som, em conjunto) e a possibilidade de transmissão ao vivo. Com essas particularidades, o jornalismo se torna imagem e o jornalista também. Abordamos questões relativas à história do telejornalismo no Brasil e outros aspectos importantes, observando que, apesar da grande importância da internet para a informação atualmente, o telejornalismo segue como principal meio de informação no Brasil; sendo assim, ao buscar se informar, a população fica exposta a notícias enunciadas por sujeitos de fala, sendo que os corpos desses sujeitos se tornam dispositivos comunicacionais. Assim, compreendemos que a aparência desses corpos deveria ser analisada, tendo em vista que fazem parte do processo de decodificação da informação.

Mas por que observar o corpo das telejornalistas mulheres em específico? Para compreender esta questão, trouxemos considerações de diversas autoras que abordam questões relativas às mulheres na sociedade. Essas mulheres somos todas nós, que, de diferentes maneiras, vivemos em uma sociedade patriarcal (ainda hoje), que por anos tivemos possibilidades de vida resumidas a casar, ter filhos e cuidar da casa – ou trabalhar de forma mandatória, no caso das mulheres negras. Mesmo com todas as mudanças observadas ao longo dos anos, muitas conquistadas pelos movimentos sociais, as mulheres ainda possuem diferença no tratamento em diversos âmbitos de suas vidas. Ainda recebem salários menores, possuem exigências diferenciadas no mercado de trabalho, cumprem dupla jornada ao ter que cuidar da casa sozinha e, em algumas culturas, ainda sofrem mutilação genital, estão proibidas de estudar e precisam se casar de forma obrigatória logo na infância ou adolescência. Além de tudo isso, em todo o mundo, as mulheres são muito mais cobradas em relação à aparência. A estética física sempre foi uma imposição, entre outras questões, para a mulher ser reconhecida, conquistar maridos, ter a sua feminilidade validada e, inclusive, ocupar postos de trabalho.

A exigência da aparência está diretamente ligada à necessidade de ser bela. E o que é considerado belo, afinal? Conforme já observamos, a beleza depende da

época e da cultura em que se está inserida. Abordamos sobre o que foi considerado belo no Brasil ao longo das décadas, especialmente de acordo com a mídia, e percebemos que, apesar de algumas mudanças específicas, o belo era – e segue sendo – relacionado às mulheres de pele branca e lisa, de corpo magro (mas com curvas e músculos), de aparência jovem e de cabelos lisos, dentre outros atributos. Sabemos que os movimentos sociais avançaram muito no debate relativo à aparência. No entanto, ainda é possível perceber que a padronização se mantém em alta, tanto nas representações midiáticas, quanto na grande quantidade de procedimentos estéticos realizados.

Assim, após cercar o assunto, e entendendo que a resposta ao problema de pesquisa era complexa, optamos por realizar duas metodologias para buscar pistas da resposta. Na primeira análise, buscamos compreender quais foram os corpos apresentados pelo telejornalismo ao longo dos anos, através de trabalhos realizados por outros pesquisadores, além de executar a nossa própria investigação, que consistiu na observação dos corpos de apresentadoras e repórteres dos principais telejornais das principais emissoras de canal aberto. São eles: Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo, da Rede Globo; BoraBrasil e Jornal da Band, da TV Bandeirantes; SBT Brasil, do SBT; Fala Brasil e Jornal da Record, da TV Record. O corpus foi composto pela quantidade de mulheres que apareceram em tela durante uma edição de cada programa (analisados nos meses de fevereiro e março de 2022), totalizando 64 mulheres.

Quando iniciamos essa pesquisa, tínhamos ainda clara a lembrança do trabalho realizado em 2018, que havia constatado um padrão estético claro das telejornalistas da Rede Globo. Tendo em vista que a presente dissertação seria defendida em 2022, o questionamento da prevalência deste padrão – e a esperança de que mudanças positivas fossem vistas – estavam presentes. Com a análise quantitativa, porém, constatamos que as modificações caminham lentamente. As características obtidas na pesquisa mostraram que a aparência das telejornalistas brasileiras está diretamente relacionada ao padrão estético vigente. Além disso, demonstram um modelo de profissional já apresentado em pesquisas anteriores: 92,2% das jornalistas eram brancas, 62,5% magras, 84,4% de cabelo liso e 64,1% sem rugas. Assim, é possível afirmar de modo geral que o telejornalismo apresenta um corpo bastante determinado em relação às apresentadoras e repórteres: um corpo branco, magro, de aparência jovem, de cabelos lisos – a maior parte de

comprimento médio e castanhos – e que utiliza figurinos em sua maioria sóbrios, com roupas de alfaiataria, acessórios pequenos e maquiagem simples. Ademais, a busca por se manter a pele uniformizada de manchas e imperfeições também está presente.

Os dados sobre a cor da pele são aqueles com maior diferença entre as categorias. De 64 mulheres, 59 são brancas, 3 são negras e 2 amarelas. Percebemos duas questões com relação a esses números: primeiramente, eles não são representativos no que diz respeito à população brasileira, tendo em vista que 56,2% se considera negra, enquanto apenas 1,1% se considera amarela. Observando a população de profissionais jornalistas, a diferença também é grande: 29,9% são negros (entre pretos e pardos), enquanto 1,3% são amarelos. Assim, percebemos que o jornalismo, apesar de ser um meio em que frequentemente há a defesa das minorias, atua em suas práticas de forma discriminatória quanto à cor da pele das profissionais que escolhe para estar à frente das câmeras. Podemos dizer que o telejornalismo, além de masculino, também é branco. Ainda que não tenha sido o foco teórico da nossa discussão, a questão da interseccionalidade se encontra nos nossos resultados. A falta de representatividade da mulher negra no telejornalismo não é apenas uma questão estética, mas também uma questão estrutural.

Outra questão importante é que existe uma espécie de cálculo feito para as mulheres nas telas. Para a composição do seu capital de beleza física, as jornalistas precisam possuir pelo menos alguns atributos padronizados. Não precisam ter todos, porém os traços de beleza têm que se compor, na maioria dos casos, de forma a prevalecer o padrão. Em outras palavras, uma mulher que atua em frente às telas não pode reunir, a princípio, de uma só vez: corpo gordo, rugas, cabelos grisalhos, cabelos cacheados ou crespos, pele do rosto manchada, muitas tatuagens, pele negra ou amarela. O que percebemos é que quando essas características aparecem elas têm a tendência de serem disfarçadas pelo enquadramento, pela maquiagem, pelo figurino, pelo ângulo, entre outros recursos. Desse modo, notamos que quanto maior o número de aspectos corporais padronizados, maior o capital corporal das mulheres e maiores as chances de ingressar e permanecer em frente às telas.

Apesar dos dados desanimadores de forma geral, algumas novidades em relação às pesquisas anteriores aparecem: a presença de mulheres amarelas, o uso de cores mais quentes nos figurinos (como vermelho, rosa e amarelo), a quantidade

de jornalistas com os cabelos loiros (25%) e o uso de determinados acessórios e modificações corporais, como piercings (1), tatuagem aparente (1), brinco longo (8), lenços e cachecóis coloridos (4).

Foi possível observar, assim, que, se por um lado os corpos que fogem a essa padronização estão invisibilizados no telejornalismo, por outro lado eles começam a ganhar algum espaço, seja pela pressão social (através dos movimentos que lutam pelas minorias), seja porque quem domina o subcampo está se abrindo para esses novos perfis. Corpos gordos, mulheres trans e travestis e mulheres fora do padrão de feminilidade ainda são quase inexistentes nesses postos de grande visibilidade televisiva. A tendência então é concordar com Rosário e Aguiar (2014), que há oito anos entendiam que a tevê aberta não se configura como um espaço para a diversidade e para a experimentação. Com a pesquisa, foi possível perceber que essa ainda é uma realidade, principalmente quando tratamos do telejornalismo.

Em um processo de retroalimentação, percebemos que a TV torna visíveis os corpos brancos, magros e de cabelos lisos, e invisibiliza outros corpos possíveis – escolhendo as telejornalistas com base nos padrões vigentes pela sociedade e reforçando esses padrões a partir de suas escolhas. Assim, essa padronização acaba servindo tanto para quem assiste, quanto para quem produz a televisão. Quando pensamos nas profissionais jornalistas, percebemos que a problemática é ainda mais profunda, pois, além da televisão criar um sistema de reproduções não representativo de grande parte da população, esse padrão pode tornar a entrada das jornalistas no mercado de trabalho televisivo mais difícil. Isso indica que o capital de formação profissional, de competência jornalística, disputa em pé de igualdade com o capital da estética física. Se as jornalistas se encontram fora do padrão e não se enxergam nesse lugar e nesse papel, dificilmente entrarão em um meio de comunicação televisivo tradicional.

Algumas perspectivas de mudança já dão sinais, a partir de alguns corpos diferentes que aparecem na televisão. Nesse sentido, não podemos deixar de citar Maju Coutinho como apresentadora do Jornal Hoje durante quase dois anos – ainda que a sua entrada tenha sido marcada por polêmicas relacionadas a comentários racistas⁷². Contudo, é preciso considerar que o Jornal Hoje passou a ter a

⁷² Reportagem sobre erros de Maju Coutinho no Jornal Hoje é acusada de racismo. Disponível em <https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/82735/reportagem+sobre+erros+de+maju+coutinho+no+jornal+hoje+e+acusada+de+racismo>. Acesso em 22 jun 21.

apresentação feita por um homem, César Tralli. Atualmente, a jornalista apresenta o Fantástico em conjunto com Poliana Abritta, uma apresentação duplamente feminina, bem como o que ocorre no Globo Repórter, apresentado por Sandra Annenberg e Glória Maria – um programa que por muito tempo foi apresentado por homens.

Nos momentos finais da pesquisa, tivemos a primeira bancada negra do Jornal Nacional em 53 anos de programa. Na noite do sábado, 16 de abril, Aline Midlej (Globo News) esteve com Heraldo Pereira apresentando o telejornal⁷³. Antes disso, em agosto de 2018, Luciana Camargo e Rodrigo Cabral apresentaram o RedeTV News. Em novembro de 2020, no Dia da Consciência Negra, a Record também teve bancadas negras nos jornais Fala Brasil e Jornal da Record. Em janeiro de 2022, Salcy Lima e Mariana Bispo estiveram à frente do Record News. Em mais de 70 anos de telejornalismo no Brasil, apenas recentemente temos profissionais negros juntos apresentando jornais, o que demonstra que caminhamos a passos lentos para alguma modificação, até porque esses apresentadores atuaram só em momentos especiais.

Quando entramos nesse aspecto, percebemos que nem todas as nuances da problemática são visíveis. Nesse caso, nem todas estão visíveis a uma só metodologia de análise, principalmente externa ao campo. Por isso, percebemos a necessidade de constatar as percepções das próprias jornalistas. A escolha por essa metodologia não se deu somente pela necessidade de responder ao problema de pesquisa, mas também por outras duas questões: primeiramente, por perceber que as mulheres ainda precisam de espaço para contar as suas histórias e percepções; em segundo lugar, pela formação da pesquisadora e pelo gosto de contar as histórias a partir das entrevistas.

As nossas entrevistadas foram escolhidas a partir de uma característica principal – estar trabalhando ou ter trabalhado em uma emissora de TV aberta (seja ela afiliada ou de rede). No início da pesquisa, não percebemos a dificuldade que teríamos em conseguir quatro entrevistas de mulheres de diferentes locais. Mesmo com a proximidade com o subcampo telejornalístico e com contatos diretos, indicados por outras pessoas, muitas jornalistas nem ao menos responderam ao contato. Uma das possíveis entrevistadas respondeu pedindo para marcar quando

⁷³ Disponível em <<https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/aline-midlej-e-heraldo-pereira-formam-primeira-dupla-negra-do-jn>>. Acesso em 29 abr 2022.

estas considerações finais já estavam sendo escritas. Dessa forma, temos grande respeito e apreço pelo relato dado pelas quatro personagens desta dissertação.

Cláudia tem uma trajetória bem específica dentro do telejornalismo. Foi modelo e participou de um programa de entretenimento e, se tornando conhecida, recebeu o convite para apresentar um telejornal de uma emissora de TV aberta, sem ser formada em jornalismo. O primeiro programa que apresentou quebrou muitas expectativas do público e do campo com duas mulheres como apresentadoras, figurinos femininos e grande exposição do corpo. Ao longo do tempo, Cláudia mudou de telejornal, decidiu estudar jornalismo e foi conquistando seu espaço nesse microcosmo, ao mesmo tempo reconheceu que teve a sua personalidade moldada pelo subcampo e pela emissora em que trabalhava. Além de relatar fortemente as padronizações que sofreu, também trouxe os aspectos psicológicos que carrega até hoje, pelas grandes exigências que eram feitas a ela. Em diversas falas, a entrevistada demonstra a forma que adquiriu o *habitus* de jornalista, afirmando que o que considerava que eram questões da emissora, passam a fazer parte da sua personalidade, do seu modo de ser. Além disso, ela apresenta de forma mais incisiva a relação entre jornalismo e gênero masculino, afirmando que foi preciso abdicar de características próprias suas para absorver outras, que possuem essa marcação de gênero.

Nossa segunda entrevistada, Joana, traz consigo características interessantes: contou que se sentia blindada, porque entendia que não se submeteria a certas questões pela sua posição como ativista do feminismo negro. Sentia-se uma pessoa independente dentro da emissora, e considera que muito do respeito que conquistou se deu a partir dessa questão. Acreditamos que essa percepção de independência também decorre do fato de Joana trabalhar com jornalismo especializado, de cultura, onde existe também uma conexão maior do profissional com as pautas. Ainda assim, relatou diversas questões que viveu e observou, como a sua primeira experiência na TV, em que a figurinista dizia que era “impossível” encontrar roupas para ela. A entrevistada trouxe muitas questões relativas ao subcampo, como a necessidade dos contatos (capital social) para conquistar vagas e espaços e as nuances das regras trabalhistas, como o trabalho como freelancer e os contratos temporários. O que marcou muito a fala de Joana foi o fato dela se considerar um perfil – de profissional e estético – específico, e

perceber que nem sempre a televisão terá espaço para ela, justamente pelo local em que, segundo ela, as emissoras colocam as pessoas negras.

Bruna é a entrevistada mais jovem e com menos tempo de experiência na TV aberta, e isso se reflete em seu relato. Trouxe a percepção de quem está em uma sucursal de uma afiliada, em uma cidade do interior do seu estado. Mesmo que trazendo a perspectiva de alguém que sofre menos cobranças específicas em relação à aparência, Bruna expôs de forma naturalizada três questões relativas à padronização do corpo: primeiramente, as suas características de aparência, uma mulher jovem, magra, branca, de cabelos lisos e olhos claros; em segundo lugar, o kit de maquiagem e de figurino que recebeu quando ingressou na emissora, além das diretrizes em relação ao uso de certas roupas; por fim, a percepção de que, quem se “esforça mais” para ter uma aparência mais adequada à tela, tem melhores possibilidades dentro da empresa. Além disso, Bruna abordou diversas questões relativas ao subcampo, principalmente no que diz respeito à sobrecarga de trabalho que os jornalistas enfrentam, com o acúmulo de funções e a diminuição dos postos de trabalho.

Por fim, a entrevistada Nathalia trouxe diversos pontos concernentes à padronização dos corpos no telejornalismo. Mulher negra que trabalha em um estado com maioria da população negra, percebeu as desigualdades nesse meio desde que entrou, passando por emissoras nas quais tinha mais colegas de outros estados (e brancos) do que do local em que morava, mesmo com muitos profissionais qualificados na cidade. Começou a fazer escova no cabelo assim que iniciou a carreira na televisão, porque acreditava que isso tornaria a sua aparência mais “madura”, o que iria trazer “mais credibilidade”. Hoje, conta que ainda utiliza os cabelos lisos por escolha e praticidade. Nathalia trouxe um relato que a chateou muito, sobre a seleção de apresentadora para o jornal de esportes da sua emissora – área que tem mais prazer em trabalhar. Nesse contexto, reportou que uma pesquisa de mercado apontou que a melhor escolha para este cargo era uma mulher branca, loira e magra, apesar de a entrevistada possuir maior experiência para o posto e maior tempo de casa. Nathalia trouxe diversas questões relacionadas ao racismo dentro da televisão ao longo do seu relato: abordou os comentários que recebeu de diretor de TV sobre a dificuldade de enquadrá-la sem estourar o fundo ou deixá-la muito escura, sobre o uso de roupas de cores específicas que contrastam muito com a sua cor de pele. Ela também trouxe observações

diretamente relacionadas ao figurino, quando conta que não se identifica com as roupas que escolhem para ela, que se sente desconfortável e percebe que isso interfere diretamente no seu desempenho no telejornal.

As entrevistadas trouxeram pontos muito importantes para a reflexão acerca da padronização dos corpos das telejornalistas brasileiras. São percepções que, ao mesmo tempo que específicas de cada trajetória, conjuntamente narram perspectivas similares acerca da estética física: as telejornalistas são padronizadas esteticamente ao longo da sua vida profissional, em maior ou menor grau. Tais relatos também constataam o que foi trabalhado no início do trabalho e reforçado pela análise quantitativa: certas características do corpo das mulheres são capitais simbólicos valiosos para o subcampo telejornalístico, e o cuidado com a aparência física acaba por se tornar um atributo do *habitus* das telejornalistas, pela forma como o subcampo se configura. O que observamos no subcampo do telejornalismo está em conexão com o que ocorre em outros campos profissionais, mas, sobretudo, com o modo como nossa cultura e sociedade entendem o corpo das mulheres.

Assim, chegamos à consideração de que o subcampo telejornalístico configura os corpos de mulheres apresentadoras e repórteres, em maior ou menor grau, de forma direta e indireta, buscando padronizá-lo a partir de diretrizes relacionadas à cor de pele, ao formato de corpo, à textura de cabelo, ao figurino e à maquiagem. Configura quando seleciona apenas corpos de mulheres que contenham pelo menos uma das características padronizadas (cor de pele branca, cabelo liso, corpo magro, aparência jovem) – preferencialmente aquelas que contenham todas, como foi possível observar. Configura também através de exigências diretas, quando demanda uma mudança de composição corporal, o uso de determinado figurino, acessórios e maquiagem. Configura quando, mesmo que não seja feita a imposição, entrega um kit de maquiagem, informa como deve ser usado e institui o uso de peças de roupas específicas. Enfim, configura quando dá diretrizes do que se deve ou não usar, mas também configura pelo modo que estabelece o comportamento a ser assumido pelas mulheres.

Essa configuração busca uma padronização que esteja em consonância com os padrões estéticos vigentes, que não representa a população brasileira, que é racista, gordofóbica e etarista. Podemos também perceber que a aparência é levada em consideração de forma intensa na hora de selecionar uma jornalista para a TV, deixando de lado, muitas vezes, qualidades profissionais mais relevantes.

Ainda que percebamos que, de forma geral, algumas mudanças estão ocorrendo no que diz respeito à representatividade de grupos historicamente excluídos das narrativas da mídia, como pessoas negras, trans, gordas, etc., o telejornalismo ainda demonstra resistência em abrir espaço para as possibilidades de profissionais que não estejam no padrão exigido. Como mencionado pela entrevistada Nathalia, a possibilidade de corpos diferentes dentro do telejornalismo comunica que várias outras pessoas, com suas aparências diversas, também podem estar ali.

Levando em consideração que esse padrão branco, magro e jovem é transmitido nas manhãs, tardes e noites para todos os que querem se informar sobre as notícias pela televisão, a mudança na representatividade dos corpos das telejornalistas não é uma transformação apenas para as jornalistas, mas para toda a população brasileira. É necessário que mais mulheres possam se ver representadas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **Casal nacional: significações do corpo e do figurino no telejornalismo**. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação midiática: práticas sociais e produção de sentido) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

AUGUSTO, Amélia. Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência. In: **Forum Sociológico**. Série II. CESNOVA, 2014. p. 73-77.

AURELIANO, Fernanda Leite; DA SILVA, Fernando Firmino. **A padronização estética das apresentadoras dos principais telejornais brasileiros**. Intercom. Paraíba: Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967a.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967b.

BERGAMO, Alexandre, MICK, Jacques, LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho**. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em <<https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em 14 mai 2022.

BIONDI, Antônio; CHARÃO, Cristina. **Terra de Gigantes. Mídia(s) no Brasil**. São Paulo. N. 42. P. 6 – 9. Jan. 2008. Disponível em <<http://www.adusp.org.br/files/revistas/42/rev42.pdf>>. Acesso em 05 de outubro de 2021.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 out. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**. Nº 5, Jan./July, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRASÍLIO, Liza Aparecida. **Um olhar sócio-histórico sobre a beleza: das amarras à alteridade**. 2007. 129 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106274>>. Acesso em 06 out 2021.

BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco de; JÚNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Revista Evidência**, v. 7, n. 7, 2012.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização. 2003

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento Feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARVALHO, Alexandra Bittencourt de. **Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônica**. Viçosa, MG, 2018.

CONTATO, Ana Carolina. As transformações do telejornalismo brasileiro e a influência da ditadura militar na televisão nas décadas de 1960 e 1970. In: **Encontro**

Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI. 2014, Londrina, PR. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT1/AS%20TRANSFORMACOES%20DO%20TELEJORNALISMO.pdf>>. Acesso em 18 de setembro de 2021.

CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo.** São Paulo: Atlas, 1990.

DA SILVA, Marcos Paulo. As dissonâncias cotidianas nas rotinas dos jornais: o habitus jornalístico e a atribuição de um sentido hegemônico às notícias. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 10, n. 1, p. 69-84, 2013. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n1p69>>. Acesso em 10 abr 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DE BARROS FILHO, Clóvis. Reflexo de pauta: ética e habitus na produção da notícia. **Revista Contracampo**, n. 07, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Senac, 2000.

DIAS, Mariana Argoud. **O padrão de aparência na construção do estereótipo da telejornalista brasileira: um estudo de recepção sobre o perfil das jornalistas da Globo.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo). Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

ECO, Umberto. **História da Beleza.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

EMERIM, Cárilda. **Telejornal, tecnologia e narrativa no Brasil para os próximos 65 anos.** In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (org). **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo.** Florianópolis: Insular, 2015.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalístico.** Pauta Geral, Salvador, 2002. Ano 9, n.4, p. 243-258.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo.** São Paulo: Claridade, 2011.
GARCIA, Estevan de Freitas. **Entre disposições práticas e militantes: as trajetórias de jovens jornalistas gaúchos e suas relações com o campo jornalístico.**

158 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

GOMES, Itania Maria Mota et al. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2005. p. 54-72.

GOMES, Luana. **É Fantástico! Gênero e modos de endereçamento no telejornalismo show**. In: GOMES, Itania Maria Mota (org). Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 263-280. Disponível em <<https://books.scielo.org/id/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998-12.pdf>>.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais**. EDUFBA, 2014.

HAMERMÜLLER, Amanda Farias. **A cor na televisão: uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/181722>>. Acesso em 06 mar 2022.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 595-609, 2007.
hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

KAKESHITA, Idalina Shiraishi et al. Construção e fidedignidade teste-reteste de escalas de silhuetas brasileiras para adultos e crianças. **Psicologia: Teoria e**

Pesquisa [online]. 2009, v. 25, n. 2 [pp. 263-270. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000200015>>. Acesso em 08 mai 2022.

LAUS, Maria Fernanda. **Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos**. 2012. Tese (Doutorado em Psicobiologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. doi:10.11606/T.59.2013.tde-26032013-100917. Acesso em: 05 out 2021.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Samuel Pantoja Lima (coord.). **Perfil do jornalista brasileiro**: Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: UFSC, 2021. Disponível em <<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2021/11/2021-11-12-Sum%C3%A1rio-Executivo-19%C2%BA-Encontro-da-SBPJor-RETIJ-VFINAL-REVISADA-2.pdf>>. Acesso em 14 mai 2022.

LORDE, Audre. **Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpos que escapam**. **Estudos feministas**, v. 4, n. 4, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MACHADO, Marcia Benetti; MOREIRA, Fabiane. **Jornalismo e informação de interesse público**. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, núm. 27, agosto, 2005, pp. 117-124. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão: normas práticas**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1195.

MARTINO, Luis Mauro Sá; ZANCOPER, Julya Vendite. PADRÕES ESTÉTICOS E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE MULHERES TELEJORNALISTAS: uma pesquisa exploratória. **Revista Observatório**, v. 3, n. 6, p. 658-679, 1 out. 2017. Disponível em < <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3318>>. Acesso em 05 out 2021.

MATOS, Carolina Leite Franklin de. **Mulheres jornalistas no telejornalismo: a cidadania das que constroem cidadania**. 2006. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.27.2006.tde-04082009-214614. Acesso em: 2022-02-02.

MCKEAN, Erin. You Don't Have to Be Pretty. **A Dress A Day**. 20 out. 2006. Disponível em <<https://dressaday.com/2006/10/20/you-dont-have-to-be-pretty/>>. Acesso em 08 mai 2022.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2009.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo**. Editora Ágora, 2008.

NEVEU, Érick. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NOVAES, Joana V.; VILHENA, Junia De. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003.

PNAD Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. **Agência de Notícias IBGE**, 20 dez. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 8 set. 2020.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RANGEL, Mary; DO NASCIMENTO RODRIGUES, Jéssica; MOCARZEL, Marcelo. Fundamentos e princípios das opções metodológicas: Metodologias quantitativas e procedimentos quali-quantitativos de pesquisa. **Omnia**, v. 8, n. 2, p. 5-11, 2018.

REZENDE, Guilherme de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **sur**, v. 24, p. 99-104, 2016. Disponível em <<http://www.unirio.br/conselhos-superiores/unirio/cchs/ess/Members/vanessa.bezerra/relacoes-de-genero-no-brasil/djamila-ribeiro.pdf>>. Acesso em 28 abr 2022.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Imagens midiáticas em corpos eletrônicos. **Intexto**. N.18, 2008. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/6723/4030>>. Acesso em 19 jun 21.

ROSÁRIO, Nísia Martins do, AGUIAR. Lisiane. Implosão mediática: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 41, p. 166-185, 2015. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/82572>>. Acesso em 19 jun 21.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Formatos e gêneros em corpos eletrônicos**. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria L. Dias de (Org.). Comunicação audiovisual: gênero e formatos. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Nos discursos do corpo televisivo: jogo, sedução e prescrição**. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2003.

SANCHOTENE, Carlos; PEDROZO, Mariana; ZUCOLO, Rosana Cabral. **A mulher negra na TV e no telejornalismo gaúcho: percepções sobre gênero, raça e profissão** (The Black Woman on TV and telejournalism gaúcho: perceptions on gender, race and profession). **Emancipação**, v. 18, n. 2, p. 422-436, 2018.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTANA, Tiago Evangelista. **Políticas étnico raciais e discriminação: reflexões sobre o colorismo no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In: **Revista Brasileira de Educação**, Nº20, 2002, p. 60-70

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Porto Alegre, UFRGS, 2010.

SOUZA, Cintya da Silva, MACHADO, LharissaYanni Santos, FARIA, Walter Júnior Jovêncio de. **Harmonização facial com maquiagem: descrição das técnicas de contorno em alguns formatos de rosto**. Disponível em <<http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/9535>>. Acesso em 03 out 2021.

SPINELLI, E. M. Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos na televisão e Internet. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1-15, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88269>. Acesso em 05 out. 2021.

STF decide que diploma de jornalismo não é obrigatório para o exercício da profissão. **UOL Notícias**, São Paulo. 17 jun 2009. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/06/17/ult5772u4370.jhtm>>. Acesso em 27 mar 2022.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; SIMÃO, Núbia da Cunha. Televisão: reflexões sobre o campo jornalístico, a partir de Pierre Bourdieu. **XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**. 2019. Disponível em <<https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0539-1.pdf>>. Acesso em 05 ou 2021.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TV é o meio preferido de 63% dos brasileiros para se informar, e internet de 26%, diz pesquisa. **G1**. São Paulo, 24 de outubro de 2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em 08 de setembro de 2020.

VILAS BÔAS, Valéria. Mulher, Negra e Repórter: atravessamentos entre gênero, raça, subjetividade e telejornalismo na trajetória de Glória Maria. **Revista ECO-Pós**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 165–184, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27620. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27620>. Acesso em: 28 set. 2021.

ANEXO A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu,, estou sendo convidado/a a participar do estudo *Corpos televisuais: percepções e exigências sobre a aparência das telejornalistas brasileiras*. Minha participação neste estudo será a de conceder um relato através de entrevista. Estou ciente de que poderei discorrer livremente sobre as questões propostas pela pesquisadora, sem qualquer constrangimento ou imposição, e que, se me sentir desconfortável, posso optar por não responder a alguma questão.

Fui informada de que o relato obtido a partir desta entrevista será utilizado somente para fins acadêmicos e de que a pesquisa contribuirá para a construção de conhecimento no campo teórico do telejornalismo e das corporalidades femininas. Nesse sentido, as informações desta entrevista poderão ser publicadas no relatório da pesquisa que será defendido como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), bem como em artigos, capítulos de livros e livros, mas que será mantido sigilo em relação à minha identificação. Fui informada ainda de que o áudio da entrevista será gravado para posteriores análises, bem como estou ciente de que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de justificativas, e, por conta disso, não sofrerei nenhum tipo de contestação e/ou prejuízos.

Fui informada sobre os eventuais riscos de minha participação na pesquisa, a qual pode causar algum tipo de constrangimento, ou, ainda, trazer à memória experiências e situações vividas que podem provocar algum desconforto psíquico. Estou ciente de que se me sentir de alguma forma cansada ou desconfortável, como nas situações citadas acima, posso solicitar, a qualquer momento, interrupção da pesquisa. Fui informada ainda de que, em razão dos protocolos sanitários no contexto atual de Covid-19, a entrevista acontecerá, preferencialmente, por meio de plataformas digitais gratuitas (Google Meet, Zoom ou Teams) e/ou presencialmente, somente quando for solicitado por parte da entrevistada que não se sentir confortável para usar das plataformas digitais mencionadas, respeitando os protocolos de distanciamento/segurança e uso de máscara. Também fui informada de que nas entrevistas realizadas virtualmente poderão haver riscos característicos das instabilidades dos ambientes digitais, que podem ocasionar queda na chamada

de vídeo ou ruídos no áudio do relato e, em função das limitações das tecnologias utilizadas, estou ciente de que as pesquisadoras laborarão e se esforçarão para manter sigilo das informações do meu relato, mas que os mesmos possuem limitações para assegurar total confidencialidade, havendo, de alguma forma, algum risco de violação pelas incertezas dos ambientes virtuais e/ou das tecnologias utilizadas.

Também fui informada sobre os benefícios da minha participação, diretos ou indiretos, que dizem respeito à importância da reflexão sobre as vivências das mulheres no telejornalismo em relação a seus corpos, que pode trazer impactos para essa área do conhecimento, tanto em nível acadêmico quanto no mercado de trabalho. Além disso, pode trazer maior compreensão acerca do campo para as próprias jornalistas. Sei que é estimado tempo entre 1h e 1h30min para minha participação na entrevista. Após dar o consentimento sobre a minha participação ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), fui informada que posso, previamente a realização da entrevista, ter acesso aos tópicos que serão abordados, para ter ciência do teor dos seus conteúdos.

Sobre o arquivamento das gravações das entrevistas, estou ciente de que o tempo de guarda será de cinco anos (a contar da data da realização da entrevista), sob responsabilidade da Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário, orientadora da pesquisa. Também estou segura de que tenho livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre este estudo, podendo solicitar às pesquisadoras a qualquer momento. Além disso, para minha segurança, fui informada de que, não podendo assinar de forma presencial este documento (TCLE), após a pesquisadora lê-lo e eu ter dado consentimento para realização da entrevista, devo receber e guardar uma cópia do registro de documento eletrônico da minha anuência.

Conjuntamente, fui informada de que a pesquisadora responsável pelo estudo, a Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário, é docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), sendo ela a orientadora da autora da pesquisa, Mariana Argoud Dias, discente de mestrado em Comunicação no PPGCOM/UFRGS. Também estou ciente de que somente essas pesquisadoras terão acesso às minhas informações. Caso seja necessário, também fui orientada a entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS), que funciona das 08:00h às 12:00h e das 13:00h às 17:00h, através do fone: (51)

3308-3738 e e-mail etica@propesq.ufrgs.br, ou no endereço: Rua Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 - Prédio Anexo 1 da Reitoria – Campus Centro, em Porto Alegre/RS, CEP: 90040-060. Fui informada pelas pesquisadoras de que, enquanto perdurar o período de excepcionalidade das atividades remotas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) decorrentes da pandemia de Covid19, o contato com o CEP/UFRGS se dá somente através do e-mail acima mencionado.

Assim, tendo sido informada sobre o conteúdo de todo trabalho e compreendido a natureza e o objetivo deste estudo, manifesto meu livre consentimento em participar desta pesquisa, ciente de que não há nenhum valor a ser pago e/ou recebido por minha participação. Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS) e está em duas vias, uma ficará com a pesquisadora, e a outra, com a entrevistada.

....., de de 2022

Assinatura da participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável